

Autora Bestseller do USA TODAY

MELANIE MILBURNE

JAMAIS DIGA NÃO





– Eu deveria agradecer, Rafe? Beijar seus pés? Humilhar-me diante de você? Vamos, encoste um dedo em mim e veja o que acontece. Eu o desafio...

Foi um beijo possessivo, uma pressão quente e firme contra seus lábios que a fez tremer, como se uma carga elétrica de alta voltagem estivesse passando diretamente do corpo dele para o seu.

Poppy pretendia lutar contra ele, mas, de alguma maneira, assim que suas bocas se conectaram, os lábios dela se suavizaram, derretendo-se sob o propósito feroz de Rafe. Ela abriu-se ao comando dele e provou o ardor potente.

Todavia, ainda mais *mortificante*, foi ter emitido um gemido de aprovação, antes que ele quebrasse a conexão.

Era um pequeno consolo que Rafe parecesse tão chocado quanto ela se sentia. Os olhos escuros estavam quase pretos enquanto ele tirava as mãos de seus braços e dava um passo trêmulo atrás.

Poppy exalou o ar num suspiro. Sabia que a batalha estava longe de terminar.

Estava apenas começando.

Querida leitora,

Poppy Silverton é uma pedra no sapato de Rafe Caffarelli, e vice-versa. Mas não demora para que a antipatia inicial se transforme em atração. Apesar de viverem em mundos diferentes, terem valores diferentes e pensarem de modo totalmente diferente, não conseguem resistir ao desejo... Será que os dois conseguirão manter a sintonia que têm dentro do quarto fora dele?

Boa leitura!

Equipe Editorial Harlequin Books

Melanie Milburne

JAMAIS DIGA NÃO

Tradução
Ligia Chabú



2013

CAPÍTULO UM

— COMO ASSIM ela não vai vender? —
Raffaele Caffarelli franziu o cenho para sua secretária, baseada em Londres.

Margaret Irvine virou as palmas para cima, como se dizendo que não tinha culpa.

— A srta. Silverton recusou sua oferta.

— Então, faça uma maior.

— Eu fiz. Ela também recusou.

Rafe tamborilou os dedos sobre a mesa por um momento. Não tinha esperado um contratempo a essa altura.

Tudo dera certo, até agora. Ele não tivera problema em adquirir a majestosa mansão de campo inglesa e os terrenos ao redor, em Oxfordshire, por um ótimo preço. Mas a casa menor, chamada dower house, por ser geralmente designada para a viúva do dono de uma grande propriedade ou fazenda, possuía uma escritura separada, um pequeno problema, como tinha sido levado a acreditar por seu corretor de imóveis. O corretor o assegurara de que seria fácil adquirir a dower house, de modo que a Propriedade Dalrymple pudesse ser inteira mais uma vez; tudo que ele precisava fazer era oferecer um valor

acima do mercado. Rafe havia sido generoso em sua oferta. Como o resto da propriedade, o lugar estava em condições precárias, precisando muito de uma reforma, e ele possuía o dinheiro necessário para transformá-lo numa obra de arte, devolvendo sua antiga glória. O que a mulher estava pensando? Como poderia, em seu juízo perfeito, recusar uma oferta tão boa como a sua?

E l e *não* desistiria. Tinha visto a propriedade listada on-line e pedido que seu gerente, James... que seria demitido, se não resolvesse isso logo... a adquirisse para ele.

Fracasso não era uma palavra que

alguém ousaria associar ao nome Raffaele Caffarelli. Não permitiria que um pequeno empecilho interferisse no que ele queria.

– Você acha que essa tal de Silverton descobriu, de alguma maneira, que fui eu quem comprou a Mansão Dalrymple?

– Quem sabe? – Margaret deu de ombros. – Mas acho que não. Nós conseguimos manter a imprensa longe disso, até agora. James lidou com toda a papelada, em segredo, e eu fiz a oferta à srta. Silverton através do corretor de imóveis, como você instruiu. Você não a conhece pessoalmente, certo?

– Não, mas conheço o tipo dela. –

Rafe deu um sorriso cético. – Assim que souber que é um incorporador rico que quer a casa, vai apostar tudo, tentando tirar cada centavo meu que puder. – Rafe suspirou. – Eu *quero* aquela propriedade. Quero aquela propriedade *inteira*.

Margaret deslizou um envelope sobre a mesa para ele.

– Achei recortes de jornais do vilarejo local, de alguns anos atrás, sobre o velho homem que possuía a mansão. Parece que o falecido lorde Dalrymple tinha uma fraqueza por Poppy Silverton e pela avó dela. Beatrice Silverton era a governanta da mansão.

Aparentemente, ela trabalhou lá por anos e...

– Interesseira – murmurou Rafe.

– Quem? A avó?

Ele levantou-se.

– Quero que descubra tudo que puder sobre esta mulher, Polly. Quero que ela...

– Poppy. O nome dela é Poppy.

Rafe fez uma careta e continuou:

– Poppy, então. Quero saber sobre o passado dela, os namorados... até mesmo o tamanho do sutiã. Absolutamente tudo. E quero o relatório na minha mesa, na segunda-feira de manhã.

As sobancelhas de Margaret se ergueram, mas ela manteve a postura de “secretária obediente”.

– Vou trabalhar nisso imediatamente.

Rafe andou pela sala enquanto sua secretária reunia uma pilha documentos de sua mesa para arquivá-los. Talvez ele devesse ir ao vilarejo e dar uma espiada, pessoalmente. Só vira a mansão e a área que a cercava pelas fotos que James lhe enviara por e-mail. Não faria mal algum ir até lá para avaliar o “inimigo” de perto.

Ele pegou as chaves.

– Vou viajar pelo fim de semana. Alguma coisa urgente, me ligue, do

contrário, vejo você na segunda-feira.

– Quem é a garota sortuda, desta vez?

– Margaret agarrou a papelada contra o peito. – Ainda é a modelo de biquíni californiana, ou ela já virou história?

Rafe vestiu o paletó.

– Isso pode surpreendê-la, mas pretendo passar este fim de semana sozinho. – Ele a olhou. – Por que a expressão de espanto?

Sua secretária sorriu.

– Você não passa um fim de semana sozinho desde... não sei desde quando.

– E daí? Há uma primeira vez para tudo, não é?

POPPY ESTAVA se inclinando para tirar

os pratos da mesa 3 quando a porta de sua casa de chá se abriu no sábado à tarde. Mesmo estando de costas para a porta, ela sabia que não era um de seus clientes regulares. O toque do sino dos ventos soou completamente diferente. Ela virou-se com um sorriso de boas-vindas, que desapareceu quando Poppy se deparou com um colarinho de camisa aberto e um vislumbre de peito masculino bronzeado na altura que normalmente esperava ver o rosto de alguém.

Inclinou a cabeça para trás e encontrou um par de olhos castanhos tão escuros que pareciam quase pretos. O

rosto incrivelmente bonito, com uma barba começando a despontar, parecia familiar. Um ator de cinema, talvez? Algum tipo de celebridade? Ela pensou um pouco, mas não conseguiu descobrir de onde o conhecia.

– Hum... uma mesa para...?

– Um.

Uma mesa para um?, Poppy questionou-se em silêncio. Ele não parecia o tipo de “mesa para um”. Parecia o tipo que teria um harém de mulheres adoráveis seguindo-o para todos os lados.

Talvez fosse modelo, um daqueles homens magníficos que apareciam em

revistas brilhantes, fazendo propaganda de colônia pós-barba.

Mas quem ia a uma casa de chá antiga, sozinho? Era para isso que os cafés modernos serviam... um lugar para uma pessoa ficar horas, lendo os jornais do dia, enquanto tomava um café expresso com um muffin.

Poppy de repente ficou nervosa. *Ele era um crítico gastronômico?* Oh, Deus! Ela estava prestes a ser criticada em algum blog de culinária, que arruinaria seus negócios? Já lutava para não afundar, uma vez que o movimento diminuía muito desde que aquele novo restaurante pretensioso... o qual Poppy

nem podia nomear, ou pensar, sem querer vomitar... abrira no vilarejo vizinho. A crise na economia significava que pessoas não estavam mais se dando ao luxo de um chá da tarde completo.

Elas economizavam e iam jantar fora, em vez disso... *no restaurante de seu ex-namorado.*

Poppy estudou o estranho bonito, disfarçadamente, enquanto o conduzia para a mesa quatro.

– Que tal aqui? – Ela puxou uma cadeira enquanto tentava identificar o sotaque do homem. Francês? Italiano? – Você tem uma vista adorável da Mansão Dalrymple e do labirinto, a distância.

Ele deu uma olhada superficial para a vista, antes de voltar-se para ela. Poppy sentiu pequenos choques se espalhando por seu corpo quando aqueles olhos escuros prenderam os seus. Deus, que boca maravilhosa ele tinha. Tão máscula e firme, com lábios carnudos e sensuais. Por que ele não se sentava? Ela ficaria com dor no pescoço pelo resto do dia.

– Isto é algum tipo de atração turística? – perguntou ele. – Parece algo tirado de um romance de Jane Austen.

Ela lhe lançou um olhar irônico.

– É a *única* atração turística, não que esteja aberta ao público, ou algo assim.

– Parece um lugar magnífico.

– É um lugar fabuloso. – Poppy deu um suspiro nostálgico. – Passei a maior parte de minha infância lá.

Uma sobrancelha escura se arqueou, mostrando leve interesse.

– Ah, verdade?

– Minha avó era a governanta de lorde Dalrymple. Ela começou a trabalhar na mansão quando tinha 15 anos e ficou lá até o dia em que morreu. Nunca pensou em arranjar outro emprego. Não existe mais lealdade como essa, hoje em dia, existe?

– Realmente, não existe.

– Ela faleceu seis meses depois dele.

– Poppy suspirou novamente. – Os

médicos disseram que foi um aneurisma, mas acho que minha avó não sabia o que fazer consigo mesma depois que ele se foi.

– Então, quem mora lá agora?

– Ninguém, no momento – replicou ela. – A casa ficou vaga por mais de um ano enquanto o inventário era feito de acordo com o testamento de lorde Dalrymple. Há um novo dono, mas ninguém sabe quem é, ou o que eles planejam fazer com o lugar. Estamos todos com medo de que a propriedade tenha sido vendida para algum incorporador louco, ambicioso e sem gosto. Outra parte de nossa história

local será perdida para sempre sob alguma construção horrível chamada – ela levantou os dedos para sinalizar aspas – arquitetura moderna.

– Não existem leis que impeçam que isso aconteça?

– Sim, mas algumas pessoas muito ricas acham que estão acima da lei. Quanto mais dinheiro elas têm, mais poder parecem esperar exercer. Isso faz meu sangue ferver. A Mansão Dalrymple precisa ser um lar familiar novamente, não algum tipo de palácio de playboy.

– A casa parece um pouco grande demais para uma família média dos dias de hoje – observou ele. – Deve ter três

andares, pelo menos.

– Quatro – disse ela. – Cinco se contar o porão. Mas a mansão precisa de uma família. Está pedindo uma desde que a esposa de lorde Dalrymple morreu no parto, todos aqueles anos atrás.

– Imagino que ele não se casou de novo?

– Clara era o amor da vida dele e, quando ela morreu, acabou tudo. Ele nem mesmo olhava para outra mulher. Não é comum esse tipo de compromisso hoje em dia, é?

– Realmente, não é.

Poppy passou o menu para cobrir o silêncio que se seguiu. Por que estava

falando sobre lealdade e compromisso com um completo estranho? Chloe, sua assistente, estava certa: talvez ela precisasse sair mais. A traição de Oliver deixara Poppy muito desencantada. Ele a cortejara, então a explorara da pior maneira imaginável. Ele não *a* quisera; usara seu conhecimento e sua experiência para abrir um negócio concorrente ao seu. Como havia sido ingênua! Ainda tremia ao pensar em quão perto chegara de dormir com ele.

– Hum, temos um bolo especial do dia. Pão de ló com geleia de framboesa e creme.

O homem de cabelo escuro ignorou o menu e sentou-se.

– Apenas café.

Poppy piscou. Tinha 40 tipos de chá especial e ele queria *café*?

– Oh... certo. Que tipo? Temos *cappuccino*, café com chantili...

– Expresso duplo. Preto, sem açúcar.

Você ficaria com dor se desse um sorriso? E quem ia a uma casa de chá para tomar café?

Havia alguma coisa sobre ele que fazia Poppy se sentir irritada e defensiva. Parecia estar zombando dela por trás daqueles olhos escuros e inescrutáveis. Era por causa de seu

vestido da era eduardiana e avental de babados? Era seu cabelo ruivo cacheado embaixo de seu chapéu antigo? Essa era a ideia da casa de chá Poppy's Teas: uma experiência no velho mundo, uma chance de deixar o ritmo frenético do mundo moderno enquanto se apreciava uma boa xícara de chá com bolo caseiro, como sua tataravó costumava fazer.

— Vou buscar seu café. — Poppy virou-se, carregou a bandeja de volta para a cozinha e colocou-a sobre o balcão com força desnecessária.

Chloe ergueu os olhos dos pães doces que estava recheando.

— O que houve? Você parece agitada.

– Ela estreitou os olhos. – Não me diga que aquele imbecil do Oliver apareceu com a nova namorada, apenas para esfregar sal na ferida? Quando penso em todas as suas receitas maravilhosas que Oliver faz como se fossem criações dele, tenho vontade de matá-lo.

– Não. – Poppy começou a esvaziar a bandeja. – É só um sujeito que tenho a impressão de conhecer de algum lugar...

Chloe largou a faca e colocou-se na ponta dos pés, a fim de espiar pelo vidro da porta vaivém.

– Ah, meu Deus. – Ela virou-se para Poppy com olhos arregalados. – É um dos Três Rs.

Poppy franziu a testa.

– Um do quê?

– Os irmãos Caffarelli. Há três deles. Raffaele, Raoul e Remy. Rafe é o mais velho. Eles são bilionários franco-italianos. Do tipo que tem aviões particulares, carros velozes e mulheres ainda mais velozes.

Poppy meneou a cabeça enquanto ia para a cafeteira.

– Bem, mesmo todo esse dinheiro não lhe ensinou bons modos. Ele não pediu por favor nem agradeceu – disse ela. – Nem sorriu.

Chloe olhou pelo painel de vidro novamente.

– Talvez você não precise ser gentil com pessoas comuns como nós quando é podre de rico.

– Minha avó costumava falar que você pode dizer muito sobre uma pessoa pelo jeito que ela respeita outros que não tem *obrigação* de respeitar. Lorde Dalrymple era um exemplo perfeito disso. Tratava todo o mundo igual. Não importava se fosse uma faxineira ou um rei.

Chloe voltou a rechear os pães doces.

– O que será que ele está fazendo em nosso pequeno vilarejo atrasado? Não estamos exatamente na trilha turística, hoje em dia. A nova autoestrada cuidou

disso.

A mão de Poppy congelou na máquina de expresso.

– É *ele*.

– Ele?

– O novo dono da Mansão Dalrymple.

– Poppy olhou para sua assistente. – É ele que quer me tirar da minha casa. Eu sabia que havia alguma coisa estranha sobre a mulher que veio aqui outro dia com aquele corretor insistente. Aposto que *ele* enviou-a para fazer seu trabalho sujo.

– Eu sei o que isso significa – disse Chloe.

Poppy endireitou os ombros e pôs um

sorriso forçado no rosto.

– Você está certa. – Ela pegou o expresso duplo e dirigiu-se à porta que levava à casa de chá. – *Isso significa guerra.*

RAFE OLHOU ao redor da curiosa casa de chá. Era com o voltar ao passado. A sensação era de que um soldado da Primeira Guerra Mundial entraria por aquela porta, com uma lady elegantemente vestida, a qualquer momento. O cheiro delicioso de pão caseiro preenchia o ar. Flores frescas estavam em vasos sobre as mesas, e os guardanapos eram bordados à mão. As xícaras de chá e pratos eram uma

coleção variada e colorida de porcelana chinesa, sem dúvida adquirida de lojas de antiguidade por todo o país.

Aquilo lhe dizia muito sobre a dona da casa de chá. Ele presumia que a bonita ruiva que o atendera fosse Poppy Silverton. Ela não era o que ele tinha esperado. Imaginara alguém mais velha, mais “calejada”.

Poppy Silverton parecia ter saído das páginas de um livro de contos de fada. Ela possuía uma abundância de cachos ruivos, com mechas douradas... rebeldes, ele suspeitava, considerando como escapavam do chapéu antigo para lhe emoldurar o rosto; olhos castanhos

da cor de café e uma boca rosada que parecia suave e macia. A pele era clara, e havia pequenas sardas sobre o nariz delicado. Ela era um misto entre Cinderela e Sininho.

Bonita... mas não seu tipo, é claro.

A porta da cozinha se abriu, e ela apareceu, trazendo seu café, com um sorriso no rosto que não alcançava os olhos.

– Seu café, *senhor*.

Rafe sentiu um leve aroma de perfume floral quando ela inclinou-se para pôr seu café sobre a mesa. Ela não identificou a fragrância... lírio do vale ou frésia?

– Obrigado.

Ela deu um olhar direto.

– Tem certeza de que não gostaria de um pedaço de bolo? Temos outras variedades, ou cookies, se você não gosta de bolo.

– Não sou muito de doces.

Ela comprimiu os lábios, como se desprezasse sua preferência pessoal.

– Temos sanduíches, também.

– O café é tudo que quero. – Rafe pegou sua xícara e deu um de seus sorrisos formais. – Obrigado.

Ela inclinou-se para pegar uma pétala caída de uma das aquilégias e ofereceu uma visão espetacular de seu vale entre

os seios. Ela possuía um corpo de bailarina, com curvas em todos os lugares certos, e uma cintura incrivelmente estreita. Ele podia sentir que ela estava hesitando ali, adiando o momento de voltar à cozinha.

Teria adivinhado quem ele era? Não mostrara nenhum dos sinais de reconhecimento que Rafe normalmente recebia. Olhara-o com expressão intrigada, como se tentando descobrir onde o vira antes, logo que ele entrara. Era confortante pensar que nem todo o mundo na Inglaterra tinha ouvido sobre seu último relacionamento desastroso. Rafe não magoava suas amantes

deliberadamente, mas nos dias atuais, uma mulher desprezada era uma mulher com arma de destruição em massa, mais comumente conhecida como mídia social.

Poppy Silverton moveu-se para uma das outras mesas e arrumou os guardanapos já perfeitamente arrumados.

Rafe não conseguia tirar os olhos dela, que o atraía como um imã. A mulher era tão intrigante que ele se sentia quase enfeitiçado.

Pare com isso. Você está aqui para vencer uma batalha, não para ser seduzido por uma mulher que

provavelmente é tão manipuladora quanto outra qualquer. Não deixe que esta linda boca e grandes olhos de Bambi o enganem.

– O lugar está sempre movimentado assim? – ironizou ele.

Ela virou-se para encará-lo, mas a expressão tensa o informou que ela não apreciou seu senso de humor.

– Tivemos uma manhã muito movimentada. Uma das mais movimentadas até hoje. Corremos de um lado para o outro, foi uma confusão.

Rafe sabia que ela estava mentindo. Aquele pequeno vilarejo era tão parado que até mesmo o rato da igreja fizera as

malas e partira para um lugar mais excitante. Era por isso que ele quisera a mansão. Era o lugar perfeito para construir um hotel de luxo para os ricos e famosos, que queriam garantir sua privacidade. Rafe deu um gole do café. E era muito melhor do que imaginara.

– Há quanto tempo você administra este lugar? Estou presumindo que você seja a dona?

– Dois anos.

– Onde você estava antes?

Ela limpou um farelo invisível da mesa ao lado da sua.

– Eu era subchef em um restaurante no Soho. Decidi que queria passar algum

tempo com minha avó.

Rafe suspeitava que houvesse mais do que isso na mudança de carreira da mulher. Seria interessante ver o que sua secretária descobriria sobre ela. Ele recostou-se e observou-a por um momento.

– E quanto aos seus pais? Eles moram por aqui?

A expressão facial dela se fechou.

– Eu não tenho pais, desde meus 7 anos.

– Sinto muito. – Rafe sabia tudo sobre crescer sem pais. Quando ele estava com 10 anos, seu pai morrera num acidente de barco na Riviera Francesa.

Um avô o criara, mas tinha a impressão de que a avó de Poppy Silverton não fora nem um pouco parecida com seu avô autocrático e dominador Vittorio. – Você administra esta casa de chá, sozinha?

– Há outra garota trabalhando para mim. Ela está na cozinha. – Ela deu um olhar penetrante. – Você está somente passado pelo vilarejo ou é da região?

– Apenas de passagem.

– O que o traz a estas áreas?

Era sua imaginação ou os olhos cor de caramelo haviam brilhado de raiva para ele?

– Estou fazendo algumas pesquisas.

– Para?

– Para um projeto no qual estou trabalhando.

– Que tipo de projeto?

Rafe deu um gole de seu café e estudou-a por um momento.

– Você interroga todos os clientes assim que eles passam pela porta?

Ela fechou as mãos em suas laterais.

– Eu *sei* por que você está aqui.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Vim para tomar um café.

Os olhos castanhos brilharam com raiva; não havia dúvida, desta vez.

– Não é verdade. Você veio para sondar o território. Veio avaliar a

oposição. Eu *sei* quem você é.

Rafe deu um de seus sorrisos afáveis, o tipo de sorriso que fechava mais negócios e abria mais portas de quartos do que ele podia contar.

– Vim para lhe fazer uma oferta irrecusável. – Ele recostou-se na cadeira, confiante de que encontraria o preço dela e resolveria tudo facilmente. – Quanto você quer pela dower house?

Ela o encarou.

– Minha casa *não* está à venda.

Rafe sentiu uma onda de excitação em seu sangue. Então, ela ia bancar a difícil? Ele adorava um desafio. Quanto mais difícil, melhor... mais satisfatório.

Fracasso não era uma palavra que permitia em seu vocabulário.

Venceria esta batalha.

Ele estudou-a, observando as faces coradas e os olhos brilhantes. Sabia o que ela estava fazendo... tentando conseguir o preço mais alto que pudesse.

Tão previsível.

– Quanto você quer para mudar de ideia?

Os olhos castanhos se estreitaram quando ela plantou as mãos sobre a sua mesa com tanta força que a xícara de porcelana chinesa balançou no pires.

– Vamos deixar uma coisa bem clara,

sr. Caffarelli. Você *não pode* me comprar.

Rafe olhou preguiçosamente para a sombra deleitável entre os seios dela, antes de encontrar os olhos furiosos.

– Não me entendeu, srta. Silverton. Eu não quero *você*. Quero somente a sua casa.

As faces dela se tornaram vermelhas de raiva.

– Você *não* a terá.

Rafe sentiu um tremor primitivo percorrer seu sangue, antes de se instalar em seu sexo. Não podia se lembrar da última vez que uma mulher lhe dissera não. Aquele desafio seria

mais divertido do que antecipara.

Ele *não* desistiria até que conseguisse a casa. E ela.

Levantou-se, e ela deu alguns passos atrás, num sobressalto.

– Eu a terei. – Ele pôs uma nota de 50 libras sobre a mesa, prendendo-lhe o olhar com o seu. – Isto é pelo café. Fique com o troco.

CAPÍTULO DOIS

POPPY ABRIU a porta da cozinha com tanta força que a bateu a parede.

– Não acredito na audácia deste homem. Ele achou que pudesse entrar aqui, balançar um maço de notas debaixo de meu nariz, e eu lhe venderia minha casa. Quanta *arrogância!*

Os olhos azuis de Chloe se arregalaram.

– O que aconteceu lá fora? Pensei que você fosse socá-lo.

Poppy a olhou.

– Ele é o homem mais detestável que já conheci. Eu *já* venderei minha casa para ele. Está me ouvindo? *Já*.

– Quanto ele está oferecendo?

Poppy fez uma careta.

– Não faria diferença se ele oferecesse bilhões... eu não aceitaria.

– Tem certeza de que você está fazendo a coisa certa? – perguntou Chloe. – Sei que sua casa tem muito valor sentimental, porque você morou lá com sua avó, mas as circunstâncias mudaram. Ela não esperaria que você recusasse uma fortuna, somente por causa de algumas lembranças.

– Não é por causa das lembranças –

disse Poppy. – Este é o único lar que eu já conheci. Lorde Dalrymple deixou a casa para mim e vovó. Não posso vendê-la, como se fosse um móvel que não quero mais.

– Mas e quanto às contas? – perguntou Chloe com uma fisionomia preocupada.

Poppy tentou ignorar o pânico que a vinha consumindo. A preocupação com o próximo aluguel da casa de chá a mantivera acordada por três noites seguidas. Suas economias tinham acabado depois de pagar pelo funeral de sua avó, e ela vinha correndo atrás do prejuízo desde então. As contas continuavam chegando. Poppy não tivera

ideia que possuir a própria casa pudesse ser tão caro. E, como se o restaurante de Oliver não tivesse prejudicado seus negócios o bastante, um de seus cachorros adotados, Pickles, precisara de uma cirurgia. O veterinário lhe fizera um preço camarada, mas mesmo assim, isso causara um rombo considerável em sua conta bancária.

– Tenho tudo sob controle.

Chloe pareceu duvidosa.

– Eu não descartaria possibilidades, ainda. O movimento está fraco para primavera. Nós só vendemos um chá Devonshire esta manhã. Terei de congelar os bolinhos de passas.

– Não, não faça isso – disse Poppy. – Eu os levarei para Connie Burton. Os três meninos dela vão adorar.

– Esse é metade de seu problema – murmurou Chloe. – Você dirige este lugar como uma instituição de caridade, em vez de como um negócio. Tem o coração muito mole.

Poppy cerrou os dentes enquanto abria uma gaveta.

– Não vou aceitar a caridade *dele*. – Ela achou um envelope e pôs o troco do café ali dentro. – Vou devolver esta gorjeta, assim que acabar aqui.

– Ele lhe deu gorjeta?

– Ele me *insultou*.

A expressão de Chloe era de incredulidade.

– Dando uma nota de 50 libras por um café expresso? Seria bom se tivéssemos alguns clientes como ele.

Poppy selou o envelope, com raiva.

– Sabe o quê? Não vou esperar acabar o trabalho para dar isto a ele. Vou levar o envelope agora mesmo. Você pode fechar para mim, por favor?

– Ele está hospedado na mansão?

– Presumo que sim – replicou Poppy.

– Onde mais ele ficaria? Não é como se tivéssemos algum hotel de cinco estrelas no vilarejo.

Chloe deu um olhar irônico.

– Ainda não.

Poppy pegou as chaves.

– Se o sr. Caffarelli pensa que vai construir uma de suas mansões de playboy aqui, então será sobre o meu cadáver.

RAFE ESTAVA na sala de visitas, inspecionado danos em uma das janelas, quando viu Poppy Silverton vindo ao longo do caminho de cascalho em direção à mansão. O cabelo encaracolado, agora livre do chapéu, balançava enquanto ela andava e segurava um envelope branco numa das mãos.

Ele sorriu.

Tão previsível.

Ele esperou até que ela batesse algumas vezes, antes de abrir a porta.

– Que encantador – murmurou Rafe olhando para o rosto em formato de coração e olhos castanhos brilhantes. – Minha primeira visitante. Eu não deveria carregá-la para atravessar a soleira, ou algo assim?

Ela lhe deu um olhar frio, então empurrou o envelope em direção ao seu peito.

– Este é seu troco.

Rafe ignorou o envelope.

– Vocês, britânicos, têm problema com gorjetas, não é?

– Não aceitarei nada de você. –
Poppy estendeu o envelope, novamente.
– Aqui. Pegue.

Ele cruzou os braços sobre o peito e sorriu.

– Não.

Os olhos cor de café reluziram com raiva. Por um momento, Rafe imaginou que ela o esbofetearia. E pegou-se desejando que ela o fizesse, pois isso significaria que ele precisaria detê-la. A ideia de pôr os braços ao redor daquele corpo delgado era deliciosamente tentadora.

Ela suspirou e, erguendo-se na ponta dos pés, enfiou o envelope no bolso no

peito da camisa dele. Rafe sentiu a alta voltagem do toque através do algodão da camisa, e ela também devia ter sentido, pois tentou recolher a mão como se tivesse se queimado.

Mas não foi rápida o bastante para ele.

Rafe capturou-lhe a mão, envolvendo os dedos ao redor do pulso delicado e sentindo as batidas aceleradas ali. O pequeno corpo estava tão perto do seu que quase se tocavam. Desejo o inundou. Ele estava ereto em segundos, pulsando com uma luxúria tão poderosa que precisou de todo autocontrole que possuía para se impedir de pressioná-la

contra a parede mais próxima e ver quão longe podia ir.

Poppy deu um olhar gelado e tentou puxar a mão.

– Tire suas mãos de mim.

Em vez disso, Rafe usou o polegar para lhe acariciar o interior do pulso.

– Você me tocou, primeiro.

– Somente porque você não quis pegar seu dinheiro estúpido.

Ele liberou-lhe a mão e observou-a esfregá-la furiosamente, como se tentando remover a sensação de seu toque.

– Foi um presente. Isso que é gorjeta é... um gesto de apreciação pelo serviço

excelente.

Ela parou de esfregar o pulso e o encarou.

– Você está zombando de mim.

– Por que eu faria isso? – Ele sorriu.

– O café estava muito bom.

– Você não vai ganhar isso, sabia?

Sei que provavelmente pensa que eu sou uma garota do campo, simples e sem sofisticação, mas *não* tem ideia do quanto posso ser determinada.

Rafe sentiu sua pele se arrepiar com deleite diante do desafio que ela lançava. Era como uma droga poderosa, que o energizava. Quanto a ser simples e não sofisticada... Bem, ele nunca

admitiria isso para seus dois irmãos mais novos, mas estava ficando cansado das mulheres sofisticadas com quem se associava. Os casos amorosos passageiros eram satisfatórios num nível físico, mas nos últimos tempos, Rafe saía deles com uma terrível sensação de vazio em seu interior.

Todavia, ainda mais perturbadora era a questão que tinha começado a mantê-lo acordado até as primeiras horas da manhã: *isso é tudo que há?*

Talvez, fosse hora de ampliar seus horizontes. Certamente, seria divertido domar a srta. Poppy Silverton. Ela era como um potro selvagem que não

encontrara o adestrador certo. O que seria necessário para fazê-la comer na palma de sua mão?

Ele mal podia esperar.

– Eu acho que devo avisá-la, srta. Silverton, de que não sou facilmente derrotado. Jogo de acordo com as regras, mas são as *minhas* regras.

Ela ergueu o queixo.

– Eu *detesto* homens como você, que se acha superior a todo o mundo, com seus carros caros e casas luxuosas em cada país e uma modelo ou estrela pendurada no braço, sorrindo com afetação de cada palavra que sai de sua boca. Mas aposto que, às vezes, você

fica deitado acordado na cama, imaginando se alguém o ama como pessoa ou apenas pelo seu dinheiro.

Ele deu um sorriso zombeteiro.

– Você realmente tem um problema com homens ricos, não tem? Por que sucesso é algo que a incomoda?

– Sucesso? Não me faça rir. Você herdou toda sua riqueza. O sucesso não é *seu*, é de sua família. Você só está navegando nesta onda, assim como seus irmãos festeiros.

Rafe pensou no trabalho árduo que ele e seus irmãos tinham feito para manter a fortuna da família. Negociações imprudentes de seu avô, anos atrás,

colocara tudo em risco. Rafe orientara seus irmãos, e, como um time, eles haviam reconstruído o império do pai falecido. Por quase dois anos e meio, os três tinham trabalhando 18 horas por dia, sete dias por semana, mas, por fim, haviam conseguido. Felizmente, nenhuma das imprudências de Vittorio vazara para a imprensa, mas Rafe nunca esquecia quão perto eles haviam chegado de perder tudo. Ele, talvez um pouco mais do que Raoul e Remy, sentia o fardo constante da responsabilidade, a ponto que ganhara a reputação, no mundo corporativo, de ser viciado em trabalho.

– Você parece gostar de expressar uma opinião sobre assuntos dos quais não sabe nada – disse ele. – Conhece algum de meus irmãos?

– Não, nem quero conhecer. Tenho certeza de que são tão detestáveis quanto você.

– Na verdade, eles são muito mais agradáveis do que eu.

– Ah, sério? – Ela arqueou as sobrancelhas numa expressão cética.

Rafe inclinou-se contra a coluna de arenito, os braços cruzados sobre o peito.

– Por exemplo, eles nunca deixariam uma jovem mulher parada aqui nos

degraus, sem a convidar para um drinque.

Os olhos dela se estreitaram em aviso.

– Bem, se está pensando em me convidar para entrar, não perca seu tempo.

– Eu não estava.

Ela pareceu desconcertada por um segundo, mas então recuperou seu jeito audacioso.

– Sem dúvida, eu seria uma mudança das mulheres que você geralmente convida para drinques.

O olhar de Rafe a percorreu.

– Realmente seria. Eu nunca tive uma

ruiva, antes.

Ela corou.

– Meu cabelo não é ruivo. São castanho-avermelhados.

– São muito lindos.

Ela o fitou com raiva.

– Se acha que elogios vão funcionar comigo, está muito enganado. Eu não venderei minha casa para você, por mais elogios insinceros que me faça.

– Por que você é tão apegada ao lugar? – perguntou Rafe. – Poderia comprar uma casa muito maior, num local melhor, com o dinheiro que eu lhe ofereci.

– Não espero que você entenda;

provavelmente viveu em casas luxuosas durante sua vida inteira. A dower house é único lugar que eu pude chamar de lar. Sei que não é moderna e que precisa de reforma, mas, se eu a vendesse, seria como vender parte de mim mesma.

– Ninguém está pedindo que você se venda.

Ela arqueou as sobrancelhas, novamente.

– Não?

Rafe prendeu-lhe o olhar por diversos momentos.

– Meus planos para a mansão acontecerão com ou sem a sua cooperação. Entendo os sentimentos que

expressou, mas eles não têm lugar numa decisão profissional. Você estaria cometendo suicídio financeiro se rejeitasse a oferta que eu fiz.

A postura dela era rígida e defensiva.

– Você não sabe nada sobre minhas finanças. Não *me* conhece.

– Então, vou gostar de conhecê-la. – Ele lhe deu um olhar ardente. – Em todos os sentidos.

Enrubescendo, ela virou-se e desceu os degraus. Rafe observou-a desaparecer a distância, com um sorriso no rosto. De um jeito ou de outro, ganharia aquilo.

Podia apostar que sim.

POPPY AINDA estava enfurecida quando chegou em casa. Seus três pequenos cães – Chutney, Pickles e Relish – a fitaram com olhos preocupados quando ela atravessou o portão.

– Desculpem-me, garotos. Estou tão irritada que mal posso aguentar. Que homem arrogante! Quem ele pensa que é? Como se eu fosse me envolver com alguém como ele. Como se eu até mesmo fosse *pensar* em dormir com ele.

Bem, talvez não tivesse problema *pensar* um pouquinho em como seria. Não que ela fosse agir sobre isso. Não era esse tipo de garota. O que talvez explicasse por que seu ex-namorado

estava agora com outra mulher.

Poppy sabia que era antiquado de sua parte querer esperar um tempo, antes de consumir seu relacionamento com Oliver. Não que ela fosse puritana... Bem, talvez um pouco, considerando que tinha sido criada por sua avó, que não fazia sexo havia décadas.

Mas, na verdade, era uma romântica. Queria que sua primeira vez fosse especial. Queria que fosse especial para seu parceiro, também. Acreditara que Oliver Kentridge seria este homem especial, que lhe abriria o mundo da sensualidade, mas ele a traía até mesmo antes que eles estivessem namorando

por alguns meses.

Poppy não podia dizer que seu coração fora despedaçado, mas havia sido definitivamente arranhado. Homens eram criaturas tão egoístas. Seu pai playboy abandonara sua mãe assim que ela lhe contara que estava grávida. E então, semanas antes do nascimento de Poppy, ele se casara de novo com uma socialite próspera, a fim de herdar uma fortuna que somasse com a sua. A mãe de Poppy ficara devastada por ser descartada de modo tão cruel, e, num impulso, sem dúvida causado pela mágoa, aparecera no casamento chique, a “filha do escândalo”, como Poppy fora

chamada. A atenção da imprensa apenas fizera a mãe sofrer ainda mais. Poppy tinha lembranças assustadoras de sua infância, quando corria por vielas, segurando a mão da mãe enquanto elas fugiam dos *paparazzi*. Naquela época, sua mãe era muito orgulhosa para procurar a própria mãe e pedir ajuda, temendo ouvir: “Eu avisei.”

Poppy ainda se recordava do dia assustador, quando a avó que ela nunca conhecera foi buscá-la no hospital, onde sua mãe respirara pela última vez, após uma overdose. Sua avó parecera temível no começo, mas Poppy logo percebeu que aquele era o jeito dela de lidar com

a dor de perder a única filha e o arrependimento de não tê-la ajudado a superar um coração partido e a vergonha de ser dispensada por um homem rico que apenas a usara.

Sua avó fizera o possível para dar uma infância feliz a Poppy. Crescer na Propriedade Dalrymple fora uma existência feliz, porém solitária. Lorde Dalrymple raramente entretinha pessoas, nem havia crianças morando por perto. Contudo, aos poucos, o lugar se tornara seu lar, e Poppy adorara passar tempo com sua avó, na cozinha da mansão.

A decisão de estudar hospitalidade nascera do desejo de Poppy de possuir

sua própria casa de chá no vilarejo, algum dia, de modo que pudesse estar perto de sua avó e de tudo que fosse familiar. Quando ela se mudara para Londres, a fim de fazer seu treinamento, sentiu-se a estranha no grupo de iguais. Não gostava de bebida alcoólica nem tinha interesse em casos passageiros ou em ir a boates. Estudara arduamente e conseguira um ótimo emprego num restaurante moderno, no Soho, mas tudo se tornara amargo quando seu chefe deixara claro que a queria em sua cama, assim como em sua cozinha.

A forte crise de bronquite de sua avó durante o inverno, dois anos atrás, dera

a Poppy a desculpa perfeita para retornar ao lar e perseguir seu sonho. Abrir a casa de chá era uma maneira de ganhar uma renda modesta enquanto ficava de olho em sua avó, e ela nunca se arrependera disso.

Poppy suspirou enquanto entrava em casa. Talvez tivesse preconceito contra homens bem-sucedidos, como Raffaele Caffarelli sugerira. Mas por que ela não deveria se ressentir, quando ele pensava que podia comprar qualquer coisa ou qualquer pessoa que quisesse? Ele podia ser incrivelmente bonito, com muito charme, mas ela *não* ia ser sua próxima conquista.

Apostaria dinheiro nisso. Bem, se tivesse dinheiro para apostar, é claro.

RAFE ENTROU em seu escritório de Londres na segunda-feira de manhã.

— Você conseguiu aquelas informações para mim?

Margaret entregou um envelope.

— Não há muita coisa, mas o que eu consegui está aí. Como foi seu fim de semana?

— Normal. — Ele foi em direção à sua sala. — Não me passe ligações, por enquanto.

— E se srta. Silverton ligar?

— Faça-a esperar.

Ele fechou a porta de sua sala e

acomodou-se atrás da mesa para ler o arquivo. Não havia muita coisa que já não soubesse. Poppy Silverton tinha crescido com a avó na dower house, na Propriedade Dalrymple, e estudado na região, antes de se mudar para Londres no final da adolescência. Ela treinara como chef e trabalhara num restaurante no Soho, aonde ele tinha ido algumas vezes. Ela vinha administrando a casa de chá no vilarejo pelos últimos dois anos. A avó, Beatrice, falecera alguns meses atrás, exatamente seis meses depois de lorde Dalrymple, e a casa que ele deixara para Beatrice passara, subsequentemente, para Poppy.

Rafe recostou-se. Não havia nada sobre a vida particular de Poppy, sobre quem ela estava namorando ou tinha namorado.

Ele voltara da mansão no sábado à noite, mas não conseguira tirá-la da cabeça. Não era apenas a casa dela que brincava em sua mente. Rafe nunca conhecera uma mulher tão intrigante. Ela era tão corajosa e desafiadora. Devia perceber que não tinha chance contra ele, mas o enfrentava da mesma forma. Aquilo o atraía. Ele estava acostumado com mulheres se desdobrando para lhe agradar.

Mas o comentário de Poppy sobre ele

não saber quem genuinamente o amava era verdadeiro. Aparte seus irmãos, quem se importava com ele? Seu avô certamente não. Os membros de seu staff eram respeitosos e leais, mas então, eles recebiam um salário generoso.

Rafe franziu o cenho diante da direção de seus pensamentos. Não estava interessado em amor e compromisso. Ter perdido seus pais o ensinara a manter uma tampa bem fechada sobre suas emoções. Amar alguém e perder esta pessoa doía terrivelmente. Ele nunca perdia alguém agora, pois contratava e demitia em todos os seus relacionamentos.

Eles duravam quanto ele queria, e não mais do que isso.

Rafe inclinou-se para apertar o interfone sobre a mesa.

– Margaret? Descubra quem é o dono do prédio onde funciona a casa de chá da srta. Silverton. Faça uma oferta que eles não possam recusar. Combine para que assinem um contrato confidencial.

– Imediatamente.

– Oh, e mais uma coisa... Cancele todos os meus compromissos para as duas próximas semanas. Vou viajar.

– Férias?

Rafe sorriu para si mesmo.

– Pode-se dizer que sim.

CAPÍTULO TRÊS

POPPY ESTAVA esperando um de seus clientes regulares, quando Raffaele Caffarelli entrou, na segunda-feira seguinte. Ela tentou ignorar a pulsação acelerada e focou a atenção no sr. Compton, que ia lá no mesmo horário, todos os dias, desde que sua esposa de 66 anos falecera.

– Aí está você, sr. Compton – disse ela, entregando uma fatia generosa de seu bolo favorito de laranja com coco.

– Obrigado, minha querida. Onde está

sua assistente hoje?

– Ela foi visitar a mãe – replicou Poppy, consciente dos olhos quase pretos de Raffaele sobre si. – Posso lhe trazer um bule de chá fresco? Outro pedaço de bolo para levar?

– Não, querida. É melhor você servir seu outro cliente. – O sr. Compton piscou para ela. – As coisas estão finalmente melhorando?

Poppy forçou um sorriso.

– Bem que eu gostaria. – Ela foi para onde Raffaele estava de pé. – Mesa para um?

Os olhos escuros brilharam.

– Obrigado.

Ela o conduziu para uma mesa perto da janela.

– Um expresso duplo, preto, sem açúcar?

Ele sorriu.

– Você tem boa memória.

Poppy tentou não olhar para a boca dele, que a distraía *tanto*. Assim como aquelas mãos bronzeadas com dedos longos. Ela se sentia trêmula cada vez que se lembrava do toque inesquecível de Raffaele em sua pele.

Ele estava de jeans e uma camisa branca, aberta no colarinho e com mangas enroladas, revelando antebraços fortes. Uma barba cerrada despontava

no maxilar. E o cheiro dele era divino... um misto de madeira, frutas cítricas e virilidade.

Poppy ergueu o queixo.

– Suponho que eu não posso tentá-lo com uma fatia de bolo?

Olhos ardentes prenderam os seus.

– Estou muito tentado.

Poppy comprimiu os lábios e falou baixinho:

– *Bolo*, sr. Caffarelli. Eu estou lhe oferecendo bolo.

– Só o café. – Ele fez uma pausa. – Por enquanto.

Poppy foi para a cozinha, furiosa com ele, porém, ainda mais furiosa consigo

mesma por ser afetada por ele. Esperara que Rafe voltasse. Todas as manhãs, olhara em direção à mansão para ver se o carro esporte sofisticado estava parado na frente. Tentara ignorar o pequeno desapontamento que experimentava cada vez que ele não aparecia. Sabia que Raffaele não desistiria de tentar adquirir a dower house, tão cedo.

Poppy lera sobre ele numa revista de fofocas que Chloe lhe dera. Ele tinha a reputação de ser implacável nos negócios, com uma determinação de ferro.

Poppy suspeitava que ele fosse

igualmente implacável em suas conquistas sensuais. Sua última amante era uma modelo de biquíni com um corpo espetacular.

Ela levou o café para ele.

– Mais alguma coisa?

– A que horas você fecha?

– Por volta das 17h. Tento ser flexível, caso tenha clientes que chegaram mais tarde. Ninguém gosta de ser apressado enquanto toma chá. – Ela o fitou de modo significativo. – Ou café.

– Há alguns assuntos que eu gostaria de discutir com você.

Poppy ficou tensa.

– Não vou vender minha casa.

– Não tem nada a ver com a sua casa.
Ela o olhou com desconfiança.

– Sobre o que, então?

– Vou passar algumas semanas na mansão para sentir o lugar, antes de traçar meus planos para o desenvolvimento – disse ele. – Não quero contratar uma empregada neste estágio. Você tem interesse em proporcionar jantar todos os dias? Eu lhe pagarei bem, é claro.

Poppy mordiscou o lábio. O dinheiro seria bem-vindo, mas cozinhar para ele todas as noites? O que mais ele esperaria... seu corpo como sobremesa?

– Por que não come no pub do

vilarejo? Eles têm bons lanches lá. – De maneira alguma, *ela recomendaria o restaurante de Oliver.*

– Eu não janto lanches.

Ela fez uma careta.

– É claro que não.

– Culpe minha mãe. Ela era francesa.

Você sabe como os franceses são com as refeições.

Sr. Compton aproximou-se, andando com sua bengala.

– Faça isso, Poppy. Será um bom ganho para você atravessar esta fase de dificuldades financeiras.

Poppy desejou que não tivesse contado sobre sua situação para o sr.

Compton, algumas semanas atrás. Não queria que Raffaele Caffarelli ganhasse qualquer tipo de vantagem sobre ela.

– Posso pensar sobre isso e lhe dar uma resposta depois?

Rafe entregou um cartão pessoal.

– Ligue-me esta noite.

Ela guardou o cartão no bolso do avental e virou-se para falar com seu único outro cliente:

– Vou buscar aquele pedaço de bolo para você levar para casa, sr. Compton.

RAFE ESTENDEU a mão para o cavalheiro idoso, depois que Poppy desapareceu dentro da cozinha.

– Rafe Caffarelli – apresentou-se.

– Howard Compton. – O homem apertou sua mão. – Então, você é o novo dono da Mansão Dalrymple.

– Sim. Eu estava de olho na mansão por um tempo. É uma excelente propriedade.

– O que planeja fazer com ela? – questionou sr. Compton.

– Vou transformá-la num hotel de luxo e spa.

– Não conte isso a Poppy. – O sr. Compton sorriu. – Ela queria que uma família comprasse a mansão. Faz muito tempo que uma não vive lá.

– Você conhecia lorde Dalrymple?

– A esposa dele e a minha eram

melhores amigas desde crianças. Foi um dia horrível quando Clara morreu. Henry isolou-se depois disso. Se não fosse pela avó de Poppy, Beatrice, ele teria se entregado e morrido. Achamos que foi um gesto bonito dele deixar a dower house para ela e Poppy. Muitos pensavam que ele deixaria a propriedade inteira para elas, mas haveria muitos protestos da família se Henry tivesse feito isso. O inventário levou um ano para sair. É tão complicado quando não há um herdeiro direto.

Rafe pensou em sua própria situação. Ele não possuía herdeiros diretos, além

de seus irmãos. Quem herdaria sua vasta fortuna? Não pensara sobre isso até agora... Por que trabalhava tão duro se não tinha para quem deixar seu patrimônio?

Reprimiu o pensamento. Havia muito tempo para pensar sobre testamento. Estava com 35 anos. Em algum momento no futuro, escolheria uma esposa adequada, alguém que soubesse se comportar em seus círculos sociais e que não restringisse muito sua liberdade.

Poppy voltou, carregando um pacote embrulhado em papel alumínio.

– Aqui está, sr. Compton.

– Você é um anjo – disse o sr.

Compton. – Não sei o que faria sem você. – Ele virou-se para Rafe. – Prazer em conhecê-lo, Rafe. Apareça qualquer hora e tome um trago comigo. Eu estou no Chalé Bramble, em Briar Lane.

– Eu gostaria muito – murmurou Rafe e surpreendeu-se quando percebeu que falava sério. O que estava pensando? Não estava lá para fazer amigos, mas para fazer dinheiro.

– Posso ver que seu charme não é exclusivamente direcionado para o sexo oposto – comentou Poppy depois que o homem mais velho saiu.

– Ele é um senhor muito simpático. E muito solitário, eu suspeito.

– Ele é. – Ela suspirou. – Faço o que posso por ele, mas não posso trazer a esposa do sr. Compton de volta. Eles eram grandes amigos. É tão triste. Suponho que esta seja a desvantagem de encontrar o amor de sua vida. Mais cedo ou mais tarde, você tem de perdê-lo.

– Não é supostamente melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado?

Poppy virou-se e começou a recolher a xícara e o prato da mesa do sr. Compton.

– E sua última namorada? Ela vai ficar com você na mansão?

– Eu estou sozinho, no momento.

Ela o olhou por cima do ombro.

– Escolha sua ou dela?

– Minha. – Era *sempre* sua escolha.

Rafe não aceitava de qualquer outra maneira.

– Ela era muito linda.

– Até que abrisse a boca.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Você não pôde pensar num jeito melhor de manter-lhe a boca ocupada?

No momento, Rafe só conseguia pensar na boca de Poppy, como era rosada, carnuda e totalmente natural. Desejo o fez enrijecer. Queria provar a boca, a textura dos lábios, o gosto doce no interior úmido e quente...

O que o atraía tanto nela? Poppy não era seu tipo usual, com expressões irritadiças e poses combativas. Na maior parte do tempo, ela parecia querer arrancar seus olhos, mas, de vez em quando, Rafe capturava um vislumbre de desejo nos olhos castanhos.

A sensualidade reprimida de Poppy era altamente excitante. Ele suspeitava que ela fosse dinamite, uma vez que se permitisse relaxar. E senti-la ao seu redor seria uma conflagração dos sentidos, uma explosão combustível de fogo derretendo gelo.

– E quanto a você, srta. Silverton?

– O que quanto a mim?

– Está atualmente envolvida com alguém?

Ela estreitou os olhos.

– Não vejo por que isso seria de seu interesse.

– *Au contraire* – replicou ele. – Acho isso imensamente interessante.

As faces de Poppy coraram.

– Gostaria de mais café, sr. Caffarelli, ou quer a conta?

Rafe prendeu os olhos dela e fez o sangue esquentar mais ainda. Estava perto o bastante para tocá-la. Podia sentir a tensão no corpo dela, que, apesar de tentar esconder, estava ciente da atração entre os dois. Ódio e luxúria,

sem dúvida, guerreavam dentro de Poppy.

– Você não gosta muito de mim, verdade?

– Meu trabalho é lhe servir café, não me tornar sua melhor amiga.

Ele sorriu.

– Já ouviu aquele ditado: “Mantenha seus amigos perto, mas seus inimigos mais perto?”

Ela o encarou e estendeu a conta do café.

– Já ouviu o ditado: “Nada é de graça?”

Rafe riu enquanto pegava a carteira, tirava uma nota de dez libras e

colocava-a sobre a mesa.

– Até nosso próximo encontro, srta. Silverton. *Ciao*.

POPPY IA dormir quando notou que Chutney estava desaparecido. Os três cachorros estavam no jardim enquanto ela tomava banho, mas, quando os chamou, somente Pickles e Relish apareceram.

– Chutney? – chamou Poppy pela porta dos fundos. – Venha ganhar um agrado.

Não havia sinal dele no jardim. Era difícil não se preocupar, considerando o que acontecera com Pickles. Poppy o encontrara ferido, depois de achar um

buraco na cerca que levava ao campo na frente da Mansão Dalrymple. Tinha sido tão angustiante encontrá-lo deitado no longo gramado, choramingando de dor.

Seu coração disparou. Chutney tendia a vagar, especialmente se sentisse o cheiro de coelho. Apesar de ter mandado consertar o buraco na cerca, ela suspeitava que houvesse outros lugares pelos quais ele podia ter se espremido, sendo tão menor que os outros dois cachorros. E se ele tivesse ido para a estrada? Embora não houvesse muito trânsito na região, era preciso um único carro em velocidade para causar o dano.

Poppy olhou para a mansão a distância. O carro esporte de Raffaele Caffarelli estava parado na frente. Havia luzes no andar de baixo, significando que ele devia estar acordado.

Ela olhou para o cartão pessoal sobre a mesa da cozinha. Deveria telefonar para perguntar se ele vira algum sinal de Chutney? Os três cachorros estavam acostumados a andar para a mansão. Antes que lorde Dalrymple morresse, Poppy os levava lá todo dia para visitar e só parava quando a placa de “vende-se” fora colocada.

Ela pegou o cartão e seu telefone, então, respirou fundo e discou o número

rapidamente, antes que mudasse de ideia. Ele atendeu no terceiro toque.

– Rafe Caffarelli.

A voz profunda enviou um arrepio pela coluna de Poppy.

– Aqui é Poppy Silverton.

– Eu estava esperando seu telefonema.

– Não estou ligando por causa do jantar. Por acaso, viu um cachorrinho ao redor da mansão?

– Que raça de cachorro?

– Cavoodle.

– O quê?

Poppy fez uma careta.

– Ele é uma mistura de poodle com

cavalier King Charles. Chama-se Chutney.

– Pôs o nome de um condimento indiano no seu cachorro?

Ela comprimiu os lábios em irritação.

– Você o viu ou não?

– Não.

– Tudo bem – murmurou ela. – Desculpe-me por incomodá-lo tão tarde. Boa noi...

– Vou dar uma olhada lá fora. Ele pode ter ido ao labirinto, você acha? Eu ainda não descobri a saída, então talvez, você tenha de vir e me salvar do Minotauro se eu ficar preso no labirinto.

– Tenho certeza de que você consegue

sair de situações complicadas.

Ele riu.

– Andou lendo sobre mim, não é?

– Se você achar Chutney, por favor, me ligue.

– Farei melhor do que isso. Eu o levarei até sua porta.

– Eu não quero lhe dar trabalho.

– Ele virá com um estranho?

– Ele é um glutão desavergonhado – disse Poppy. – Fará qualquer coisa por comida.

Um arrepio percorreu a coluna dela novamente quando ele deu outra risada profunda.

– Eu conheço o tipo.

A CAMPAINHA tocou alguns minutos depois. Poppy tinha acabado de entrar, depois de dar outra busca pelo jardim. Abriu a porta para encontrar Rafe parado ali, com Chutney debaixo de um braço.

– Ah, você o achou! Onde ele estava?
Ele entregou o cachorro.

– Estava sentado nos fundos da mansão, perto da porta da cozinha.

Poppy pôs Chutney no chão, onde seus dois amigos imediatamente se aproximaram para lambê-lo, como se ele tivesse ficado longe por um mês, em vez de por uma hora. Ela olhou para Rafe.

– Sinto muito sobre isso. Acho que ele ainda sente falta de lorde Dalrymple. Nós costumávamos visitá-lo todos os dias.

– Eu notei que ele parecia se sentir em casa.

– Bem, era um hábito meu passear com os cachorros até lá, para ver se a mansão não tinha sido vandalizada enquanto estava vaga. Não estou mais indo lá agora, é claro.

Os olhos de Rafe brilharam.

– É claro.

Poppy endireitou os ombros.

– Obrigado por ter trazido Chutney. Não precisava. Eu teria ido buscá-lo.

– Você pensou sobre minha proposta para os jantares?

Poppy sentiu-se autoconsciente quando os olhos escuros prenderam os seus. Ela não estava vestida para receber visitantes. Usava o conjunto de moletom mais velho que possuía e tênis furados nos dedões, por causa das mordidas de Pickles. Seu cabelo estava amarrado com uma fita, e seu rosto, sem qualquer maquiagem. Aquilo a fazia se sentir em desvantagem.

– Acho que você deveria pedir para outra pessoa – respondeu ela.

– Eu quero você.

Calor inundou o rosto de Poppy

diante do olhar ardente que acompanhou as palavras dele.

– Eu não estou disponível. – Para seu horror, sua voz soou rouca... *sexy*.

– Você sabe que quer dizer sim. Posso ver isso nos seus olhos.

Poppy o fitou com raiva.

– Posso ver por que viaja de avião particular para todo lado... precisa de todo o espaço da cabine extra para seu ego.

Os cantos da boca linda se curvaram num sorriso.

– Você é uma criaturinha teimosa, não é?

– Eu lhe avisei.

– Eu também sou. – Os olhos pretos a encararam com determinação. – Quando quero alguma coisa, não desisto até conseguir.

– Obrigada por ter trazido Chutney – murmurou ela, segurando a porta aberta para ele. – Não me deixe prendê-lo.

– Você não vai ser a vizinha educada e me convidar para um café ou algo assim, depois que eu, tão galantemente, devolvi seu cachorro?

Poppy sabia que seria rude de sua parte recusar a entrada dele. Mas convidá-lo para um drinque tão tarde da noite não enviaria a mensagem que ela *queria* a companhia dele?

É claro que ela não queria a companhia dele. Tinha seus três cachorros como companhia, não tinha?

– Não tenho o hábito de convidar homens que mal conheço para entrar na minha casa tarde da noite.

Era um brilho de respeito que ela viu nos olhos dele?

– Você está preocupada com o que os vizinhos vão pensar? – perguntou Rafe.

– Você é o único vizinho por quilômetros – apontou ela.

Ele adotou um tom mais sério enquanto prendia seu olhar.

– Você está segura comigo, srta. Silverton. Posso ter uma reputação de

playboy, mas tenho muito respeito pelas mulheres.

– Que tranquilizador.

– Você não acredita em mim.

– Alguns dos comentários que suas ex-amantes postaram on-line ao seu respeito são bastante depreciativos.

– Esta não é a melhor referência de caráter, com certeza. Mas ela estava infeliz por ter sido descartada. Pedirei que minha secretária envie um presente de despedida para acalmá-la. Aposto que assim que Zandra receber uma pequena fortuna em rubis ou safiras, vai remover os comentários da rede social.

Poppy arqueou as sobrancelhas.

– Por que não diamantes?

– Eu nunca dou diamantes.

– Por que não?

– Diamantes são para sempre – disse ele. – Quando eu encontrar a garota certa, eu os comprarei, mas não antes.

Poppy deu um olhar cético.

– Então, você planeja desistir de seu estilo de vida de playboy, em algum ponto?

Ele deu de ombros.

– Isso não está nos meus planos imediatos. Mas daqui algum tempo, quem sabe? Não dizem que libertinos redimidos dão os melhores maridos?

– Que tipo de esposa você iria

querer? – perguntou Poppy. – Uma pessoa sem defeitos e de sangue azul, como você?

Uma expressão divertida cobriu o rosto dele.

– Você está pensando em se candidatar para o cargo?

Ela ergueu o queixo.

– Deve estar brincando. Você é a última pessoa do mundo com que eu até mesmo pensaria em me casar.

Ele fez uma reverência zombeteira, antes de virar-se para partir.

– O sentimento é mútuo, srta. Silverton. *Bonsoir*.

CAPÍTULO QUATRO

— ACABEI DE encontrar o sr. Compton no caminho para o trabalho — disse Chloe na manhã seguinte. — Ele falou que Rafe Caffarelli veio aqui ontem, de novo.

— Ele só tomou café. — Poppy pôs o chantili que acabara de bater na geladeira. — Francamente, que sentido faz ir a uma casa de chá se você não toma chá nem come bolo?

— O sr. Compton também me contou que Rafe lhe pediu que fizesse refeições

noturnas para ele na mansão. – Chloe pegou seu avental e começou a amarrá-lo em volta da cintura. – Isso é excitante. O caminho para o coração de um homem, como dizem. O que você vai cozinhar para ele?

– Eu não vou cozinhar para ele.

Chloe piscou.

– Está louca? Ele vai pagá-la, não vai?

– Essa não é a questão.

– *Eu* cozinharei para ele, então – disse Chloe. – Farei três refeições por dia e chá da manhã e da tarde. Até mesmo levarei café da manhã na cama para ele. Deus, estou ficando com calor

só de pensar nisso. Aposto que ele é incrível entre os lençóis.

Poppy deu um olhar repreensivo.

– Há mais num homem do que a aparência física. E quanto ao intelecto e à moral? E quanto aos valores pessoais?

Chloe sorriu.

– Você gosta dele, admita. E acho que ele gosta de você. O sr. Compton também acha. Por que outro motivo ele viria tomar café aqui, duas vezes?

– Raffaele Caffarelli teve infinitas amantes. Acha que só porque quer alguma coisa ou alguém, pode ter. Ele é arrogante. Deplorável.

Os olhos de Chloe brilharam.

– Isso não pode ser só sobre sua casa. Por que você desgosta tanto de Rafe?

Poppy pôs os bolinhos sobre a travessa de vidro e levou-a para o salão.

Chloe a seguiu.

– O sr. Compton disse que Rafe vai transformar a Mansão Dalrymple num hotel de luxo e spa. Isso pode ser muito bom para o vilarejo. Haveria muitos empregos para o povo local e nossos negócios poderiam melhorar, como resultado.

Poppy colocou a travessa sobre o balcão e virou-se para olhá-la.

– Pelos últimos 475 anos, a mansão foi um lar familiar. Gerações da família

Dalrymple nasceram e morreram lá. Transformá-la num hotel chique vai destruir sua personalidade e violar sua história.

– Imagino que Rafe Caffarelli vai converter o lugar com bom gosto – opinou Chloe. – Vi alguns dos desenvolvimentos dele on-line. Ele é ótimo para manter coisas no contexto, de modo arquitetônico. Ele mesmo desenha as plantas preliminares.

O pensamento de *paparazzi* espreitando através das cercas-vivas em seu vilarejo amado, para fotografarem celebridades festejando na mansão causava náuseas em Poppy.

– Lorde Dalrymple vai se revirar no túmulo se este projeto absurdo for em frente. – Por que o primo dele vendera a mansão para um incorporador e não para uma família? Outra família poderia levar vida e boas vibrações ao lugar, em vez de pessoas ricas sem escrúpulos, bebendo e festejando o tempo inteiro.

– Você realmente adora aquele velho lugar, não é?

Poppy deu um longo suspiro.

– Eu sei que isso parece ridiculamente sentimental, mas acho que a Mansão Dalrymple precisa de uma família para ganhar vida de novo. Ela passou os últimos sessenta anos

sofrendo. Você pode sentir a tristeza quando anda lá dentro. É quase palpável. As escadas rangem de tristeza, e às vezes as fundações até gemem.

Chloe arregalou os olhos.

– Você está dizendo que a casa é mal-assombrada?

– Eu costumava pensar que sim quando era criança, mas não, é apenas um lugar triste que precisa ser preenchido com amor, risadas e uma família.

– Talvez Rafe Caffarelli vá morar lá com uma de suas amantes – sugeriu Chloe.

– Não imagino isso acontecendo. Ele

não fica com uma mulher mais que um ou dois meses. Playboys como ele não se acomodam, apenas mudam de parceiras.

Chloe deu um olhar especulativo.

– Pelo jeito, não fui a única que pesquisei sobre o ilustre Rafe Caffarelli na internet?

Poppy voltou para a cozinha.

– Eu não estou nem um pouco interessada no que aquele homem faz ou com quem. Tenho coisas muito melhores para fazer com meu tempo.

UM POUCO antes do almoço, o sr. Underwood, o proprietário do imóvel que ela alugava para sua casa de chá,

apareceu. Ele geralmente ia numa sexta-feira à tarde, para tomar um chá e comer uma fatia de bolo. Poppy esperava muito que esta visita numa terça-feira não fosse para falar de negócios. Ela tinha uma lista de despesas para sua casa. O lugar precisava urgentemente de pintura, e o jardim, de atenção. Havia um olmeiro perto de seu quarto que necessitava ser podado, uma vez que suas folhas arranhando a janela a mantinham acordada de noite. Mesmo um pequeno aumento no aluguel da casa de chá a quebraria ainda mais financeiramente, agora.

— Podemos conversar um pouco,

Poppy? – perguntou John Underwood.

– Claro. – O sorriso de Poppy se tornou tenso.

– Achei que deveria informá-la de que recebi uma oferta por este prédio – declarou John. – É uma excelente oferta, a melhor que já tive, portanto, aceitei.

Ela franziu o cenho.

– Mas eu nem sabia que você estava pensando em vender.

– Eu tenho brincado com a ideia por um tempo. Jean quer viajar mais. Temos três netos nos Estados Unidos agora e queremos passar mais tempo com eles. Estou vendendo este prédio e outra propriedade que tenho em Shropshire.

Poppy foi tomada por uma desconfiança.

– Quem fez a oferta?

– Eu não tenho liberdade de falar – replicou ele. – O comprador insistiu em sigilo absoluto, até que toda papelada esteja assinada.

Raiva a inundou.

– Aposto que ele insistiu.

John pareceu sem graça.

– Eu não queria fazer a coisa errada com você, Poppy. Você e Chloe são as melhores inquilinas que já tive. Mas se trata de negócios. Não é nada pessoal.

Ah, sim, é, pensou Poppy amargamente.

– Pelo contrato, ainda temos mais um ano de aluguel. Isso não vai mudar, vai?

– Não, a menos que o novo dono queira reconstruir o imóvel.

– Ele falou o que pretendia fazer com este lugar?

– Não, apenas pareceu muito interessado em adquirir este prédio em particular. Disse que se apaixonou instantaneamente pelo charme do velho mundo.

“Implacável” nem mesmo começava a descrever Rafe Caffarelli, pensou Poppy. Ele era inteligente e calculista, muito mais do que ela imaginara. Mas ela não ia cair sem uma luta. Ele

pretendia chantageá-la e levá-la para cama, cobrando um aluguel absurdo? Que tipo de mulher pensava que ela era?

– O novo dono esperará um aumento no aluguel?

– Você terá de discutir isso com ele.

Ela deu um olhar irônico.

– Como, se ele quer permanecer anônimo?

– Imagino que o aluguel será lido através de uma agência – disse John. – De qualquer forma, eu só quis informá-la de que vendi. Não gosto de guardar segredos, mas ele pareceu achar que isso era necessário.

Poppy forçou um sorriso.

– Certamente, ele tem seus motivos.

Depois que John Underwood saiu, ela foi para a cozinha.

– Vou socar o nariz dele, vou deixá-lo com o olho roxo. Vou chutá-lo você sabe onde.

Chloe piscou em confusão.

– Mas pensei que você gostasse do sr. Underwood. O que ele fez... aumentou o aluguel?

– Não o sr. Underwood – respondeu Poppy entre dentes. – Rafe Caffarelli. Ele comprou este prédio. Sei que foi ele, embora o sr. Underwood não tenha falado, alegando que o novo dono pediu segredo. E sei por que... Rafe Caffarelli

quer me chantagear para a cama dele.

Chloe franziu a testa.

– Ei, eu perdi alguma coisa? Volte um pouco. Rafe quer *dormir* com você? Ele realmente disse isso?

– Não em palavras, mas posso ver naqueles olhos escuros cada vez que ele olha para mim. Eu *não* farei isso.

– *Eu* farei – disse Chloe. – O que você está pensando, Poppy? Ele é lindo. É rico. É tudo que uma mulher poderia querer num homem.

Poppy comprimiu os lábios.

– Não *esta* mulher.

– Você é louca – murmurou Chloe. – Que mal faria ter um caso passageiro

com ele? Rafe provavelmente a encheria de joias caras no final. Você poderia vendê-las e se aposentar.

Poppy deu um olhar de reprovação.

– Eu não sabia que você era tão fútil.

Chloe deu de ombros.

– Não fútil, apenas pragmática. Pense bem. Quando você vai ter outra chance de se mover em círculos sociais como os de Rafe? Isso valeria a pena somente pela publicidade da casa de chá.

– Eu *não* vou dormir com Rafe Caffarelli para atrair mais clientes. – Poppy cruzou os braços. – Tenho mais autoestima do que isso.

– Você está presa aos velhos tempos

– disse Chloe. – Quem espera pelo príncipe encantado, hoje em dia? A maioria das garotas perde a virgindade antes de acabar a escola. Você tem 25 anos, pelo amor de Deus. Pense em todo o sexo que já deixou de fazer.

– Eu não penso em sexo. – *Bem, não até recentemente.*

– Isso porque você não sabe o que está perdendo. Não é errado fazer sexo antes do casamento. Não nos dias atuais.

– Não estou necessariamente esperando até que eu me case – explicou Poppy. – Estou esperando ter certeza de que é isso que quero e que o homem é certo para mim.

– Você se tornou receosa por causa do que aconteceu com sua mãe, não é?

– Um pouco – confessou Poppy. – Certo, mais do que um pouco. Ser descartada daquela maneira arruinou a vida de minha mãe. Ela *nunca* superou o golpe emocional. Amava meu pai, e ele a tratou como um brinquedinho do qual se cansou. E aquilo não arruinou somente a vida de minha mãe, mas a de minha avó, também, porque ela acabou com uma criancinha para criar.

– Sua avó adorou criar você.

Poppy suspirou.

– Mas minha mãe morreu tão jovem e não fez todas as coisas que queria fazer.

Não quero isso para mim. Quero ter controle sobre meu futuro.

– Há certas coisas na vida que você não pode controlar.

– Eu sei, mas vou focar naquelas que posso. – Poppy tirou o avental e jogou-o na cadeira mais próxima. – Começando por agora.

RAFE ESTAVA trabalhando em esboços preliminares, no estúdio improvisado que montara na mansão, quando ouviu um carro se aproximando. Sabia quem era sem precisar olhar pela janela. Apenas uma pessoa muito nervosa batera a porta do carro com força para depois apertar a campainha e manter o

dedo lá. Ele sorriu. Como sua vida tinha sido tediosa antes de conhecer Poppy Silverton.

– Temos de parar de nos encontrar assim – murmurou ele, assim que abriu a porta. – As pessoas vão comentar.

Os olhos cor de café estavam estreitos, o corpo delgado estava rígido.

– Seu... idiota calculista.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Bom ver você, também.

– Não acredito como você é cruel. Comprou o imóvel da minha casa de chá!

– E daí? Eu sou incorporador. Compro propriedades.

Fúria emanava dela.

– Sei o que você está fazendo, mas não vai funcionar.

Rafe inclinou-se casualmente contra a moldura da porta.

– O que acha que estou fazendo?

– Você está me chantageando. Deve saber que mal estou conseguindo pagar o aluguel, como é. Mas isso não vai funcionar. Eu não vou me prostituir para alguém como você.

Rafe bateu o indicador contra os lábios por um momento.

– Vejo que preciso me esforçar para melhorar a impressão que você tem sobre mim. O que a faz pensar que vou

aumentar o aluguel?

Ela o fitou, cautelosamente.

– Você... não vai?

Ele meneou a cabeça.

– Mas por que comprou a casa?

– Eu gosto dela.

Poppy estreitou os olhos, novamente.

– Você... *gosta* dela?

– É única.

– Como assim?

– Gosto da ideia de uma casa de chá tradicional. É clássica. É uma mudança agradável das franquias de cafés entediantes e impessoais.

Um brilho de desconfiança surgiu nos olhos dela.

– Você nem mesmo toma chá.

– Verdade, mas talvez eu não tenha experimentado a xícara perfeita. Um chá barato de saquinho provavelmente não tem nada a ver com a coisa real. Talvez você possa me educar na arte de tomar chá de boa qualidade.

Ela ainda o olhava com desconfiança.

– Por que tenho a impressão de que você não está falando sobre chá?

Rafe esboçou um sorriso preguiçoso.

– Sobre o que mais eu poderia estar falando?

As faces de Poppy coraram.

– Se você quer experimentar chá de verdade, vá ao salão, às 16h.

Rafe deu um olhar ardente.

– Prefiro uma aula particular. Não quero ser distraído por outros clientes. Isso poderia arruinar a experiência para mim.

– Tudo bem – concordou ela. – Vá às 17h30. Eu colocarei a placa de “fechado” na porta.

– Combinado.

Rafe observou-a se virar e andar de volta para o carro. Acenou quando o carro começou a sair, mas ela não retornou o gesto, partindo e deixando uma nuvem de poeira em seu rastro.

CAPÍTULO CINCO

CHLOE DESAMARROUSEu avental às 17h.

– Acabei de receber um telefonema da minha mãe. Ela quer que eu compre um remédio de asma no caminho para casa. Você se importa se eu sair agora?

Poppy tentou ignorar o friozinho de nervoso na barriga. Não se importava em dar uma aula particular sobre a arte de tomar chá para Rafe Caffarelli, mas não planejava que fosse *tão* particular. Esperara que Chloe estivesse lá.

– Não, pode ir – replicou ela, com um suspiro resignado. – Mande lembranças minhas a sua mãe. Leve um pedaço de bolo para ela.

Chloe sorriu.

– Você vai ficar bem, entretendo o delicioso Rafe Caffarelli, sozinha?

Poppy forçou um sorriso confiante.

– É claro.

O sino de ventos da porta soou às 17h35. Com o coração disparado, ela saiu da cozinha o mais casualmente que foi capaz.

Rafe parou assim que passou pela porta. Estava vestido de modo mais formal, desta vez, em calça cinza,

camisa branca, paletó e gravata combinando. Tinha se barbeado desde que ela o vira pela última vez, e o cabelo ainda estava úmido do banho.

– Desculpe pelo atraso.

– Sem problemas. Arrumei a mesa perto da janela. – Sente-se enquanto vou ligar a chaleira.

– Posso assistir?

Ela o estudou. Havia divertimento nos olhos quase pretos.

– Posso lhe garantir que não há nada remotamente interessante em ver água ferver.

– Há se é você quem está fervendo a água.

Ela lhe deu um olhar de censura.

– Está flertando comigo, sr. Caffarelli?

– Chame-me de Rafe.

– Rafe.... – Poppy sentiu como se tivesse cruzado uma linha invisível, chamando-o pelo nome preferido dele.

Os olhos escuros prenderam os seus com intensidade, fazendo-a sentir que outra linha fora cruzada, uma mais íntima. Os olhos de Poppy foram para a boca dele. Qual seria a sensação daqueles lábios sobre os seus? Qual seria a sensação de ter aquelas mãos fortes segurando seus seios ou entre as suas...?

– Poppy.

– Sim? – Ela voltou ao momento presente.

A boca de Rafe curvou-se num sorriso sexy.

– É um nome bonitinho. Combina com você.

Bonitinho? Ele não a considerava linda ou maravilhosa, apenas bonitinha, como um animal de estimação.

– Obrigada. Humm... a cozinha é por aqui.

Poppy começou a preparar o chá, mas o tempo inteiro estava ciente do olhar de Rafe sobre si. Ela falou sobre a importância de encher a chaleira com

água fresca cada vez e de aquecer o bule, antes de colocar as folhas dentro... uma para cada pessoa e uma para o bule.

– O chá sempre tem um gosto melhor se tomado em uma xícara de porcelana. Canecas grossas e baratas não combinam.

Ele a fitava com um sorriso nos olhos.

– Fascinante.

– Bem, admito que meu método seja um pouco antiquado, mas vamos lá. – Ela pôs uma cobertura tricotada à mão sobre o bule e colocou-o sobre a bandeja que preparara mais cedo.

– Deixe-me carregar isso para você.

Ele roçou-lhe os dedos ao pegar a

bandeja de suas mãos, enviando uma onda de calor pelo corpo de Poppy. Ela podia sentir o aroma delicioso de Rafe... um toque de limão com uma fragrância amadeirada que lembrava o cheiro da floresta. E que aumentava ainda mais sua excitação.

– Certo... Vamos para o salão, tomar o chá.

Uma vez que a mesa estava posta, Rafe guiou-a para a cadeira, com uma das mãos em seu cotovelo. A pele de Poppy arrepiou-se com o contato. Ela nunca se sentira tão consciente de um homem, antes. Tudo nele mexia com seus sentidos, até que ela mal

conseguisse raciocinar.

– Humm... você quer leite?

– Não sei. – Ele sorriu. – Devo adicionar?

– Para mim, depende do tipo de chá – disse Poppy. – Eu tomo chá inglês com leite, no café da manhã, mas prefiro preto quando se trata de Earl Grey, Darjeeling, Russian Caravan e Jasmim. Na verdade, é uma questão de gosto pessoal.

– Dê-me puro, como meu café.

Ela lhe serviu uma xícara e observou-o experimentar. Rafe torceu o nariz e pôs a xícara no pires.

– Então?

– É um pouco sem gosto.

– *Sem gosto?*

– Insosso.

– É um chá do Ceilão da mais alta qualidade, pelo amor de Deus! – exclamou Poppy. – O que há de errado com seu paladar?

– Não há nada errado com meu paladar. Apenas não gosto de chá.

– Que tal se você experimentá-lo com leite e açúcar?

– Tentarei o leite, mas não o açúcar. – Ele deu um sorriso encantador. – Eu sou doce o bastante.

Poppy adicionou o leite.

– Prove agora.

Mais uma vez, ele torceu o nariz depois de um gole.

– Não me apetece, lamento.

– Você não gosta?

– Não tem gosto de nada.

– É claro que tem. O gosto é sutil.

– Simplesmente não é minha xícara de chá. – Ele deu aquele sorriso, de novo. – Desculpe o trocadilho. – Ou simplesmente não é minha praia se preferir.

Poppy teve de sorrir. Rafe era muito charmoso quando queria. Ela precisava tomar cuidado para não baixar a guarda. Ele era o inimigo.

– Você é incorrigível.

– Era isso que minha mãe costumava dizer.

Havia alguma coisa quase nostálgica no tom de voz dele. Poppy pegou sua própria xícara e deu um gole.

– Onde seus pais moram? Na França ou na Itália?

A luz desapareceu dos olhos dele.

– Eles não moram.

– Perdão?

– Morreram quando eu tinha dez anos.

– Sinto muito – murmurou ela.

– Foi há tempo.

– O que aconteceu?

Ele pegou sua colher de chá e começou a girá-la entre o indicador e o

polegar.

– Eles tiveram uma colisão em alta velocidade com outro barco a motor, na Riviera Francesa. Minha mãe morreu na hora. Meu pai morreu no hospital, três dias depois, de ferimentos internos.

– Eu lamento muito... Deve ter sido uma época terrível para você e seus irmãos.

Um brilho de dor surgiu nos olhos escuros, antes que ele os baixasse para a colher que segurava.

– Sim, foi.

– O que aconteceu depois? Quero dizer... para onde vocês foram? Quem cuidou de você e de seus irmãos?

– Meu avô paterno nos recolheu. –
Rafe largou a colher, pegou a xícara e
aninhou-a entre as mãos.

– Ele ainda está vivo?

– Sim.

– Vocês são próximos?

Os lábios dele se curvaram, mas não
num sorriso.

– Ninguém é próximo do meu avô.

Poppy podia perceber que ele não
queria revelar muito sobre seu passado.
Mas o comentário sobre o avô era
intrigante. Que tipo de homem era
Vittorio Caffarelli? Ele tornara a vida
dos três meninos ainda mais infeliz, por
não saber lidar com eles?

– E quanto a sua avó? Ela não ajudou a criar vocês?

– Não, ela faleceu de câncer quando meu pai era adolescente.

– E seus avós maternos?

– Morreram antes que eu nascesse. – Rafe deu um gole do chá, fazendo uma careta diante do gosto, antes de devolver a xícara ao pires. – Conte-me sobre a sua infância. Você disse que perdeu seus pais com 7 anos. Como eles morreram?

Poppy olhou para as próprias mãos por um momento.

– Eu nunca conheci meu pai. Ele abandonou minha mãe antes que eu nascesse. Aparentemente, ela não era

boa o bastante para ele, que se casou com outra pessoa.

– Então, sua avó a criou?

Ela assentiu, encontrando-lhe os olhos.

– Ela foi maravilhosa, cuidando de mim, depois que minha mãe morreu. Eu tive uma boa infância, considerando tudo. Lorde Dalrymple era muito gentil comigo. Era um pouco isolado, mas sempre tinha tempo para mim.

– Vocês ficaram desapontadas quando ele não deixou a mansão, além da dower house, para você e sua avó?

Poppy piscou em choque.

– É claro que não. Por que

ficaríamos? Nem éramos parentes. Minha avó era apenas governanta dele.

Rafe deu de ombros.

– Sua avó trabalhou para ele por um longo tempo.

– Ela amava trabalhar para ele. Ela o amava.

– *Amava-o?*

Poppy suspirou.

– Acho que ela o amava um pouquinho dessa forma. Não que lorde Dalrymple tivesse percebido alguma vez. Ele vivia no passado, sofrendo pela esposa Clara. Mas minha avó nunca esperou nada dele, ficando totalmente abismada quando ele nos deixou a

dower house. Foi um gesto bonito, que significou muito para vovó Beatrice. Ela nunca possuía nada na vida, nem sequer um carro. Não estudou muito, trabalhando como faxineira desde os 15 anos. Subitamente, descobrir-se dona de uma casa foi um sonho se tornando realidade.

– O fato de ele ter deixado a dower house para a governanta e a filha dela deve ter sido um choque para a família do lorde.

– Sim, houve um pequeno tumulto sobre a separação das escrituras. – Poppy o olhou de novo, mas a expressão de Rafe era inescrutável. – Mas lorde

Dalrymple deixou claro no testamento que a casa deveria ser nossa.

– Então, quando sua avó faleceu, a parte dela na casa passou a ser sua.

– Sim.

Houve um silêncio carregado.

– É só uma casa, Poppy.

Ela enviou um olhar frio.

– Não é só uma casa. É muito mais que isso.

– Você pode comprar um lugar muito melhor com o dinheiro que estou lhe oferecendo. Uma casa três vezes maior e sem necessidade de reforma.

Poppy ressentiu-se de ver o homem de negócios implacável de volta. Por um

momento, acreditara que Rafe possuía um lado suave sob o exterior duro.

– Por que você quer tanto a dower house? A mansão não é o bastante? Você tem propriedades pelo mundo inteiro. Por que está sendo tão teimoso sobre uma pequena casa, num vilarejo minúsculo no interior da Inglaterra?

A expressão dele revelava inflexibilidade.

– Eu *quero* aquela casa. Pertence à propriedade. As escrituras nunca deviam ter sido separadas.

Poppy deu um olhar desafiador.

– Aquela casa me pertence. Você não pode tê-la. Desista.

Olhos escuros encararam os seus.

– Não me atrapalhe, Poppy. Você não tem ideia de quão cruel eu posso ser se necessário.

Ela levantou-se, arrastando a cadeira contra as tábuas do piso.

– Saia da minha casa de chá.

Ele deu um sorriso imperioso.

– Esta casa é minha agora, lembra?

Fúria a percorreu como fogo quente. Ela queria esbofeteá-lo. Nunca se sentira tão tentada a recorrer à violência física. Fechou as mãos, seu corpo tremendo de raiva.

– O que você vai fazer... me cobrar um aluguel exorbitante? Vá em frente.

Obrigue-me a pagar. Eu contarei a todo o mundo que você me chantageou para me levar para sua cama. Falarei com todos os jornais. Não pense que não farei isso, porque farei.

Ele riu, o que a deixou ainda mais furiosa.

– Eu realmente gosto de sua audácia. Ninguém nunca me enfrentou como você. Mas não vai vencer, Poppy. Eu *sempre* consigo o que quero.

– *Vá embora.*

Ele levantou-se sem pressa.

– Ligue para os jornais. Diga o que quiser. Eles pensarão que você é mais uma caçadora de fortunas atrás de

dinheiro e fama. Você acabará com lama no rosto, não eu. – Ele pegou a carteira. – Quanto eu devo pelo chá?

Poppy lhe deu um olhar fulminante.

– É por conta da casa.

Rafe prendeu-lhe o olhar por um momento tenso.

– Eu falei sério sobre o aluguel. Não pretendo fazer mudança alguma nos arranjos que você tinha com John Underwood.

– Eu deveria agradecer, Rafe? Beijar seus pés? Humilhar-me diante de você? Vamos, encoste um dedo em mim e veja o que acontece. Eu o desafio...

Mãos fortes agarraram seus braços

tão rapidamente que ela não tempo nem de respirar, antes que a boca dele cobrisse a sua.

Foi um beijo possessivo, uma pressão quente e firme contra seus lábios que a fez tremer, como se uma carga elétrica de alta voltagem estivesse passando diretamente do corpo dele para o seu.

Poppy pretendia lutar contra ele, mas, de alguma maneira, assim que suas bocas se conectaram, os lábios dela se suavizaram, derretendo-se sob o propósito feroz de Rafe. Ela abriu-se ao comando dele e provou o ardor potente. Ele explorou a boca com intimidade, deixando-a ofegante e mal capaz de se

manter em pé.

Todavia, ainda mais *mortificante*, foi ter emitido um gemido de aprovação, antes que ele quebrasse a conexão.

Era um pequeno consolo que Rafe parecesse tão chocado quanto ela se sentia. Os olhos escuros estavam quase pretos enquanto ele tirava as mãos de seus braços e dava um passo trêmulo atrás.

Poppy tentou pensar em alguma coisa para falar, mas sua boca ainda estava aberta em incredulidade.

Ele assentiu com um gesto formal da cabeça.

– Obrigado pela aula de chá. Foi

muito – Rafe pausou sobre a escolha de uma palavra – interessante.

Poppy exalou o ar num suspiro, depois que ele tinha saído. Sabia que a batalha estava longe de terminar.

Estava apenas começando.

CAPÍTULO SEIS

— EU ACHO que você está sendo muito teimosa sobre isso – disse Chloe alguns dias depois. – Não paro de pensar naquele pobre homem, morrendo de fome na mansão.

Poppy bufou.

– Qual é o problema de um jantar de micro-ondas, de vez em quando?

– Não acredito que estou ouvindo isso. Você... a grande defensora de refeições saudáveis?

Poppy deu um sorriso relutante.

– Não sou avessa à comida de conveniência, uma vez ou outra. Comiatum enlatado com torrada ontem à noite.

Chloe cobriu as orelhas.

– Não me obrigue a ouvir isso.

O sino de ventos da porta soou, e o coração de Poppy acelerou.

– Atenda, Chloe. Preciso tirar os cookies do forno.

Chloe tirou as luvas de forno das mãos de Poppy.

– Ele não está aqui para me ver, infelizmente.

– Como você sabe que é ele?

– Porque você não fica vermelha

quando outra pessoa abre aquela porta.

– Apenas porque eu o detesto.

– Sim, e eu odeio chocolate.

Poppy endireitou os ombros e foi para o salão.

– Bom dia, sr. Caffarelli. O de sempre?

– Eu não vim aqui para tomar café.

Ela lhe deu um olhar irônico.

– Chá?

Um sorriso enigmático brincou nos cantos da boca de Rafe, fazendo-a se lembrar do beijo ardente dele.

– Está livre para jantar esta noite?

Poppy pôs as mãos nos quadris. Onde ele conseguia tanta arrogância e

confiança?

– Você não desiste facilmente, não é?

– Desistir não está em minha natureza.

Chloe enfiou a cabeça para fora da porta.

– Ela adoraria sair para jantar. Poppy não está ocupada. Ela não tem um encontro há mais de três meses.

Poppy virou-se e enviou um olhar furioso para Chloe.

– Não se intrometa.

– Que mal pode haver em jantar com ele? – argumentou Chloe. – Você sabe que quer ir.

– Eu não quero ir!

– Ela *quer* – insistiu Chloe para Rafe.

– E precisa sair mais.

– Eu juro que vou...

– Então está combinado – interrompeu Rafe. – Apanho você às 19h. Pensei em irmos àquele restaurante no vilarejo vizinho do qual todos estão falando.

– Eu *não* vou...

– O que ela deve usar? – perguntou Chloe antes que Poppy pudesse terminar seu protesto.

– Surpreenda-me. – Ele sorriu para ambas e saiu porta afora.

– Você está demitida – disse Poppy com outro olhar mortal para Chloe.

– Não fala sério. De qualquer forma, o que poderia ser mais perfeito do que ir

ao restaurante de Oliver com o muito lindo e muito rico Rafe Caffarelli? Será uma vingança incrível. Eu gostaria de ser uma mosquinha para ver a expressão no rosto daquele idiota quando ele a vir entrando no braço de Rafe. Este é o jeito perfeito de mostrar que você não sofre mais por ele.

– Eu não sofri por ele, para começar.

– É claro que não. Apenas chorou por uma semana. E comeu um cheesecake inteiro.

– *Meio* cheesecake – corrigiu Poppy.

– E eu só chorei porque queria muito ter alguém na minha vida... alguém a quem pertencer. Desde que vovó morreu, sinto

que não pertenço mais a ninguém.

Chloe deu um abraço apertado.

– Você pertence a este vilarejo, Poppy. Todos a adoram. Nós somos a sua família, agora.

POPPY MORDISCOU o lábio enquanto voltava para a cozinha. Talvez Chloe estivesse certa... aquela seria uma boa oportunidade para mostrar a Oliver que ela seguira em frente.

Mas Rafe Caffarelli?

Ele era ardiloso e inteligente. Fazia tudo com um propósito específico em mente. Poppy sabia que ele queria sua casa, mas e se não fosse somente a casa que ele estava determinado a possuir?

Especialmente depois daquele beijo explosivo...

Ela recusava-se a pensar naquele beijo. Na maneira *disposta*, quase desesperada que se entregara a ele.

Poppy não conseguia entendê-lo. Rafe comprara o imóvel da casa de chá, mas não aumentara o aluguel e prometera não aumentar. Ela poderia confiar que ele não ia mudar de ideia? Ele estava tentando amolecer suas reservas? Tentaria beijá-la novamente? Era por isso que a estava levando para jantar? Ela teria força de vontade para resistir?

É claro.

Tinha sido pega de surpresa, antes.

Rafe se aproveitara de seu lapso momentâneo de concentração. Poppy estaria mais preparada, desta vez. Ele poderia jogar quanto charme quisesse.

Ela estava de volta no controle.

RAFE PAROU o carro diante da dower house, às 19h em ponto. Uma cacofonia de latidos veio de dentro da casa quando ele levantou a mão para a aldrava. Ele ouviu Poppy tentando silenciar os cachorros, com sucesso limitado, então a porta se abriu.

— Você está — ele ficou momentaneamente sem palavras — incrível.

Ela usava um vestido preto justo, que

era simples, mas elegante, enfatizando a figura delgada, sem a explorar. A sensualidade sutil do traje era de parar o coração. O cabelo de Poppy estava preso num daqueles nós artísticos que parecia casual e elegante, ao mesmo tempo. Um colar de pérolas simples rodeava o pescoço gracioso, e brincos combinando adornavam as orelhas. A maquiagem era suave, porém enfatizava cada feição do rosto bonito: as bochechas altas, os olhos cor de café e a boca em arco perfeito, a qual estava coberta por uma fina camada de brilho.

Ele ainda não conseguia parar de pensar naquele beijo. Não se lembrava

de quando um beijo o afetara tanto. Beijara centenas de mulheres, mas alguma coisa sobre a boca doce de Poppy Silverton se derretendo dentro da sua lhe causara um desejo que o vinha perseguindo desde então.

Ele a queria. *Muito*.

– Eu só vou pegar minha bolsa. – Ela gesticulou para que os cachorros recuassem e inclinou-se para pegar seus pertences da mesa do hall.

O olhar de Rafe viajou pela extensão das pernas delgadas, desde os tornozelos delicados saindo da sandália de saltos altos até a curva arredondada do traseiro. Um dos cães – aquele que

tinha um curativo preto sobre um olho, estilo pirata – rosnou para ele.

– Quietto, garoto – disse Poppy.

– Você está falando comigo ou com o cachorro? – perguntou Rafe.

Um delicado rubor cobriu o rosto enquanto ela colocava um xale ao redor dos ombros.

– Pickles é um pouco tímido com estranhos. Mas, uma vez que ele o conhecer, não sairá mais de perto de você.

– Mal posso esperar.

O rubor de Poppy aumentou um pouco.

– Então... você gosta de cachorros?

— Eu adoro cachorros. — Rafe abaixou-se e esfregou atrás das orelhas de Chutney. Relish aproximou-se e empurrou o amigo do caminho, para roubar a atenção, mas Pickles encarava Rafe com o tipo de desconfiança que um pai protetor olharia para um pretendente que tinha ido buscar sua filha adolescente para o primeiro encontro amoroso dela.

— Você tem um cachorro em casa? — perguntou Poppy.

Rafe endireitou o corpo.

— Não. Eu viajo muito, nem seria justo deixá-lo com empregados.

— Onde você está baseado? Itália ou

França?

– Tenho uma casa na Úmbria e uma em Lyon. E tenho apartamentos em Roma e Paris, que uso para viagens de negócios. Nossa família possui algumas propriedades em outros locais ao redor do mundo. Não vou entediá-la, listando-as.

Ela lhe deu um olhar.

– De qual você mais gosta?

Rafe adorara a casa menor, porém confortável, perto de Roma, na qual ele e seus irmãos tinham crescido, antes que seus pais morressem. Ciente da extrema riqueza com a qual estava se casando, sua mãe insistira em criar os meninos

num ambiente mais normal, reduzindo o número do staff ao mínimo possível e cozinhando a maior parte das refeições.

Mas seu avô vendera a casa depois da morte dos pais de Rafe, sem consultar Rafe ou seus irmãos sobre isso. Havia sido devastador não apenas perder os pais, mas seu lar também. Era como se tudo que eles mais prezassem tivesse desaparecido. Como resultado, Rafe tentava não se apegar a pessoas, lugares ou coisas. Seus irmãos eram iguaizinhos, nesse aspecto.

– Eu não tenho uma favorita. Cada casa serve ao seu propósito. – Ele segurou a porta aberta. – Vamos?

Rafe acomodou-a no carro antes de sentar-se ao volante.

– Então... três meses desde seu último encontro?

– Chloe não tinha o direito de lhe contar isso.

– Fico feliz por ela ter contado. Eu não teria gostado de invadir o território de outra pessoa.

Ela enviou um olhar estreito.

– Isso não é um encontro romântico.

– O que é, então?

Poppy uniu as mãos no colo.

– É apenas um jantar entre dois... hum...

– Amigos?

– Associados.

Rafe riu.

– Estou surpreso que você não disse inimigos. Devo estar melhorando um pouco em sua opinião.

– Não muito.

– Ora, Poppy, não vamos estragar nosso primeiro encontro, brigando como crianças.

– Isto não é um encontro!

Rafe sorriu enquanto estacionava do lado de fora do restaurante.

– É claro que não.

POPPY FORÇOU-SE a sorrir quando entrou no restaurante com Rafe. Também teve de lutar contra um tremor quando ele pôs

uma mão gentil em suas costas, para guiá-la. O toque elétrico queimava através do tecido de seu vestido. Rafe usava um terno cinza-chumbo, mas não se incomodara com uma gravata. A camisa azul-clara fazia a pele lindamente bronzeada realçar. Era o homem mais maravilhoso que ela já vira na vida.

E não era apenas a aparência. A presença de comando também era muito atraente. Ele tinha uma aura de autoridade que fascinava as pessoas.

O *maître* era um bom exemplo disso. Poppy observou quando Morgan, a nova namorada de Oliver, quase desmaiou ao

se aproximar para cumprimentar Rafe.

– Sr. Caffarelli, é maravilhoso recebê-lo aqui – murmurou ela. – Reservamos a melhor mesa para você. – Ela olhou friamente para Poppy. – Oi, Poppy. Como está indo a casa de chá?

– Olá, Morgan – respondeu Poppy. – Está indo muito bem. Incrivelmente movimentada nos últimos tempos.

Morgan deu um sorriso tenso.

– Acompanhem-me.

Depois que eles estavam sentados à mesa e Morgan os deixara com os menus, Rafe perguntou a Poppy:

– Amiga ou inimiga?

Poppy pegou o menu.

- Prefiro não falar sobre isso.
- Deixe-me adivinhar.
- Prefiro que você não tente.

Ele inclinou-se para a frente e abaixou o menu que ela estava usando como uma tela, de modo que pudesse encontrar-lhe os olhos.

– O dono deste restaurante... Oliver Kentridge... vocês eram um casal até três meses atrás?

Poppy pressionou os lábios, sem responder.

- E a garota Morag...
- Morgan.
- Morgan... foi ela quem o seduziu para longe de você, certo?

Poppy suspirou.

– Não acho que seja justo culpar Morgan por isso. Oliver não estava conseguindo o que queria de mim, então foi para ela. Se gostasse de mim, não teria me traído. Obviamente, não se importava o bastante.

Rafe franziu o cenho.

– O que ele não estava conseguindo de você?

Poppy mexeu-se em seu assento. Aquela não era uma conversa para se ter num restaurante público, era? Não que houvesse alguém sentado perto, mas ainda assim...

– Hmm...

– Sexo?

Ela fitou a expressão de incredulidade e enrubesceu.

– Por que está me olhando assim?

– Você se recusou a fazer sexo com ele?

Poppy inclinou-se para a frente e sussurrou:

– *Pode falar mais baixo, por favor?*

Ele também se inclinou para a frente, descansando os braços sobre a mesa, de modo que as mãos ficaram muito perto das suas, e prendendo-lhe o olhar.

– Por quanto tempo vocês saíram juntos?

– Alguns meses.

– Então, qual era o problema? Você não gostava dele?

– Até gostava.

– O que isso significa?

Poppy deu de ombros.

– Acho que eu queria que fosse mais do que era... Nosso relacionamento, quero dizer. Eu me senti solitária depois que minha avó morreu. Queria estar com alguém. Eu conhecia Oliver havia anos, desde a época de escola. Nós tínhamos muito em comum, ou assim pensei. Ambos nos mudamos para Londres, a fim de fazer treinamento em hospitalidade. Quando voltamos para cá, começamos a namorar.

– Então, por que você não dormiu com ele?

De alguma maneira, uma das mãos de Rafe tinha se curvado ao redor de uma das suas, criando uma intimidade que daria a impressão a todos que os olhassem que o relacionamento deles era sexual. O pensamento enviou um tremor pela coluna de Poppy.

Ela respirou fundo.

– Eu queria esperar um pouco...

– Para quê?

– Para ver se a química era certa.

– Claramente não era.

– Não...

A aproximação de Morgan, com a

lista dos especiais do dia, pôs uma pausa na conversa. Mas, em vez de recostar-se na cadeira, Rafe continuou segurando a mão de Poppy sobre a mesa. Ela sentiu a carícia lenta do polegar dele no interior de seu pulso, e seu sangue esquentou.

Os olhos de Morgan foram para as mãos unidas de ambos, antes que ela se dirigisse a Rafe.

– Gostaria de uma bebida antes do jantar?

– Champanhe – replicou Rafe com um sorriso fácil. – Traga-nos sua melhor garrafa.

Morgan arregalou os olhos, mas

manteve a postura profissional e assentiu.

– Champanhe? – perguntou Poppy depois que Morgan saiu.

Ele sorriu.

– Eu finalmente convenci você a sair comigo. Acho que isso merece uma comemoração.

– Você não me convenceu, mas sim me *coagiu*.

Rafe levou a mão dela à boca, segurando-a contra o queixo recém-barbeado, enviando uma onda de deleite pelo corpo inteiro de Poppy.

– Você queria vir, admita. Não estaria aqui agora se não quisesse. Teria batido

a porta no meu rosto quando fui buscá-la. Mas, não, estava pronta e me esperando.

Poppy irritou-se consigo mesma por ser tão previsível. Por que *não* batera a porta no rosto dele?

– Eu não confio em você. Como sei que você não vai mudar de ideia sobre o aluguel?

– Porque não é assim que faço negócios.

– Todavia, uma casa de chá não tem nada a ver com seus investimentos normais.

– Eu gosto de diversificar um pouco.

Poppy tentou ler a expressão, mas ele

era mestre em escondê-las. Ela sabia que era uma novidade para Rafe, provavelmente a primeira mulher que lhe dissera não. O problema era que não sabia por quanto mais tempo *conseguiria* dizer não. Como seria sentir aquela boca maravilhosa sobre a sua, novamente?

Ele se contentaria somente com um beijo desta vez?

Ela se contentaria?

Não havia como negar a química que parecia fervilhar entre eles. Tal química estivera presente desde o instante em que Rafe entrara em sua casa de chá pela primeira vez. O problema era, o

que ela ia fazer sobre isso?

Morgan chegou com o champanhe.

– Então, o que vocês estão comemorando? – perguntou ela, tirando a rolha.

Rafe sorriu.

– Nada especial... apenas um jantar entre amigos.

Morgan olhou para Poppy com o semblante amargo.

– Eu não sabia que você se movia em círculos sociais tão elevados. Não há nada na imprensa sobre o envolvimento de vocês dois.

Rafe apertou a mão de Poppy num aviso.

– Estamos tentando manter segredo. Apreciaríamos a sua discrição.

– É claro. – Morgan deu outro de seus sorrisos rígidos antes de se retirar.

Poppy o olhou.

– O que está fazendo? Ela vai telefonar para o jornalista mais próximo e oferecer informação exclusiva. Aposto que ela lhes contará até o que comemos e bebemos.

– E daí?

– *E daí?* Como pode ser tão casual sobre isso? Você deliberadamente deu a impressão de que estamos juntos. Pessoas zombarão de mim na imprensa. Todos farão comentários horríveis ao

meu respeito e me chamarão de interesseira ou outras coisas ofensivas.

Exatamente como tinham feito com sua mãe.

Poppy achara recortes de jornal nas coisas de sua avó, depois que ela morrera. Tinha sido devastador descobrir um pouco mais sobre a história de sua mãe. Como uma garota normal e sensata havia sido seduzida para o mundo de um homem rico e caído quando parara de interessá-lo. Poppy sabia que era aquilo que destruía sua mãe... a humilhação pública de ser rejeitada, descartada como um brinquedo que perdera seus atrativos. O

pai playboy de Poppy negara paternidade quando sua mãe lhe contara que estava grávida, e sua mãe fora retratada como uma prostituta interesseira, que queria arranjar um marido rico.

O mesmo não seria dito sobre Poppy se ela fosse vista na imprensa com Rafe Caffarelli?

— Por que está tão preocupada com o que as pessoas vão pensar? — questionou ele.

Poppy mordeu o lábio.

— É fácil para você, que está acostumado a ser o assunto dos artigos de jornal. Detesto que me fotografem

quando não estou preparada para isso. Algum fotógrafo inescrupuloso provavelmente vai me pegar desprevenida, com salsinha nos dentes, sem maquiagem ou usando meu moletom mais surrado.

Rafe sorriu.

– Gostei de vê-la de moletom na outra noite.

– Um moletom velho e desbotado.

– Você estava linda nele.

Poppy pegou sua taça de champanhe, para fazer alguma coisa com as mãos. Rafe era letalmente charmoso quando estava flertando. Mas ela não devia esquecer que possuía algo que ele

queria... a dower house. Ele tentara outros meios para convencê-la a vender a casa. Talvez o flerte charmoso fosse uma nova abordagem para tentar alcançar um objetivo.

– Você acha que, se me elogiar o bastante, mudarei de ideia e venderei minha casa?

– Acho que você está confundindo meus motivos.

Ela o fitou com desconfiança.

– Ah, verdade? Então, vai me dizer que você me convidou para jantar, não para tentar me fazer mudar de ideia, mas apenas porque acha a minha companhia maravilhosa?

Um meio sorriso ainda brincava nos lábios de Rafe.

– Acho a sua companhia fascinante. Você é muito diferente de qualquer mulher que já conheci antes.

Poppy sentiu um friozinho na barriga quando ele prendeu-lhe o olhar.

– Suponho que devo ser mais um desafio para você agora.

– Por que isso?

– Porque eu sou... você sabe... o que eu lhe contei antes.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– O que você me contou antes?

Poppy suspirou. Precisava realmente falar com todas as letras? Sentiu um

rubor subir por seu pescoço quando o silêncio continuou.

Finalmente, ela respirou fundo e jogou a bomba:

– Eu ainda sou virgem.

CAPÍTULO SETE

RAFE ESTAVA completamente pasmo.

– Você está falando sério?

– Eu lhe disse antes...

– Você disse que não tinha dormido com seu ex-namorado. Não falou que não dormiu com *ninguém*.

A expressão de Poppy era defensiva.

– Vá em frente. Chame-me de dinossauro. Chame-me de pária.

Rafe não podia entender aquilo. Dormira com dúzias de mulheres, e nenhuma delas era virgem. Algumas

tinham até mais experiência do que ele.

Gostava de pensar em si mesmo como um homem aberto e moderno, do século XXI, como todo o mundo. Porém alguma coisa sobre a inexperiência de Poppy despertou um lado terrivelmente antiquado em seu interior, que ele não soubera possuir, até agora.

Virgem.

Nos dias atuais!

Rafe observou-a tomar pequenos goles do champanhe, os olhos cor de café encontrando os seus, de vez em quando, como se ela estivesse tentando agir com naturalidade numa situação totalmente anormal. Ou pelo menos,

anormal para ele.

Sua rotina usual era jantar e sexo. Um pacote que sempre funcionava.

Ele sempre ganhava a garota.

Mas Poppy Silverton era outra história. Desde o momento em que entrara na casa de chá, Rafe a vira como a inimiga que teria de conquistar, mas, de alguma maneira, Poppy tinha a vantagem sobre ele, agora. Isso era irônico. Ele era famoso por sua determinação férrea, por sua personalidade implacável, entretanto, neste caso, sentia-se numa emboscada.

Não vira aquilo chegando. Estivera despreparado para o que acabara

acontecendo. Ela era a mulher mais fascinante e intrigante que já conhecera.

E o detestava.

Certo, mas Rafe poderia resolver isso... conhecê-la, encantá-la e fazê-la se sentir um pouco mais à vontade com ele.

Fazer com que ela lhe vendesse a casa.

Este ainda era seu objetivo. Queria aquela casa, porque, do contrário, a Propriedade Dalrymple não estaria completa. Rafe não fazia coisas pela metade. Quando traçava suas metas, alcançava-as, independentemente do que ou de quem estivesse no seu caminho.

Ele sempre vence.

Perder apoiaria a crença de seu avô ao seu respeito... que Rafe não era bom o bastante, não era forte o bastante para enfrentar a oposição. Vittorio tentara convencer Rafe e seus irmãos de que, como o pai falecido, eles eram apenas imitações insignificantes dele. Que *ele* era o patriarca que ninguém ousaria ofuscar.

A arrogância de seu avô dera combustível à determinação de Rafe desde sua infância. Ele abominava fracasso; uma palavra que não existia em sua mente, muito menos em seu vocabulário.

Rafe não deveria *gostar* de sua inimiga. Não deveria respeitá-la ou estar intrigado por ela, ou querê-la como não quisera mulher alguma. Desejo era uma força pulsante em seu interior, mesmo agora.

– Então, como você chegou à idade de...?

– Vinte cinco.

Vinte cinco! Era inacreditável.

– Como chegou a esta idade sem fazer sexo?

– Eu não queria acabar como minha mãe, apaixonando-se pelo primeiro homem que lhe fez um elogio – replicou Poppy. – Suponho que isso me tornou

excessivamente cautelosa. Eu só queria ter certeza de que minha primeira vez fosse com a pessoa certa. Não é que eu esteja esperando um anel de casamento ou algo assim. E também não é por causa de crenças religiosas, embora eu respeite muito aqueles que as tem.

Rafe gostaria que pudesse dizer o mesmo. Mas o Deus de sua infância não atendera as suas preces no dia em que seus pais haviam morrido. Ele se sentira sozinho no universo, naquele dia, e o sentimento nunca o deixara completamente.

— Eu não acho que você seja uma pária, em absoluto — disse ele. —

Também acho que não há nada de errado em ser seletiva sobre com quem você dorme. Para dizer a verdade, eu gostaria de ser um pouco mais seletivo, às vezes.

Ela sorriu e mudou de assunto:

– O que seus irmãos fazem?

Conversa neutra era bom. *Ele podia fazer isso.*

– Raoul está envolvido nos negócios da família, na parte de investimentos, mas ele também administra uma fazenda de criação de cavalos puro sangue na Normandia. É um esportista um pouco radical; não só cavalga a velocidades estonteantes, como é um esquiador ousado tanto na neve quanto na água. E

Remy trabalha com o mercado de ações. Ele compra negócios falidos, os reconstrói e vende-os por um lucro. Adora correr riscos.

— Você deve se preocupar constantemente com eles. Fico quase feliz por ser filha única.

Rafe sobrevivera à perda de seus pais, mas o pensamento de perder um de seus irmãos era algo que o perseguia. Os dois lhe eram muito preciosos. Ele não lhes dizia isso — os irmãos raramente demonstravam sua afeição uns pelos outros —, mas ficaria devastado se alguma coisa acontecesse a qualquer um deles. Desde seus 10 anos, tinha sido

responsabilidade sua ficar de olho neles.

– Cada um tem sua própria vida. Tentamos nos encontrar quando estamos no mesmo país, mas não interferimos um na vida do outro, exceto quando se trata nos negócios da família.

– Que papel seu avô tem nos negócios?

– Ele está afastado, ultimamente, o que não lhe agrada em nada – disse Rafe. – Ele sofreu um derrame de intensidade moderada, alguns meses atrás. Isso o deixou ainda mais rabugento.

Ela o estudou por um momento.

– Você não gosta muito de seu avô, verdade?

Rafe comprimiu os lábios.

– Tento dizer a mim mesmo que deve ter sido difícil para ele, subitamente, receber três garotos para criar, mas a verdade é que ele nunca se interessou por nós, mesmo antes de nossos pais falecerem. Meu pai e ele sempre tiveram um relacionamento tenso. O qual piorou quando minha mãe entrou em cena. Meu avô não aprovou a escolha de esposa de meu pai. Não apenas porque minha mãe era francesa e de família pobre. Acho que era mais inveja do que qualquer outra coisa.

Poppy arqueou uma sobancelha.

– Inveja?

– Sim, ele detestava ver meu pai feliz com alguém enquanto a esposa dele... minha avó... estava morta.

– Ele saiu com outras mulheres ou pensou em se casar de novo?

Rafe emitiu um som de desprezo.

– Ah, meu avô tinha suas mulheres; ele as tinha enquanto minha avó ainda era viva: empregadas, garotas da região, a quem ele pagava com algumas bugigangas para que elas mantivessem silêncio. Mas o que meu avô nunca teve foi o que meu pai tinha... uma mulher que o amava, não porque ele era rico ou

pelo que podia lhe oferecer, mas porque ela simplesmente o adorava.

– Isso é romântico – comentou Poppy.
– Que trágico que eles não tiveram mais anos para desfrutarem juntos.

Rafe pegou sua taça novamente.

– Verdade, mas, de certa forma, foi melhor terem morrido juntos. Não posso imaginar como qualquer um dos dois suportaria a perda do outro.

– É isso que você espera encontrar, Rafe? Um amor assim?

Rafe completou ambas as taças antes de responder:

– Suponho que terei de me casar algum dia. Providenciar herdeiros.

– Você faz isso parecer tão impessoal.

– Venho de uma longa linhagem de Caffarelli. Nós nascemos para nos casar e reproduzir, idealmente entre 30 e 35 anos. Essa é uma responsabilidade familiar. Romance tem muito pouco a ver com isso.

Não tinha nada a ver com o casamento do avô dele, o qual fora arranjado pelos pais de seu avô, a fim de aumentar riqueza e posse de propriedades. Mas, pelo que Rafe ouvira do staff ou de parentes do staff, que trabalhara para a família previamente, o casamento havia sido horrível desde o primeiro dia.

– Então, você vai selecionar uma esposa adequada? – perguntou Poppy. – Checar a dentição e a linhagem? Conduzir reuniões para ver se ela sabe usar os talheres? Fazer uma espécie de teste com ela?

Ele riu enquanto levava a taça à boca.

– Esperançosamente, nada tão arcaico como isso.

– Você pretende apaixonar-se do modo antiquado?

Rafe estudou o semblante por um momento. Ele se permitiria apaixonar-se? Aquilo não era algo que planejava fazer algum dia. Amar alguém dava poder ao outro sobre você. O que

amasse mais acabava com menos poder no relacionamento. Apaixonar-se era perder o controle, e uma coisa de que ele não gostava era de perder o controle, principalmente de suas emoções. Mesmo durante o sexo, Rafe sempre segurava uma parte de si mesmo, motivo pelo qual aquele beijo o abalara tanto.

Controle era sua responsabilidade.

Ele não passara sua infância protegendo seus irmãos mais novos das explosões violentas de seu avô? Sofrera os ataques verbais e, muitas vezes, os físicos, também. O temperamento imprevisível de seu avô tornara sua infância e adolescência um inferno, às

vezes.

Tinha sido melhor quando Rafe e seus irmãos foram mandados para o colégio interno na Inglaterra. Pelo menos, era apenas nas férias que Rafe precisara manter seus irmãos fora da linha do fogo.

Não, apaixonar-se não era algo que ele planejava fazer tão cedo se o fizesse algum dia.

Morgan apareceu para anotar o pedido das refeições.

– Já decidiram? – perguntou ela.

– Eu decidi – replicou Rafe. – E você, *ma chérie*? Já sabe o que quer?

Os olhos de Poppy se arregalaram

momentaneamente diante do termo carinhoso, mas ela logo se recuperou.

– Sim, lombo com erva-doce e limão.

– E o senhor?

– Eu quero o carneiro ao molho de vinho tinto.

Uma vez que Morgan se retirou, Poppy inclinou-se para a frente.

– *Ma chérie?*

– Significa “minha querida”.

– Sei o que significa, mas por que me chamou assim na frente dela?

– Você não gosta de ser chamada de querida?

– Não por alguém que não está sendo sincero.

– Eu estou lhe fazendo um favor – argumentou Rafe. – Pense no que Morgan está contando para seu ex-namorado, na cozinha, agora. Aqui está você, jantando com um dos solteiros mais elegíveis da Europa. Isso vai doer um pouquinho, não acha?

Ela deu um sorriso relutante, revelando lindas covinhas nas bochechas. Rafe subitamente percebeu que aquela era a primeira vez que ela lhe sorria.

– Talvez.

– Você estava apaixonada por ele?

O sorriso desapareceu.

– Na época, achei que estivesse.

– Mas agora?

Ela deu de ombros.

– Provavelmente não.

– Então, você teve uma escapada de sorte.

Poppy encontrou-lhe os olhos.

– Obrigada.

– Pelo quê?

– Por me fazer sair esta noite. Por me fazer enfrentar meus demônios, vamos dizer.

– Refere-se ao demônio que é muito covarde para sair da cozinha e vir cumprimentá-la? – sugeriu Rafe. – Talvez eu deva pensar duas vezes antes de pedir que ele cozinhe para mim

enquanto estou hospedado na mansão.

Ela sentou-se ereta na cadeira.

– Você não pode pedir a ele!

Rafe deu um gole do champanhe.

– Por que não?

– Porque... porque eu gostaria de fazer isso.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Você mudou de ideia?

– Faz sentido, uma vez que eu sou sua vizinha. Além disso, ele estaria usando as minhas receitas. É melhor que eu fique com o crédito por elas.

– Com certeza.

– E eu preciso do dinheiro.

– O movimento no seu salão está

fraco, apesar do que você disse para Morgan, não está?

Ela assentiu.

– Sei que não sou muito boa para fazer negócios. Chloe sempre fala que eu sou generosa demais, e dou muito crédito para pessoas que poderiam pagar, se eu as obrigasse.

– E por que uma casa de chá? – perguntou ele. – Por que não um restaurante comum?

– Eu soube que queria abrir uma casa de chá, aos 10 anos. Minha avó me ensinou a cozinhar, e eu adorava ficar na cozinha com ela. Achei que devesse fazer a coisa certa e obter qualificação

apropriada, mas foi muito diferente estar na cozinha de um restaurante movimentado do Soho.

– Então você voltou para cuidar de sua avó quando ela ficou doente.

– Sim, e não me arrependo disso nem por um minuto.

Rafe não pôde evitar admirar a lealdade e devoção de Poppy. Aquilo era tão diferente de como ele se sentia em relação ao seu avô. Ele detestava ter de visitá-lo para cumprir seu dever de família, como nos aniversários e no Natal. Raramente lhe falava, a menos que fosse necessário.

– Você deve sentir saudade dela.

– Eu sinto. – Poppy deslizou um dedo ao redor da taça de champanhe. – Sabe do que eu mais sinto saudade?

– Conte-me.

Olhos castanhos sérios encontraram os seus.

– Dos brownies de chocolate de vovó.

Rafe piscou.

– *Perdão?*

Ela deu um sorriso travesso.

– Estou brincando. Eu o peguei por um minuto, não é?

Você me pegou desde o momento em que eu a vi pela primeira vez.

Espere, o que ele estava pensando?

Ela o pegara em que sentido? Certo, ele estava atraído por ela, mas Poppy não era seu tipo. Ela era do tipo simples, caseiro. O mundo de Rafe era feito de carros velozes, lugares sofisticados e mulheres fáceis que conheciam as regras e as aceitavam.

O mundo de Poppy era num vilarejo isolado, assando bolos e fazendo chá para velhos solitários, enquanto esperava o príncipe encantado.

Ela era inocente e doce; ele era calejado e pessimista.

Qualquer relacionamento entre os dois era uma receita para desastre.

— Eu sinto falta da sabedoria de minha

avó – continuou Poppy. – Ela me ensinou mais sobre cozinhar do que qualquer curso de hospitalidade poderia ensinar. O que as pessoas não entendem é que não basta uma coleção de bons ingredientes para obter uma refeição de cinco estrelas. É tão mais que isso.

– O que torna uma refeição especial?

– O amor.

– Amor?

– Os melhores restaurantes estão onde os chefs amam a comida que preparam e as pessoas que alimentam – explicou ela. – É um relacionamento simbiótico.

– Então, você está me dizendo que ama as pessoas que frequentam a sua

casa de chá?

Ela lhe deu um olhar arrogante.

– Talvez, não *todas* elas.

Rafe riu.

– O que preciso fazer para ganhar o seu amor? Tomar chá e comer bolo?

Ela estreitou os olhos.

– Você não quer o meu amor. Quer apenas a minha casa.

Eu quero muito mais do que a sua casa.

Rafe reprimiu o pensamento quando Morgan chegou com as refeições deles. Precisava manter o foco. O objetivo era a dower house. Ele não precisava ou queria qualquer outra coisa. Não ficaria

lá tempo suficiente para investir em nada, além de construir um hotel de luxo que o faria ganhar rios de dinheiro.

Objetivo.

Foco.

Vencer.

Claro, seria divertido ter Poppy Silvertown em sua cama durante o curto tempo que estivesse lá, mas ele não ia lhe oferecer mais nada. Ela estava procurando pelo príncipe do conto de fadas, por um final de “felizes para sempre”.

A vida doméstica que mulheres como Poppy almejavam não tinha nada a ver com a vida que Rafe queria para si

mesmo. Ele não pensava num jardim cercado, com cachorros e cheiro doce de bebês. Nunca ficava no mesmo lugar por mais de uma ou duas semanas. Nunca ficava com uma mulher por mais de um mês; seis semanas, no máximo. Não se comprometia. Talvez, fosse mais parecido com seu avô do que gostava de admitir.

CAPÍTULO OITO

DEPOIS QUE saíram do restaurante, Rafe levou Poppy para casa, desceu do carro e acompanhou-a até a porta da dower house. Ela não esperara apreciar a noite, mas Rafe tinha sido muito charmoso, e, embora o restaurante de Oliver não tivesse sido sua primeira escolha, no final, aquilo lhe dera a sensação de encerramento da história dos dois.

Mas a irritava que Rafe mais uma vez conseguira o que queria. Ela acabara concordando em cozinhar para ele

enquanto ficasse hospedado na Mansão Dalrymple. Isso mostrava como Rafe era astuto, sabendo virar as coisas ao seu favor, encontrar a fraqueza de seu oponente e então atacar.

E Poppy mordera a isca. Agora estava comprometida a vê-lo todas as noites quando fosse entregar o jantar à porta dele. Ela era tão previsível, ou Rafe possuía a habilidade de lê-la?

Poppy virou-se para encará-lo, no degrau da porta.

– Você tem alguma preferência por refeições? Ou ficará satisfeito com qualquer coisa que eu trazer?

Os olhos escuros dele foram para sua

boca, por um momento.

– Não foi por isso que eu a convidei para sair esta noite.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Não foi?

– Não. – A voz de Rafe parecia mais profunda que o normal.

Os olhos de Poppy estavam no mesmo nível dos dele, uma vez que ela estava dois degraus acima de Rafe e usando seus saltos mais altos. Ela podia ver o brilho naqueles olhos impossivelmente castanhos. Podia ver os lábios comprimidos, como se ele estivesse lutando algum tipo de batalha interna.

– Então, por quê?

– Eu a convidei para sair com a intenção de dormir com você.

Poppy arregalou os olhos diante da resposta honesta.

– Você não omite nada, certo?

– Sua honra está segura, Poppy. Eu não vou ter o que quero com você esta noite.

– Isso é muito tranquilizador. – Ela sentiu-se desapontada, mas nunca admitiria isso em voz alta.

Rafe capturou um cacho que escapara de seu penteado e enrolou-o no dedo, os olhos prendendo os seus com uma intimidade que a fez tremer.

– Eu tinha tudo planejado. Ia jantar

com você, enchê-la de elogios, depois a trazer para cá, a fim de fazer sexo selvagem e apaixonado com você.

Poppy engoliu em seco.

– Você... ia?

Ele soltou o cacho e colocou-o atrás da orelha dela.

– Você é uma boa garota, Poppy Silverton. Mas este é o problema... eu não me envolvo com boas garotas.

Envolva-se comigo!

– Então... o que fez você mudar de ideia?

– Eu tive mais amantes do que posso contar – disse ele. – Nem mesmo me lembro da maioria dos nomes delas.

– Aposto que elas não esquecem o seu tão facilmente.

Ele deu de ombros, como se dissesse que as coisas eram assim.

– Eu não sou o que você procura. Seria injusto lhe dar a impressão errada ou deixá-la pensar que qualquer aliança entre nós pudesse se transformar em alguma coisa mais permanente.

– Você é surpreendentemente honroso para um playboy.

Rafe roçou-lhe o queixo com o indicador, e o leve toque enviou uma onda poderosa de desejo pelo corpo de Poppy.

– *Bonsoir, ma petite.*

Poppy exalou o ar enquanto o observava andar para o carro. Estivera esperando outro beijo. Antecipara o beijo desde o momento em que ele a apanhara naquela noite e a olhara como se ela tivesse saído de uma passarela de Paris. Queria sentir aquela boca firme contra a sua novamente. Talvez devesse ter tomado a iniciativa. Poderia ter lhe dado um beijo breve nos lábios para agradecer a noite adorável.

O problema era que não teria sido um beijo breve.

Uma vez que suas bocas se tocassem, outra explosão seria denotada e desta vez eles poderiam não ser capazes de

recuar. Poppy nunca experimentara um desejo assim, antes. Durante anos, vinha esperando pelo homem certo para destravar seus sentidos. Quisera encontrar alguém que fizesse seu coração disparar, que fizesse sua pele se arrepiar. Alguém que lhe causasse um desejo que a consumisse. O beijo ardente de Rafe não tinha sido uma amostra do prazer ele era capaz de lhe proporcionar?

Ele falara que não ia agir sobre o desejo que sentia por ela. Quisera dizer naquela noite ou nunca? Rafe iria simplesmente ignorar a atração poderosa que existia entre eles? Talvez

ele tivesse força de vontade para fazer isso, mas Poppy não tinha tanta certeza se poderia. Pelo menos, não por muito mais tempo.

CHLOE ESTAVA empolgada quando chegou à casa de chá na manhã seguinte.

– Você viu o jornal? – Ela estendeu um jornal para Poppy. – Todos estão dizendo que você é a nova conquista de Rafe Caffarelli. Isso foi rápido! Pensei que você nem gostasse dele. O que aconteceu ontem à noite? Você dormiu com ele?

Poppy pegou jornal.

– É claro que não. Eu nem mesmo o beijei. Nós jantamos, nada mais.

Ela olhou para a página do jornal que Chloe deixara aberta. Havia uma foto dos dois sentados à mesa, na noite anterior. A mão de Rafe cobria a sua, e eles se entreolhavam com intensidade.

– Então? – perguntou Chloe.

Poppy fechou o jornal e devolveu para sua amiga.

– Então, nada.

– Nada? Nem um beijo?

– Não.

– Um beijo no rosto?

– Não.

Chloe comprimiu os lábios.

– Vocês discutiram ou algo assim?

– Não. Na verdade, eu concordei em

fazer as refeições para Rafe enquanto ele estiver aqui.

– Deus, ele deve ter sido muito charmoso. Pensei que você preferisse vê-lo morrer de fome.

– Bem, ou eu concordava ou Oliver fazia isso. – Poppy amarrou o avental na cintura. – Acredita que Oliver tinha *meu crème brûlée* de maracujá no menu?

– Rafe pediu?

– Não, ele não gosta de doces.

Chloe a olhou, pensativa.

– Os gostos das pessoas mudam.

Poppy deu um pequeno sorriso secreto enquanto ia para a cozinha.

– Veremos.

RAFE ESTUDOU as plantas preliminares que desenhara, mas alguma coisa estava errada. Ele não sabia o quê. Normalmente, era bem definido nesse tipo de coisa. Comprava uma propriedade com potencial de desenvolvimento e esboçava planos para que sua equipe de design os aprimorasse.

Mas, desta vez, alguma coisa não estava certa.

A campainha tocou e Rafe levantou-se de sua cadeira. Tinha perdido a noção do tempo. Ficara sentado por horas, sem progredir muito. Passou uma mão pelo cabelo e abriu a porta.

– Eu trouxe seu jantar. – Poppy estava parada no degrau, com os três cachorrinhos aos seus pés, como guardacostas em miniaturas. Segurava uma bandeja que exalava cheiros deliciosos.

Rafe nunca vira uma cena tão linda, e não tinha nada a ver com o fato de estar faminto.

– O aroma está divino – disse ele. – Mas parece que você tem o bastante aqui para alimentar um time de futebol.

– Eu não sabia quão grande era seu apetite. – Ela corou.

– Por que não janta comigo? – Ele abriu mais a porta com o ombro, enquanto pegava a bandeja dela. – Você

estaria me fazendo um favor. Eu estou tendo um daqueles dias improdutivos frustrantes. Gostaria de uma companhia.

Ela hesitou.

– Eu não quero atrapalhar. – Poppy olhou para os cachorros aos seus pés. – E trouxe os garotos comigo.

Rafe pôs a bandeja na mesa do hall quando Chutney já se aproximara para cumprimentá-lo, o pequeno corpo se contorcendo em alegria. Relish choramingava para pedir atenção. Mas Pickles o encarava com aquele mesmo olhar desconfiado. Todavia, Rafe pensou ter visto o pequeno rabo abanar uma vez quando ele abaixou-se para

acariciar os outros dois.

– Os garotos são mais do que bem-vindos. – Ele endireitou o corpo, esperou que ela entrasse e fechou a porta. – Suponho que você viu o jornal?

Ela mordiscou o lábio, e uma onda de desejo o atingiu no baixo-ventre. A boca de Poppy era tão carnuda e macia, tão incrivelmente doce. Ele vinha sonhando com aqueles lábios, pensando no quanto queria senti-los nos seus, novamente.

– Sim – replicou ela. – Mas você não pode fazer com que eles desmintam o publicado?

Ele pegou a bandeja e carregou-a para a cozinha.

– Inútil. Eles inventariam outra coisa. Eu apenas ignoro. Eles logo acharão outro alvo. Nosso “caso amoroso” será notícia velha amanhã.

– Mas não quero que as pessoas pensem que eu... estou dormindo com você quando não estou.

Ele sorriu.

– Irônico, não acha?

Os grandes olhos castanhos o fitaram com um brilho de divertimento.

– Muito.

Como ele ia resistir a ela?

– Onde você quer que eu ponha a mesa do jantar? – perguntou Poppy. – Lorde Dalrymple costumava fazer a

maioria de suas refeições no salão da manhã, mas posso pôr aqui na cozinha, ou na sala de jantar formal, se você preferir.

– Você provavelmente vai achar estranho, mas não me lembro da última vez que comi na cozinha – murmurou Rafe. Na verdade, lembrava, mas a memória era muito dolorosa: sua mãe bonita, apenas dois dias antes de falecer, vestida num avental florido, com farinha numa das faces, enquanto se inclinava para lhe oferecer uma colher de massa de bolo...

Ele reprimiu a visão e acrescentou:

– Meus irmãos e eu não fomos

criados assim. Nosso avô não acreditava em se fraternizar com o staff doméstico. Não na cozinha, pelo menos.

– Ele não me parece uma boa pessoa – comentou Poppy enquanto começava a arrumar a mesa na cozinha.

Rafe observou quando ela pôs dois pratos com os talheres alinhados, antes de virar-se para encontrar copos e guardanapos. Ela parecia saber o lugar de tudo, mas então ele lembrou-se de que Poppy passara grande parte de sua infância lá.

– Gostaria de um drinque? – ofereceu ele. – Eu tenho vinho tinto e vinho branco.

Ela arrumou os guardanapos ao lado dos pratos.

– Você tem limonada? – Mas, antes que ele pudesse responder, Poppy continuou: – Não, é claro que não. É muito doce.

– Eu tenho água mineral ou água com gás.

– Água com gás está ótimo.

Rafe imaginou se ela estava evitando álcool com o objetivo de manter uma cabeça clara. Deus sabia que ele estava tendo dificuldades de manter as mãos longe dela. Poppy vestia numa saia de algodão que lhe enfatizava a cintura fina. A blusa de manga três quartos abraçava

os seios perfeitos. Ela usava apenas rímel e um brilho clarinho nos lábios. Com sapatilhas sem saltos nos pés, a diferença de altura entre os dois era muito acentuada. A delicadeza de Poppy o tornava ainda mais ciente de sua masculinidade.

No entanto, seria justo seduzir Poppy, sabendo que ele não era o homem que lhe daria o que ela verdadeiramente procurava?

Uma guerra estava sendo travada dentro de Rafe. Desejo brigava com sua consciência, como se fossem dois gladiadores num ringue. Seu corpo pulsava com a necessidade de tocá-la.

Até mesmo o jeito que ela se movia pela cozinha aumentava sua luxúria.

Rafe pegou a bebida dela e serviu-se de meio copo de vinho tinto.

– Então, o que preparou para mim?

– Uma entrada leve, uma vez que eu não quis sobrecarregar seu paladar para o prato principal. – Ela pôs uma salada de pera, nozes e queijo na sua frente. – É uma boa mistura de sabores, sem pesar no estômago.

– Está deliciosa – disse Rafe, depois de algumas garfadas. Mas não era a comida que o cativava tanto. Ele observou Poppy espetar um pedaço de pera no garfo e colocar na boca.

Precisou tomar um gole do vinho para controlar o desejo ardente que o percorreu.

– Como sua família construiu a fortuna? – perguntou ela após uma pausa.

– Meus bisavós paternos eram reis de propriedades – respondeu Rafe. – Fazendas, palacetes, hotéis, prédios comerciais... eles tinham todos. Compravam a preço baixo e vendiam caro. Meus irmãos e eu fazemos a mesma coisa.

– Você gosta do que faz?

Até antes do dia frustrante de hoje, Rafe teria dito um sim enfático. Mas, de

alguma maneira, hoje o fizera questionar tudo sobre seus planos para a mansão... até mesmo, em certo grau, os planos para sua vida.

– Como qualquer carreira, há pontos positivos e negativos no meu trabalho. Eu adoro o desafio de encontrar propriedades arruinadas e acompanhar os vários estágios até que esta se transforme num hotel luxuoso. Mas as discussões com prefeituras e burocracias podem ser incrivelmente cansativas.

– Sem mencionar vizinhos difíceis.

Ele lhe deu um olhar irônico.

– Quase demiti meu gerente por sua

causa.

Ela pareceu atônita.

– Ah, mentira!

Rafe girou o vinho no copo.

– Vi a Mansão Dalrymple on-line e gostei. James achou que seria um bom investimento. Ele fez toda a pesquisa, enviou-me fotos do interior da casa por e-mail e eu concordei. O terreno era grande e a mansão em si precisava de uma rápida injeção de fundos para que voltasse a sua antiga glória. Todos os requisitos estavam lá.

– Mas?

Ele encontrou-lhe os olhos do outro lado da velha mesa da cozinha.

– Havia um obstáculo de 1,60m no meu caminho.

As faces de Poppy foram tingidas de um tom levemente rosado, e ela desviou os olhos.

– Este obstáculo seria eu.

Rafe sentiu-se sorrindo. De todos os inimigos que tivera de enfrentar ao longo dos anos, Poppy Silverton era a mais encantadora.

A mais desejável.

– Eu acho que você está cometendo um grande erro com a mansão – disse ela. – Aquela casa não foi construída para ser uma mansão de playboy.

– Por que você acha que é isso que eu

planejei para a mansão?

Ela deu um de seus olhares sem muito entusiasmo.

— Você e seus irmãos têm celebridades entrando e saindo de suas vidas, como se elas estivessem passando por portas giratórias em cada um de seus quartos. Elas pegam uma senha, para saber de quem é a vez de aquecer os lençóis de sua cama?

Rafe sabia que ele e seus irmãos possuíam tal reputação. Mas o que era retratado na imprensa era apenas uma fração da verdade. Na maior parte do tempo, eles trabalhavam em quartos de hotéis, tentando cumprir prazos

impossíveis, tentando agradar pessoas impossíveis de agradar... mais notavelmente, o avô deles.

Raoul compensava isso correndo riscos extremos. Ele estabelecia desafios físicos que faziam homens comuns se encolherem em covardia. Era como se ele não tivesse medo, como se tivesse gelo nas veias, em vez de sangue. Não apenas encarava a morte com frequência, como ria desta. “Leve-me, se tiver coragem”, parecia ser seu lema.

Remy corria riscos mais cerebrais do que físicos, mas não menos assustadores. Ganhava mais do que

perdia, mas Rafe temia que um dia o destino interferisse e fizesse seu irmão mais novo perder muito.

Rafe se jogava no trabalho com paixão similar, mas ultimamente, vinha se tornando irrequieto. Queria mais, porém não sabia o que queria. Possuía dinheiro, mais dinheiro do que seu pai ou seu avô tinham tido. Construía um império que competia com alguns dos mais notáveis da Europa. Mas isso bastava? Que legado iria deixar?

Para quem deixaria sua fortuna?

Rafe não conseguia parar de pensar em lorde Dalrymple em sua mansão, sem ninguém, exceto sua governanta e a neta

ruiva, que parecia ter saído de um conto de fadas, para lhe fazer companhia... enquanto a família distante gananciosa esperava para conseguir o que pudesse do lugar, uma vez que ele morresse.

Eles o visitavam alguma vez? Haviam apoiado o homem quando ele perdera a esposa de maneira tão trágica?

— Eu não pretendo morar aqui — murmurou Rafe. — Uma vez que a mansão estiver reconstruída, apontarei um gerente. Eu provavelmente visitarei o hotel uma ou duas vezes por ano, depois disso. Tenho outros projetos para cuidar.

— Então, suponho que Mansão

Dalrymple não passará de mais um investimento financeiro seu – disse ela, levantando-se e tirando os pratos, uma expressão de desaprovação no rosto.

– Aqui. Deixe-me ajudar. – Rafe se levantou, mas, quando se virou, encontrou-se muito mais perto dela do que pretendia.

Poppy deu um passo trêmulo atrás, e ele, instintivamente, segurou o pulso para impedi-la de tropeçar.

Encontrou-lhe o olhar e sentiu seu sexo pulsar. O perfume feminino era como uma poção exótica, que o inflamou com luxúria instantânea. Ele afrouxou o aperto, mas então os dedos de Poppy se

moveram suavemente por sua palma, fazendo o sangue ferver em suas veias.

Rafe deslizou uma das mãos pelo cabelo ruivo, adorando a sensação daqueles cachos contra sua pele, a textura sedosa acariciando-o, a fragrância de jasmim inebriando-o.

Ele se permitiria um beijo.

Apenas para ver se era como recordava. Talvez, tivesse imaginado as fagulhas de eletricidade percorrendo seu corpo quando a beijara pela primeira vez. Talvez hoje, descobrisse que a boca de Poppy era como a de qualquer outra mulher.

Ele abaixou a cabeça para o rosto

dela, parou a centímetros de sua boca, sem pressa, deixando as respirações deles se misturarem.

– O que está fazendo? – perguntou ela com voz rouca, a respiração doce dançando contra seus lábios, como uma brisa de primavera.

– O que acha que estou fazendo? – Mas antes que ela pudesse responder e antes que a parte controlada e sensata de si mesmo o convencesse a mudar de ideia, Rafe fez aquilo.

CAPÍTULO NOVE

POPPY TINHA achado o beijo dele eletrizante, antes mas, desta vez, era completamente sensacional. Assim que os lábios de Rafe cobriram os seus, foi como se fogos de artifícios estivessem explodindo sob sua pele. Ela nunca sentira uma energia masculina tão primitiva, antes. Uma energia que tocava alguma coisa profunda e essencial em seu interior. Era como descobrir um código secreto que nunca fora solucionado até agora. Seu corpo

vibrava em deleite enquanto a boca de Rafe explorava a sua com intimidade.

Parecia haver um elemento perigoso nele que a cativava totalmente. Ela não sentira isso desde o primeiro momento em que o conhecera? Rafe era um homem que sempre conseguia o que queria. Não deixava ninguém atrapalhar o seu caminho.

Poppy tremeu quando ele aprofundou o beijo, agarrando-se a ele e correspondendo da mesma forma apaixonada.

Ele deu um gemido de prazer e segurou-lhe o traseiro com ambas as mãos, pressionando-a contra o corpo

quente e poderoso.

Poppy roçou-se contra ele, seu corpo ansiando pelo prazer que Rafe estava prometendo com aquele abraço erótico. Com um gemido baixinho, ela envolveu-lhe o pescoço com os braços.

Por um momento, pensou que ele fosse tocar seus seios, mas então Rafe subitamente quebrou o beijo e afastou-a de si, dando alguns passos atrás, como se não confiasse em si mesmo para não alcançar de novo.

Passou uma mão pelo cabelo e praguejou.

– Desculpe. – Ele estava ofegante. – Perdi a cabeça por um momento.

– Isso é uma coisa tão ruim?

Ele a fitou com seriedade.

– Eu nunca perco a cabeça. *Jamais.*

– Talvez esteja na hora.

Rafe enfiou as mãos nos bolsos da calça e afastou-se ainda mais, virando-se de costas para ela.

– Isso não vai dar certo, Poppy. Você sabe que não. Foi um erro beijá-la.

Poppy sentiu-se afrontada.

– Eu não estou pedindo que se case comigo.

Ele virou-se para encará-la.

– Você não é meu tipo. Preciso ser mais claro do que isso?

Insegurança a inundou, zombando de

Poppy com suas provocações cruéis: *você não é atraente. Não sabe beijar. Você não tem carisma, por isso Oliver e todos os seus ex-namorados se moveram para a próxima garota o mais depressa que puderam.*

Poppy endireitou a coluna e andou para a porta.

– Eu vou buscar o resto de seu jantar.

– Esqueça isso.

– Não vai levar mais que um minuto.

– Ela virou-se para olhá-lo. – Eu não vou ficar se é isso que...

– Não estou com fome.

Ela forçou-se a prender-lhe o olhar ilegível.

– Acha que estará com fome amanhã à noite?

Ele desviou os olhos dos seus.

– Tomarei minhas providências em relação à comida no futuro.

– Tudo bem. – Poppy deu um suspiro dramático. – Vou pegar os cachorros e ir embora.

– COMO FOI a refeição ontem à noite? – perguntou Chloe na manhã seguinte. – Você estimulou o paladar de Rafe Caffarelli?

Poppy manteve os olhos desviados enquanto preparava a casa de chá, antes de abri-la. Ela aplicara maquiagem esta manhã, mas isso não fizera muito para

disfarçar seu queixo vermelho, que tinha sido arranhado pela barba despontando no rosto de Rafe.

– Há alguma coisa terrivelmente defeituosa sobre o paladar daquele homem – disse ela, abrindo as cortinas para deixar o sol entrar.

– Mas você não fez nada doce para ele, fez?

– Não, é claro que não. – *Sua boca tinha sido muito doce para ele?* Poppy atravessou o salão para pegar os guardanapos de uma cômoda antiga de madeira. – Ele é apenas um daqueles clientes difíceis de agradar.

Chloe estreitou os olhos.

– O que aconteceu com seu rosto?

– Nada, é só uma pequena alergia – replicou Poppy. – Eu provavelmente me inclinei para muito perto da madressilva, ou algo assim.

– Desde quando você é alérgica à madressilva? – Chloe aproximou-se e examinou seu queixo de perto. – Você foi arranhada por barba!

Poppy afastou a cabeça.

– Isso não é arranhão de barba.

– É claro que é. – Chloe sorriu. – Ele a beijou, certo? Como foi?

Poppy comprimiu os lábios e começou a distribuir os guardanapos nas mesas.

– Prefiro não discutir isso.

– Rafe quis dormir com você? – insistiu Chloe. – É por isso que você está tão irritada? Ele tentou forçá-la ou algo assim?

– Não. Ele falou que me beijar foi um erro.

Chloe piscou.

– Um erro?

– Eu não sou o tipo dele. – Poppy inclinou-se sobre a mesa perto da janela, para pôr o último guardanapo no lugar, então endireitou o corpo. – Não que eu queira ser o tipo dele... é só que há maneiras de dispensar uma garota sem esmagar sua autoestima no

processo.

A fisionomia de Chloe era intrigada.

– Deixe-me entender isso: *você* queria dormir com Rafe, mas *ele* a dispensou?

– Eu não disse que dormiria com ele...

– Mas estava tentada.

– Um pouco.

Chloe arqueou as sobrancelhas.

– Certo... muito – confessou Poppy, com um suspiro.

– Imagino que ele beija muito bem.

A lembrança do beijo de Rafe causou um friozinho na barriga de Poppy.

– O melhor.

– O que você pode falar com muita autoridade, uma vez que já beijou... quantos homens no total?

– Seis... não, sete. Esqueci Hugh Lindley do jardim da infância, mas suponho que um beijo no rosto não conta.

– Quantos, não?

Poppy deu outro suspiro.

– Eu sei, eu sei. Estou muito defasada.

– Talvez Rafe Caffarelli não seja a pessoa certa para tirar seu atraso – disse Chloe. – Você poderia se machucar feio.

Diga-me alguma coisa que eu ainda não saiba.

– Não pretendo ter nada com Rafe

Caffarelli – declarou Poppy. – Ele deixou sua posição muito clara. Não preciso ouvir aquilo duas vezes.

DOIS DIAS depois, um trovão ensurdecedor acordou Rafe no meio da noite. O vento batia ao redor da casa, uivando perto de goteiras e calhas, fazendo a mansão estremecer, como se estivesse sendo sacudida.

Ele foi fechar a janela que o vento abrira quando um raio rasgou o céu. A luz do raio iluminou a dower house a distância. Seu estômago se contorceu quando ele viu que um dos galhos do velho olmo tinha caído sobre o telhado, afundando-o como se este fosse uma

caixa de papelão.

Ele rapidamente se vestiu e achou uma jaqueta impermeável e uma lanterna. Ligou para Poppy – o número dela ficara gravado no seu celular quando ela telefonara sobre o desaparecimento de Chutney –, mas ela não atendeu. Rafe não se incomodou em deixar um recado. Pegou as chaves e correu para seu carro, ligando para o serviço de emergência no caminho.

O vento quase o derrubou. Ele recuperou o equilíbrio e prosseguiu na chuva, sua mente girando com imagens de Poppy presa sob um galho enorme. Qual era o quarto dela? Rafe tentou

lembrar-se do layout da casa. Havia três dormitórios, todos no piso superior. O principal seria aquele onde o olmo estava?

Bateu à porta da frente quando chegou lá.

– Poppy? Você está aí? Está tudo bem?

Não havia eletricidade, portanto ele não podia ver nada além do que sua lanterna iluminava, a qual estava com pouca bateria.

– Poppy? Você pode me ouvir?

O som dos cachorros latindo do lado de dentro o acalmou, mas só um pouco. E se eles estivessem bem, mas Poppy

não?

– *Poppy?* – gritou ele sobre o barulho da tempestade.

– Estou aqui em cima.

Rafe direcionou a lanterna para cima e iluminou o rosto pálido de Poppy ao lado do buraco no telhado. O alívio o inundou.

– Estou subindo – gritou ele. – Fique longe dos galhos. Não toque em nenhuma tomada elétrica ou fios.

Rafe pegou uma pedra, bateu-a no painel de vidro ao lado da porta e enfiou o braço pela abertura, para soltar o trinco. Subiu a escada, cuidadosamente procurando destroços, mas parecia que

o tronco da árvore tinha derrubado parte do velho telhado e feito pouco mais do que deixar os elementos da natureza entrarem.

Os três cachorros – mesmo Pickles, o menos amigável –correram para ele, choramingando em agitação e medo. Rafe rapidamente os tirou do caminho do perigo, conduzindo-os para dentro de um quarto do outro lado da casa.

– Mais tarde, garotos – disse ele e fechou a porta, antes de se dirigir ao quarto de Poppy.

Poppy estava presa contra a parede perto da janela pelo ramo que quase a cortara ao meio. O peito de Rafe se

comprimiu com o pensamento de quão perto ela chegara de ser morta. Parecia tão pequena e assustada, o rosto branco como papel, os olhos arregalados.

– Você está bem? – Sua voz estava rouca de tanto gritar.

– Eu... estou bem... acho.

– Não se mova até que eu verifique se é seguro – instruiu ele, iluminando ao redor com a lanterna.

– Estou com medo.

– Sei que está, *ma petite* – murmurou Rafe. – Vou tirar você daí.

– Os cachorros estão bem?

– Sim. Eu os fechei no outro quarto.

Uma vez estabelecido que era seguro,

ele escalou o galho caído e agarrou as mãos frias de Poppy. Puxou-a para mais perto, envolvendo-a em seus braços, enquanto ela tremia em reação.

– Está tudo bem – disse ele. – Você está segura agora.

– Eu levantei para fechar a janela. Se eu não tivesse feito isso, estaria onde aquele tronco está...

– Nem pense sobre isso – interrompeu Rafe, acariciando as costas, tentando acalmá-la e ignorar a resposta de seu próprio corpo. – Chamei o serviço de emergência no caminho para cá. Eles devem chegar a qualquer minuto.

O som de um caminhão de bombeiro e

de uma ambulância se aproximando foi ouvido sobre o uivo do vento. Rafe ficou com Poppy até que os bombeiros subiram e os tiraram de lá em segurança, com os cachorros, que agora estavam presos em suas coleiras, de modo que não pudessem fugir do barulho dos trovões.

Uma vez do lado de fora, Rafe colocou sua jaqueta impermeável ao redor dos ombros de Poppy. Ela tremia de modo descontrolado, mas ele tinha a impressão de que era mais de choque do que de frio.

– Você terá de passar o resto da noite em algum outro lugar – disse um dos

bombeiros. – Este telhado não parece seguro. Outra rajada de vento, e a estrutura inteira pode cair.

– Eu a levarei para minha casa – disse Rafe.

O que você acabou de dizer? Está louco? Era tarde demais para retirar suas palavras, uma vez que o bombeiro já tinha assentido em aprovação e ido falar com outro de seus companheiros.

Poppy o olhou com a testa franzida.

– Posso ficar com Chloe e a mãe dela. Só preciso telefonar... – Ela fez uma careta. – Mas meu telefone está lá em cima, perto da cama.

– São 2h – disse Rafe. – Nós

resolveremos acomodação mais permanente depois. No momento, você precisa de uma bebida quente e uma cama confortável.

Ele conduziu-a para seu carro, acomodou-a no banco de passageiro e pôs os cachorros no banco traseiro, antes de assumir seu lugar atrás do volante. A voz de seu centro de controle ainda o censurava: *o que você está fazendo, homem? Leve-a para um hotel.*

Mas, de alguma maneira, ele conseguiu calar a voz interior quando ligou o carro e olhou para Poppy ao seu lado.

– Você está bem?

Os olhos cor de café pareceram muito grandes para o pequeno rosto pálido.

– Acho que meu telefone está esmagado sob aquele tronco.

Ele estendeu o braço e apertou a mão, gentilmente.

– Telefones são facilmente substituídos. Eles são baratos.

Ela lhe deu um sorriso fraco.

– Obrigada por me salvar. E por salvar os cachorros.

Rafe deu-lhe um tapinha na mão, antes de retornar a sua para o volante.

– Não tem de quê.

POPPY AINDA usava a jaqueta de Rafe enquanto estava sentada à mesa da

cozinha, meia hora depois, as mãos curvadas em volta de uma caneca de chocolate quente. Não havia uma única folha de chá na mansão, nem mesmo um saquinho de chá. Os cachorros estavam acomodados na área de serviço, sobre uma pilha de cobertores que Rafe achara. Pickles havia até mesmo lambido a mão de Rafe, em vez de rosnar para ele.

– Quer mais chocolate quente? – ofereceu Rafe, entrando na cozinha, depois de ter colocado uma tigela de água para os cães.

– Não, eu ainda tenho, obrigada. Estou começando a me sentir normal de

novos.

Ele observou-a, estreitando o olhar.

– O que há no seu queixo?

Poppy levou uma mão ao rosto.

– Oh... nada. Apenas uma pequena reação alérgica...

Ele segurou-lhe o queixo entre o indicador e o polegar. Alguma emoção suave preencheu os olhos escuros. Então, com incrível gentileza, Rafe passou a ponta do polegar sobre a área vermelha.

– Tenho um creme lá em cima.

Poppy enviou um olhar arrogante para disfarçar sua reação à proximidade dele.

– Suponho que você tem de manter um

pote de creme tamanho industrial ao lado de sua cama, com uma caixa gigante de preservativos.

Ele deu um sorriso irônico.

– Eu só tenho três comigo. Estão na minha carteira.

– Estou surpresa. Imaginei que você os tivesse posicionado estrategicamente pela casa inteira.

Ele baixou a mão de seu rosto, a expressão se tornando fechada.

– As coisas que você leu sobre mim e meus irmãos não são todas verdadeiras. Não somos os festeiros perdulários que a mídia retrata.

– Nunca ouviu o ditado “onde há

fumaça há fogo”?

– Sim. – Os olhos escuros brilharam.

– Eu também ouvi aquele sobre brincar com fogo. Preciso relembrá-la deste?

Poppy adotou feições arrogantes.

– Você acha mesmo que eu teria dormido com você na outra noite?

– Sem sombra de dúvida.

A confiança dele era irritante.

– Eu estava interessada em beijá-lo de novo, admito, todavia, não iria mais longe do que isso. Mas então suponho que você presume que toda mulher que beija é sua para ser tomada. Obviamente, eu sou a exceção à regra.

– Isso é algo que poderíamos

facilmente testar se você quiser – disse Rafe.

Poppy não sabia se ele estava blefando ou não. De qualquer forma, desejou que não tivesse sido tão impulsiva em mostrar uma autoconfiança que não possuía. Rafe a beijara duas vezes, e ela praticamente se derretera em seus braços. O que outro beijo faria?

Faria com que ela se apaixonasse por ele?

Ela afastou a cadeira da mesa e levantou-se.

– Eu gostaria de ir para cama – anunciou com um olhar significativo para ele. – Sozinha.

– Uma atitude sábia de sua parte. –
Ele sorriu.

Poppy sabia que estava brincando com fogo, apenas incentivando aquele tipo de conversa com ele, imagine se fizesse alguma outra coisa. Simplesmente não tinha as defesas ou a sofisticação para lidar com alguém como Rafe Caffarelli.

– Boa noite – disse ela, de modo tão recatado quanto uma Madre Superiora falava para suas noviças.

– Boa noite, *ma petite*. – Rafe pausou para olhá-la com intensidade enervante.
– Bons sonhos.

CAPÍTULO DEZ

POPPY NÃO esperava conseguir dormir, com o vento ainda uivando, mas, de alguma maneira, o som da chuva batendo no telhado combinado com a cama aconchegante no quarto azul da mansão e o chocolate quente foram um coquetel sonífero que a fez dormir assim que ela encostou a cabeça no travesseiro macio. Acordou para um sol brilhante e o cheiro fresco de terra que vinha depois de uma tempestade. Esticou o corpo preguiçosamente e olhou para o relógio

sobre o criado-mudo.

Dez horas!

Ela saiu da cama e vestiu-se depressa. Não havia tempo para um banho. Desceu a escada correndo, com o cabelo ainda despenteado, e encontrou Rafe entrando na mansão. Os três cachorros o seguiram, as línguas de fora como se tivessem acabado de correr uma maratona.

Rafe estava de calça escura e camisa branca, o cabelo penteado para trás, o maxilar recém-barbeado e os olhos claros. Era impossível não se sentir um pouco desmazelada em comparação.

– Bom dia – disse ele com alegria

irritante. – Dormiu bem?

– Por que você não me acordou? – perguntou Poppy. – Eu deveria estar no trabalho duas horas atrás.

– Eu dirigi até lá e contei a Chloe o que aconteceu – replicou ele. – Ela disse que você não precisa ter pressa. Está tudo sob controle na casa de chá.

– Preciso ir para casa, tomar banho e trocar de roupa. – Ela afastou o cabelo sobre o rosto com uma mão agitada. – E preciso ligar para alguém, para mandar consertar o telhado.

– Isso já está resolvido.

Ela franziu o cenho.

– O que você quer dizer?

– Liguei para um especialista em telhados da região. Ele começará o trabalho no início da próxima semana.

– *Próxima semana?* – protestou Poppy. – Por que não esta semana? Por que não *hoje*?

Rafe deu de ombros.

– Seu telhado não foi o único danificado pela tempestade. Você terá de ser paciente. Olhe para o lado positivo... pelo menos, você tem onde ficar.

– Não posso ficar aqui. O que as pessoas vão pensar?

Os olhos escuros de Rafe brilharam.

– Elas vão pensar que eu sou um

vizinho muito generoso, que está lhe oferecendo uma cama pelo tempo que você precisar.

Poppy arregalou os olhos.

– Sabe muito bem o que todo o mundo vai pensar. Que é a *sua* cama que você está oferecendo.

Ele deu um sorriso afável.

– Você se preocupa demais com o que os outros pensam.

– Eu acharei um hotel.

Rafe arqueou uma sobrancelha.

– Com três cachorros?

Ela mordeu o lábio.

– Talvez você possa cuidar deles por alguns dias, até...

– Não.

– Por que não? – questionou ela. – Eles estão seguindo você como discípulos, de qualquer forma.

– Não quero a responsabilidade de cuidar dos cachorros. Eu, às vezes, preciso viajar de repente. Não me importo que você fique aqui com eles, mas não tenho um hotelzinho de cães. E se o conserto do telhado levar mais tempo do que o esperado?

Poppy podia entender o ponto dele. Mas procurar hoteizinhos para cães seria outra despesa que ela não tinha condições de fazer, no momento. Quanto tempo levaria antes que todos no

vilarejo estivessem falando sobre ela compartilhar a mansão com Rafe Caffarelli?

– Quanto tempo o sujeito do telhado disse que vai levar?

– Aproximadamente uma semana.

Isso significava ficar duas semanas com Rafe na Mansão Dalrymple, a menos que ela pudesse pensar numa opção diferente. Mas a acomodação alternativa ofereceria uma cozinha do tamanho daquela da mansão?

– Se eu não puder encontrar outro lugar, tudo bem se eu usar a sua cozinha enquanto estiver aqui? – perguntou ela. – Eu asso muitas coisas para a casa de

chá, em casa mesmo.

– É claro – respondeu ele. – Não é como se eu fosse usar a cozinha.

Poppy mordiscou o lábio, novamente.

– Eu sei que você disse que faria seus próprios arranjos sobre comida...

– Você não tem de cozinhar para mim – disse ele. – Eu não ficarei aqui por muito mais tempo, de qualquer forma. Tenho outros projetos para cuidar.

Poppy imaginou se os outros projetos dele eram mulheres. Suprimiu seu sentimento de desapontamento. Não era como se Rafe fosse o homem de seus sonhos, ou algo assim. Ela nem mesmo gostava dele. Bem, não gostara até a

noite anterior, quando ele tinha sido tão galante em salvá-la, pondo a própria segurança em risco para tirá-la dali. O jeito que ele a abraçara, que a confortara e a fizera se sentir tão segura e protegida...

Ela sacudiu-se mentalmente. Não tinha direito de nutrir pensamentos tão extravagantes. Mesmo se Rafe concordasse em ter um caso com ela, este não duraria mais de uma ou duas semanas. Ele deixara muito claro que ela não era seu tipo. Se dormisse com ela, seria pela novidade daquilo e provavelmente riria do ocorrido com seus irmãos ou amigos, depois.

Contando que encontrara uma garota caipira do interior, que nunca havia feito sexo antes.

Mas por que Poppy *não* era seu tipo?

Irritava-a que ele a dispensara tão facilmente. Ela era mulher, não era? Claro, nenhuma agência de modelagem estava prestes a convidá-la para uma sessão de fotos, mas, pelo que Poppy sabia, ela não quebrara espelho algum ultimamente. Qual era o problema de Rafe?

– Que tal aluguel ou pagamento por hospedagem? Quanto você...

– Eu não quero seu dinheiro, Poppy.

O que você quer? Mas a pergunta não

foi feita em voz alta.

Rafe tirou a chave extra de seu chaveiro e entregou.

– Eu tenho uma reunião em Londres esta tarde e talvez não volte até amanhã ou depois de amanhã. Fique à vontade.

Poppy pegou a chave e fechou os dedos ao redor dela, enquanto ele passava por ela.

– Ei, garotos! – Ela chamou os cachorros que estavam seguindo Rafe. – Vocês se lembram de mim? A dona que os ama e os alimenta?

Eles voltaram para ela com expressões encabuladas e rabos abanando.

– Traidores – murmurou Poppy enquanto se abaixava para acariciá-los.

– EU ADORARIA convidar você e os cachorros para ficarem na minha casa, mas mamãe é alérgica a cães – disse Chloe no trabalho, uma hora mais tarde.
– Mas por que você é tão contra ficar na mansão? Morou lá com sua avó por anos e anos.

– Eu sei, mas é diferente agora.

– Sim, porque o solteiro mais lindo, mais ardente e mais cobiçado compartilha a casa – declarou Chloe com um brilho travesso nos olhos.

Chloe vestiu seu avental.

– Não é o que você pensa. De

qualquer forma, ele não ficará lá por muito mais tempo. Vai para Londres esta tarde. Ele tem outros interesses aguardando-o.

– Tem certeza sobre isso? – questionou Chloe. – Qualquer um pode ver que alguma coisa está acontecendo entre vocês dois.

– *Nada* está acontecendo entre nós – replicou Poppy. – Eu nem mesmo gosto do homem. Ele é muito arrogante.

– Isso é confiança, não arrogância – argumentou Chloe. – Rafe sabe o que quer e luta por isso. E acho que não é somente a dower house que está na lista de aquisições dele. Você está lá, no topo

da lista.

Poppy meneou a cabeça.

– Acho que não. Eu não sou sofisticada o bastante para o gosto dele.

– Assim você está sempre dizendo, mas eu o observei quando Rafe veio aqui esta manhã – disse Chloe. – Ele estava tão preocupado com o que aconteceu com você, ontem à noite. Pude ver naqueles olhos escuros. Acho que ele está apaixonado por você. Apenas não percebeu isso ainda. Talvez seja por esse motivo que Rafe está indo viajar. Está tentando compreender os próprios sentimentos.

Chloe deu uma risada sarcástica.

– Homens como Rafe Caffarelli não se apaixonam. São tomados por luxúria por diferentes mulheres, o tempo inteiro.

– Chame-me de romântica incurável, mas acho que você é exatamente o tipo de garota por quem um playboy como ele se apaixonaria. Rafe não foi visto com ninguém desde que a conheceu. Isso é um recorde, uma vez que ele geralmente tem uma nova amante por semana.

– Aposto que os jornais contarão uma história diferente amanhã – disse Poppy.

– Ele provavelmente terá duas noites de sexo selvagem com alguma estrela ou modelo glamorosa. Não pensará em mim

nem por um segundo.

RAFE ENCERROUa reunião de diretoria às 18h, mas seu irmão do meio, Raoul, ficou para lhe falar, depois que os outros saíram.

– Remy não apareceu, como sempre.

Rafe gemeu.

– Um dia, juro que vou estrangulá-lo.

Ele podia ter enviado uma mensagem de texto ou um e-mail. Onde ele está?

– Acho que em Las Vegas.

Rafe fez uma careta.

– Vamos esperar que ele esteja com uma dançarina, desta vez, não sentado a uma mesa de jogo com um barão do petróleo bilionário, pronto para apostar

tudo que tem.

Raoul assentiu em concordância.

– Não seria a primeira vez. Não sabe como aquele garoto ganha mais do que perde?

– Ele vai perder um dia – disse Rafe.

Raoul arqueou uma sobrancelha, em surpresa.

– *Perder*? Esta palavra não existe no nosso vocabulário, lembra? Você enfiou isso na nossa cabeça desde que éramos crianças: Objetivo. Foco. Vencer. O lema dos Caffarelli.

Rafe franziu o cenho, enquanto fechava sua caneta tinteiro.

– Eu me preocupo com Remy. Ele é

imprudente.

– Você se preocupa demais com a gente, Rafe – disse Raoul, sentando-se na beira da mesa. – Você é nosso irmão, não nosso pai. Não precisa carregar tanto nos ombros. Relaxe um pouco. Parece muito tenso, hoje. O que está acontecendo com a dower house em Oxfordshire? Você já convenceu a dona a vender?

Rafe reuniu seus papéis com rapidez. Não queria discutir sobre sua vida particular, nem mesmo com seu irmão. Estava na cidade havia poucas horas, e tudo que podia pensar era que queria voltar para a mansão. Recusava-se a

admitir que era porque Poppy estava hospedada lá.

Ele gostava da mansão, que lhe dava a sensação de lar. Gostava do espaço e da paz que sentia ali. Queria continuar trabalhando em suas plantas *in situ*.

– Ainda estou trabalhando nisso.

– Eu vi sua foto com ela no jornal, alguns dias atrás – disse Raoul. – Ela não é seu tipo usual, é?

Rafe fechou sua pasta.

– Definitivamente não.

– Vocês pareciam íntimos naquele restaurante. Já dormiu com ela?

As sobrancelhas de Rafe se uniram.

– Que tipo de pergunta é esta?

Raoul ergueu as mãos.

– Ei, não precisa ser agressivo.

Rafe levantou sua pasta da mesa. Normalmente, não tinha problema com um pouco de humor zombeteiro entre seus irmãos em relação a sua última amante, mas falar de Poppy daquela maneira parecia totalmente errado.

– Não estou dormindo com ela.

Raoul arqueou as sobrancelhas.

– Está perdendo sua habilidade?

Rafe o olhou.

– Então, com quem você está dormindo? É ainda aquela loira alta, com pernas infinitas?

Raoul sorriu. Descendo da mesa, deu

um soco de brincadeira no braço de Rafe.

– Tem tempo para uma cerveja?

Rafe fingiu consultar o relógio.

– Não hoje – replicou ele. – Preciso estudar mais uma papelada quando chegar em casa.

– Vai estudar só a papelada mesmo ou mais outra coisa? – murmurou Raoul com um sorriso provocante.

– Você é um idiota – devolveu Rafe.

– Sabe disso, não sabe?

Raoul deu outro soco de brincadeira no irmão.

– Eu sempre disse que você seria o primeiro.

– O primeiro a quê?

– A se casar.

Rafe sentiu a coluna enrijecer.

– Eu não vou me casar.

– Você é o mais velho. Faz sentido que seja o primeiro a começar uma família.

– Por que eu iria querer fazer isso? – perguntou Rafe. – Estou bem do jeito que estou. Gosto da minha vida. Tenho total liberdade, não preciso dar satisfações a ninguém. O que mais eu poderia querer?

Raoul deu de ombros.

– Não sei. Tenho pensado ultimamente sobre o que nossos pais

tiveram. Era bom. Eles eram tão felizes.

– Você só tinha 8 anos. Lembra o que quer lembrar.

– Eu tinha 9. Meu aniversário foi no dia do funeral, lembra?

Como ele podia esquecer? Rafe vira seu irmão se controlar bravamente quando os caixões de seus pais tinham sido carregados para fora da catedral. Remy estivera chorando, e Rafe passara um braço ao redor dele, mas Raoul permanecera estoicamente ao seu lado, ombro com ombro, nem uma única lágrima escapando dos olhos castanhos. Ele sempre imaginara se as raízes das buscas que desafiavam a morte tinham

sido plantadas dentro de seu irmão naquele dia.

– Eu lembro.

– Você não acha que eles eram felizes?

Rafe suspirou.

– Eles eram felizes, mas quem garante que teriam continuado felizes depois de mais alguns anos?

Raoul inclinou a cabeça, a fisionomia pensativa.

– Talvez...

– O que trouxe este assunto?

– Nada. – Raoul deu um sorriso que pareceu um pouco forçado.

– Conte-me. – Rafe voltou a pôr sua

pasta sobre a mesa. – Alguma coisa o está consumindo. Você esconde isso da maioria das pessoas, mas eu sempre percebo quando algo o perturba.

– Eu não sei... – Raoul pegou um peso de papel e passou-o de uma mão para outra. – Suponho que tenho pensado sobre coisas. Não quero acabar como *Nonno*. Ele precisa pagar pessoas para lhe fazer companhia.

– Você o tem visto, recentemente?

– Eu passei o fim de semana lá.

– E?

Raoul deu de ombros.

– Foi triste... sabe?

Rafe *sabia*. Vinha tendo os mesmos

pensamentos. Seu avô passava a maior parte do tempo sozinho, somente com empregados que cuidavam do palacete e de suas necessidades. Era uma vida estéril. Não havia amor ou divertimento mútuo. Não havia contato social, afeição ou conexão verdadeira na vida de seu avô. Ele tinha aquilo pelo que pagava: serviço obediente.

— Ele cultivou isso — murmurou Rafe com a parte racional de seu cérebro. — Afastando todos que se importavam com ele. Agora, tem de se contentar com as pessoas que fazem isso pelo dinheiro.

Raoul pôs o peso de papel sobre a mesa.

– Você alguma vez pensa sobre... a vida? Sobre o sentido da vida?

Rafe escondeu-se atrás de seu senso de humor.

– É claro que penso. O sentido da vida é fazer dinheiro e fazer amor. É o que nós, Caffarelli, fazemos melhor.

– Nós fazemos dinheiro e fazemos sexo, Rafe. Amor não tem nada a ver com isso.

– E daí?

Raoul fitou os olhos.

– Já se perguntou se a mulher que está com você está lá por quem você é ou por causa de sua conta bancária?

Rafe sentiu um arrepio na nuca diante

da familiaridade daquelas palavras. Poppy não lhe fizera a mesma pergunta no dia em que eles tinham se conhecido?

– O que está acontecendo, Raoul?

– Nada. Mas eu tenho pensado sobre Clarissa, a garota com quem estou saindo ultimamente.

– Você *não* está levando o relacionamento com ela a sério? – Rafe deu um olhar incrédulo para seu irmão.

– Admito que Clarissa seja atraente, mas certamente você pode conseguir alguém melhor...

– Mas isso resolve o problema de caçadoras de fortuna, não é? – argumentou Raoul. – Clarissa não se

casaria comigo por dinheiro, o pai dela possui a própria fortuna e ela é a única herdeira.

Rafe pegou sua pasta, novamente.

– Uma cerveja, certo? Depois disso, eu tenho de ir embora.

CAPÍTULO ONZE

POPPY ESTAVA na menor das duas salas de estar, secando lágrimas abundantes dos olhos, enquanto os créditos rolavam em um de seus filmes românticos favoritos, quando Rafe subitamente apareceu à porta.

– O que aconteceu? – perguntou ele aproximando-se. – Por que você está chorando?

Poppy levantou-se do sofá num salto. Enfiou o lenço de papel molhado dentro da manga de seu pijama cor-de-rosa de

ursinho e desejou que não estivesse com nariz e olhos vermelhos, combinando com as faces, sem mencionar o cabelo.

– É só um filme. Eu sempre choro, mesmo tendo assistido um milhão de vezes.

Ele inclinou-se e pegou a caixinha do DVD.

– *Tarde demais para esquecer...* Eu não acho que vi este. Do que se trata?

– É sobre um playboy rico e mimado, que conhece uma garota num cruzeiro de navio... – Poppy sentiu seu rubor aumentar. – Esqueça. Você não ia gostar. É um filme antigo. Aposto que você só gosta de filmes com

perseguições de carro e muita ação.

Rafe pôs sua pasta no chão, a fisionomia inescrutável.

– Eu não achei que você fosse estar acordada. É quase 1h.

– Eu tive de assar algumas coisas extras para uma de minhas clientes, que vai receber pessoas para jantar amanhã. Fiz as sobremesas para ela.

– Isso parece significar um bom dinheiro extra para você.

Poppy desviou o olhar enquanto guardava o DVD de volta na caixinha.

– Eu não estava esperando que você chegasse esta noite. Pensei que fosse aproveitar a vida noturna em Londres,

enquanto estivesse lá.

– Depois de minha reunião, eu tomei uma cerveja com meu irmão do meio, Raoul.

– Nenhum encontro romântico, ou algo assim?

– Não.

– Você deve estar perdendo sua habilidade.

– Foi o que meu irmão falou.

Houve um curto silêncio.

– Você cobra pelas horas extras que passa cozinhando para estas pessoas, não é? – perguntou ele.

Poppy suspirou.

– Sempre digo que vou cobrar...

– Mas você tem um negócio próprio, pelo amor de Deus – disse ele. – Seu objetivo é lucrar. Esse deveria ser seu foco, não tentar ser a melhor amiga de todo o mundo.

– Eu sei, eu sei. Acha que não ouvi isso um milhão de vezes?

– Quer que eu lhe ajude? – ofereceu Rafe. – Eu posso dar uma olhada em seus livros contáveis. Posso ver onde está o problema e resolvê-lo. Você não precisará perder sono ou amigos por causa disso.

Ela o fitou, agradecida.

– Você faria isso?

O sorriso que Rafe lhe deu fez suas

pernas enfraquecerem.

– Eu ficaria feliz em ajudar.

Outro silêncio se seguiu.

Poppy cruzou os braços.

– É estranho estar aqui esta noite.

– Por quê?

– Porque passei tanto tempo de minha infância aqui, exatamente neste cômodo. Lorde Dalrymple deixava vovó e eu usarmos a sala. Dizia que era porque a televisão pegava melhor aqui do que na dower house, mas eu acho que ele gostava de nos ter por perto. – Ela suspirou. – Esta é a primeira vez que fico aqui, desde que vovó morreu.

Ele aproximou-se e posicionou as

mãos sobre os ombros dela.

– Eu deveria ter percebido que talvez fosse difícil voltar aqui. Eu deveria ter adiado minha reunião e ficado com você.

Poppy fitou os olhos escuros. Ele estava muito perto, e ela podia sentir o aroma cítrico da colônia pós-barba, misturado com o cheiro másculo de Rafe, que era igualmente inebriante.

– Eu não preciso de babá.

Um canto da boca de Rafe curvou-se num sorriso irônico.

– Assim diz a garota que está usando pijama de ursinhos e pantufas de hipopótamos nos pés. – Uma das mãos

dele subiu pelo seu ombro para lhe segurar a nuca. – O que devia ser suficiente para me impedir de fazer isso.

Ela engoliu em seco.

– Fazer... o quê?

A boca de Rafe desceu em direção a sua.

– Eu acho que você sabe o quê.

– Pensei que você tivesse dito que não queria...

Ele deu um beijo suave nos lábios, mal os tocando, o que deixou Poppy desejando mais.

– Eu quero – murmurou ele com voz rouca. – Quero muito. Não pensei em nada além de você durante o tempo

inteiro que estive em Londres. No seu gosto, no seu cheiro, em como é bom senti-la.

Poppy arfou um segundo antes que a boca de Rafe cobrisse a sua. O beijo foi mais longo e mais profundo, desta vez. Ela sentiu a língua sensual contra seus lábios e abriu-os numa entrega enquanto lhe circulava o pescoço com as mãos e pressionava-se contra o corpo quente e sólido.

As línguas deles se encontraram numa dança erótica. Ele a moldou contra si, as mãos segurando o traseiro para pressioná-la mais contra a ereção masculina. A sensação dolorosa de

vazio em seu interior era quase insuportável, especialmente quando a resposta para isso estava tão perto.

Ele agora movia os lábios pela lateral de seu pescoço, em que milhões de nervos tremiam em antecipação.

– Você deve me pedir que eu pare, antes que isso saia de controle.

– E se eu não quiser parar? – Ela angulou o pescoço para lhe dar melhor acesso.

Rafe emoldurou-lhe o rosto nas mãos, olhando-a com intensidade.

– Talvez eu acabe magoando você.

O coração de Poppy disparou diante da preocupação nos olhos dele.

– Tenho certeza de que isso não vai acontecer.

Ele inclinou a testa contra a sua.

– Isso é loucura. Tudo sobre isso é loucura.

– Eu me sinto um pouco louca perto de você – confessou Poppy, plantando um beijo suave e provocante na boca dele.

Rafe mordiscou-lhe o lábio de leve.

– Você tem ideia de quão perturbado eu estou me sentindo, agora?

Ela lhe deu um olhar irônico.

– Não era assim que eu deveria estar me sentindo?

Ele segurou-lhe o rosto nas mãos,

novamente.

– Como você se *sente*?

– Nervosa, excitada.. com um pouco de medo de desapontar você...

Ele prendeu-lhe o olhar com uma expressão surpreendentemente terna.

– Não precisa se preocupar com isso. A primeira vez é tudo sobre você. Não quero que se preocupe com nada, exceto com suas próprias necessidades.

Poppy tocou-lhe o lábio inferior com a ponta do dedo.

– Eu sei o que é um orgasmo. Eu já os tive... sabe? Sozinha...

– Você quer me mostrar o que a excita ou prefere que eu descubra por mim

mesmo?

Poppy sentiu um rubor subindo ao rosto.

– Eu me sentiria mais à vontade se você descobrisse...

Os polegares de Rafe lhe roçaram as faces numa carícia gentil.

– Fazer amor com alguém pela primeira vez é sobre descobrir o que funciona e o que não funciona. Quero que você me diga se quiser parar em algum ponto. Se não se sentir confortável, podemos parar. É você quem está no controle, certo?

Poppy achou que não poderia ter escolhido um primeiro amante melhor.

Para alguém com a reputação de playboy, Rafe estava mostrando ter um lado suave e gentil, que era altamente sedutor. Ela queria se derreter contra o corpo másculo, perder-se na sensualidade dele.

Não queria pensar nas dezenas de mulheres com quem ele estivera antes. De um jeito estranho, Poppy sentia como se aquela fosse a primeira vez para ambos. Sentia isso na leve hesitação do toque dele, na maneira que as mãos grandes se moviam sobre ela numa descoberta quase reverente. Ele explorava seus seios como se eles fossem os globos mais preciosos que já

tocara.

Ela tremeu quando ele deslizou uma mão por baixo da blusa de seu pijama, segurando um dos seios na palma quente. Roçou o polegar contra o mamilo, e uma chuva de sensações cascadeou pela coluna de Poppy. Um desejo feroz queimou entre suas pernas, e ela aninhou-se mais a ele, querendo sentir pele contra pele, sem a barreira das roupas.

Cobrindo a boca num beijo apaixonado, Rafe abriu a blusa de seu pijama e afastou as laterais, as mãos moldando seus seios de maneira possessiva. Ela sentiu o baixo ventre

pulsar, alguma coisa em seu interior se derretendo diante da pressão insistente do corpo rígido contra o seu.

Rafe levou a boca ao seu seio numa carícia que a fez estremecer de desejo. A língua sensual banhou seu bico, brincando, provocando, até que ela estivesse gemendo e ofegando.

– Não aqui – disse ele. – Precisamos de uma cama.

Poppy arfou quando ele a ergueu nos braços.

– Sou muito pesada para você carregar.

– Você é leve como uma pena. Eu peso o dobro. Tenho medo de esmagá-

la.

Poppy nunca se sentira tão feminina na vida. Envolveu-lhe o pescoço nos braços e permitiu-se o prazer de ser carregada escada acima. A cada degrau que ele subia, seu coração disparava mais enquanto ela saboreava a ansiedade de saber que ele logo a tomaria numa posse completa.

Então suas costas estavam deitadas contra o colchão e Rafe desceu sobre ela, a boca ardente na sua, as mãos movendo-se pelo seu corpo em carícias gentis, enquanto ele lhe removia o pijama inteiro. Ela estendeu os braços e desabotoou a camisa, com fervorosa

concentração. Queria beijar cada centímetro da pele quente, senti-lo tremer sob seus lábios e língua.

Ele removeu a camisa e Poppy explorou os músculos do peito e ombros poderosos.

– Você faz ginástica.

– Um pouco. – Rafe encontrou a lateral de seu seio, os lábios se movendo sobre a pele sensível, como um maestro com um instrumento que nunca tocara antes. – Você é tão linda.

A pressão quente do peito nu contra o seu fez Poppy reagir como uma devassa. Com o corpo em chamas, ela agarrou as nádegas, pressionando-o contra seu

sexo, querendo sentir o membro viril em seu centro pulsante. Abriu o cinto da calça cegamente enquanto ele tomava a boca num beijo voraz. Ela o sentiu contra si, tão ereto, tão pronto. Tocou-o através do tecido da calça, massageando a extensão rija, enquanto a língua de Rafe brincava com a sua.

Ele interrompeu o beijo brevemente, de modo que pudesse se livrar da calça e da cueca. Poppy mal registrou o barulho dos sapatos pesados caindo no chão. Estava hipnotizada pela beleza do corpo másculo. Ele era tão magnífico. Ela tocou a pele bronzeada do abdômen reto com um deslize experimental da

mão.

– Você é tão... grande.

– Não tenha medo, *ma belle*. – Rafe pegou a mão e posicionou-a contra sua ereção. Ela envolveu os dedos ao seu redor, conhecendo-o. Sentiu a pulsação do sangue dele contra sua mão, a necessidade ali tão similar ao que estava acontecendo com seu próprio corpo. Havia até mesmo uma gota de umidade formando-se na cabeça do pênis, exatamente como a umidade orvalhada que Poppy podia sentir entre suas coxas.

Rafe gentilmente afastou-lhe a mão de seu sexo e pressionou-a contra o

colchão.

– Minha vez de explorar você. – Ele abriu uma mão em sua barriga, logo acima do osso púbico.

Poppy tremeu com o contato íntimo; aqueles dedos longos *tão perto* do lugar que mais doía e pulsava. Sua respiração ficou presa na garganta quando ele apartou-lhe as pernas, como se ela fosse uma flor delicada que precisava ser manuseada com cuidado. Ela deleitou-se de prazer enquanto ele traçava sua forma, não a tocando com força demais ou por muito tempo no mesmo lugar, o processo lento construindo uma tensão deliciosa em seu interior.

– Eu quero provar você.

Poppy viu a determinação nos olhos quase pretos e estremeceu, em antecipação nervosa. Sentiu-o deslizar mais para baixo no seu corpo, a respiração quente acariciando-lhe as dobras, a língua provocando-a e enlouquecendo-a, fazendo com que ela se encolhesse em surpresa.

– Oh!

Ele pausou.

– Não se contraia diante disso, *ma petite*. Relaxe.

– Não acho que sou capaz. – Poppy subitamente se sentiu exposta e inadequada. E se ele achasse que ela era

feia ou diferente lá embaixo? Ela não depilava aquela região, como suas amigas. Achava desconcertante a ideia de estar totalmente nua entre as pernas. Parecia uma garotinha ou uma mulher? Ele a estava comparando com outras amantes?

– Ei. – Rafe capturou-lhe o queixo, de modo que ela o encarasse. – Você é linda. Tem gosto e cheiro divinos.

Poppy cobriu o rosto com as mãos.

– Esse é o motivo pelo qual sou virgem aos 25 anos. Eu sou incompetente nisso.

Ele tirou-lhe as mãos do rosto.

– Você não é incompetente nisso.

Relaxe, *ma petite*. Nós não estamos com pressa. Leve todo tempo que precisar.

– Mas e quanto a você?

Ele alisou a lateral da coxa, lentamente.

– Eu posso atingir o clímax em dois minutos ou em 45. Está no meu controle.

Ela franziu o cenho.

– Mas eu pensei...

Rafe pressionou um dedo nos lábios dela.

– Pare de pensar, *ma chérie*. Sua tarefa agora é sentir.

Poppy arfou quando ele alisou a coxa, novamente. O toque era como uma luva de veludo contra sua pele. Ela fechou os

olhos e entregou-se ao momento, à sensação da mão quente em sua coxa, em sua barriga e em seus seios. Rafe voltou para beijá-la, querendo que ela se sentisse confortável, antes de progredir para carícias mais íntimas. Poppy sentiu os movimentos lentos da língua dele, as sensações intensas que a abalavam, mas em vez de lutar contra desta vez, ela as abraçou. Foi como uma onda gigante cobrindo-a, fazendo-a girar em seu turbilhão e desorientando-a. Ouviu um grito cortando o ar e percebeu, um pouco constrangida, que tinha saído de sua própria garganta.

Parecia tão primitivo, *tão carnal*.

Rafe afastou-lhe o cabelo úmido sobre a testa, um sorriso brincando nos lábios.

– Viu? Você não é incompetente. Nasceu para isso.

Poppy trilhou um dedo pelo peito largo, em vez de encontrar o olhar triunfante.

– Então... 45 minutos, huh? Você ajustou um cronômetro ou algo assim?

Ele ergueu-lhe o queixo para que eles se entreolhassem.

– Ser um amante com consideração pela minha parceira é uma responsabilidade que levo muito a sério, como homem. Mulher nenhuma deve se

sentir apressada a seguir um ritmo que não é seu. Seu corpo terá diferentes humores e necessidades. O que funciona bem uma vez, pode não funcionar tão bem na outra.

Poppy traçou-lhe o lábio inferior com o dedo.

– Você parece saber o que fazer com o corpo de uma mulher.

– Ainda estou conhecendo o seu, mas o que descobri até agora é puro deleite.

– Ele capturou-lhe o dedo com os lábios e colocou-o dentro de sua boca. Ela tremeu enquanto fitava os olhos escuros que prendiam os seus com intenção primitiva.

Ela relaxou contra o colchão quando ele cobriu-a com o corpo poderoso, equilibrando o peso nos braços para não a esmagar. A abrasão sexy dos pelos da perna de Rafe contra sua pele mais delicada foi um lembrete potente do quanto eles eram diferentes. Ele tomou a boca num beijo apaixonado que a deixou novamente em chamas.

Mãos fortes deslizaram por seus seios, tocando, provocando, fazendo seu coração bombear de modo frenético. Rafe desceu numa trilha pelo seu abdômen, as carícias em sua barriga, quadris e coxas enlouquecendo-a de desejo. Ela sentiu a ereção viril mover-

se contra si enquanto ele ofegava, revelando a própria excitação. Ela gostou de pensar que estava fazendo aquilo com Rafe, que tinha tal poder sensual sobre ele.

Rafe pegou um preservativo da cômoda do criado-mudo e rasgou o pequeno pacote com os dentes, antes de proteger-se. Ele não era somente um amante sensível, mas também cuidadoso em relação à segurança. Que diferente da experiência de sua mãe com seu pai, que quisera apenas satisfazer sua luxúria, sem pensar nas consequências.

– Você ainda tem certeza de que quer continuar com isso? – perguntou Rafe.

Poppy tocou o membro rijo, seu corpo já pulsando com um desejo tão intenso que era como uma dor em seu interior.

– Eu quero que você faça amor comigo.

Eles se entreolharam por um longo momento, que a fez sentir como se fosse a única mulher no mundo que Rafe quisera ou iria querer.

– Vou bem devagar – murmurou ele com voz rouca. – Diga-me se eu estiver machucando você.

Ela pôs as mãos ao redor do pescoço dele e beijou-lhe a boca, inalando o aroma másculo, a barba despontando em sua pele macia fazendo-a celebrar sua

feminilidade de um jeito que nunca celebrara antes.

Rafe moveu-se contra ela, guiando-se enquanto a abria gentilmente.

– Tudo bem até agora?

Poppy assentiu.

– Eu estou bem.

– Relaxe, *ma petite*. – Ele esperou até que ela descomprimisse os músculos, antes de tentar novamente. – Você está no controle, lembra?

Ela o sentiu deslizando para seu interior, sua própria umidade tornando a passagem mais fácil do que imaginara ser possível. Ele era tão grande, todavia, seu corpo se estendeu para

acomodá-lo. Poppy estava muito orgulhosa de si mesma, mas então ele foi um pouco mais fundo e uma dor aguda a abalou.

– Ai!

Ele parou e segurou-a com firmeza, os olhos repletos de preocupação.

– Desculpe, *ma chérie*. Foi fundo demais, sim?

– Não... eu estou bem. – Ela respirou fundo. – Desculpe-me por ser a rainha do drama.

– Você não está sendo a rainha do drama. – Rafe afastou-lhe o cabelo sobre a testa. – Você é pequenina. Tente não retesar o corpo. Seus músculos

precisam relaxar para me acomodar. Solte as pernas. – Ele beijou os lábios carinhosamente, fazendo-a derreter-se, enquanto se inseria mais um pouquinho. Desta vez, doeu menos, e Poppy ergueu os quadris, sentiu o deslize do membro viril e gemeu de prazer.

Ele pausou, novamente.

– Tudo bem?

– Mmm... – Poppy acariciou costas e ombros, acostumando-se à sensação de tê-lo em seu interior. Ele começou a se mexer, despertando sensações incríveis. O desejo se construiu dentro dela, como uma vibração que abalava seu corpo inteiro.

Percebendo sua excitação, ele aumentou o ritmo dos movimentos, aos poucos, usando os dedos para intensificar seu prazer. Poppy sentiu o clímax se aproximando, mas parecia estar fora de seu alcance. Moveu-se irrequieta contra ele.

– Sinto muito. Eu não consigo...

– Psiu – sussurrou ele. – Leve o tempo que precisar. Eu não vou a lugar algum.

Poppy entregou-se às investidas, cada uma mais profunda e mais deliciosa que a anterior. Ele a acariciou intimamente, variando a velocidade e a pressão, até que ela estivesse pairando na beira de

um precipício.

– Entregue-se, *ma petite*. Não tente conter a explosão.

Poppy arfou diante da primeira onda de seu orgasmo. Sentiu-se pasma pela velocidade de tal onda. Estava girando e girando, de modo descontrolado. Cada célula de seu corpo parecia estar concentrada naquele único ponto em seu interior. Ela jogou a cabeça para trás, contra os travesseiros e abandonou-se às sensações, tremendo dos pés à cabeça.

Rafe esperou até que ela se recuperasse um pouco, antes de tomar seu próprio prazer. Ela o sentiu enrijecer, sentiu os músculos poderosos

se flexionando sob suas mãos enquanto ele se lançava no esquecimento com um gemido inconfundivelmente masculino.

Houve um longo momento de silêncio.

Poppy não sabia o que dizer. O que você falava depois da experiência mais incrível de sua vida? Suas emoções estavam em turbilhão. Ela não sabia o que pensar ou sentir. Ele tinha sido tão carinhoso, com tanta consideração. Como ela pudera pensar que o detestava? Seus sentimentos estavam um pouco mais perto da outra extremidade do espectro, mas não queria pensar sobre isso agora. Apaixonar-se por alguém, somente porque ele era um

amante fabuloso não era motivo suficiente. Amar alguém tinha mais a ver com valores similares, confiança e compromisso de ambos os lados; sabendo que eles sempre estariam lá para você. Rafe Caffarelli não estava fazendo esse tipo de promessa. Aquele era apenas um caso passageiro, nada mais.

Ele apoiou-se sobre os cotovelos para olhá-la.

– Como você se sente?

– Eu estou bem – respondeu Poppy. – Ainda inteira... eu acho.

Ele capturou um dos cachos e colocou-o atrás da orelha dela.

– Você foi incrível.

– Aposto que você diz isso para todas as garotas.

Rafe franziu o cenho.

– Sei que você provavelmente não vai acreditar, mas foi diferente para mim.

– Diferente como?

– Apenas... diferente.

Poppy estudou as feições por um momento.

– Também achei que você foi incrível.

Ele deu um sorriso lento que a fez se derreter.

– Não é como se você tivesse alguém com quem me comparar.

– Ainda não.

Rafe se retirou para se livrar do preservativo. Os movimentos dele pareciam quase controlados demais, quase rígidos, como se ele estivesse tentando conter emoções, sem muito sucesso.

– Posso ser um playboy, mas insisto que minhas parceiras... por mais temporária que seja a relação... sejam totalmente exclusivas.

Poppy sentou-se e abraçou os joelhos para cobrir sua nudez.

– Melindroso.

Ele enviou um olhar duro.

– Falo sério, Poppy. Não sou infiel

em meus relacionamentos e não tolerarei isso numa parceira.

– Eu *sou* uma parceira?

Ele fez uma pausa, então suspirou, como se tivesse acabado de tomar uma decisão.

– Você é agora.

– Por quanto tempo?

Ele encontrou-lhe os olhos.

– Esta paixão vai se extinguir. Sempre se extingue.

– Dê-me uma estimativa – pediu Poppy. – Uma semana? Um mês?

– Não pretendo ficar aqui por muito mais tempo. – Rafe passou uma mão pelo cabelo. – Nem acredito em

relacionamentos a longa distância.

Ela descansou o queixo sobre os joelhos dobrados enquanto envolvia os braços ao redor dos tornozelos.

– Suponho que você não fica num lugar tempo suficiente para formar laços duradouros.

– Não quero lhe dar falsas esperanças, Poppy. Sei que garotas como você querem o pacote completo, mas não estou interessado nisso, no momento. Tenho muitas outras responsabilidades para resolver, antes de até mesmo pensar em me acomodar.

– Está tudo bem – disse Poppy, embora não estivesse. Poderia se

contentar com um caso de curta duração? Como se sentiria quando acabasse? Estaria tão apaixonada por ele até lá que seu coração se despedaçaria quando Rafe saísse de sua vida para sempre?

Já não estava um pouco apaixonada por ele?

Ele se aproximou e ergueu-lhe o queixo para que ela o encarasse. Poppy teve de lutar para esconder seu conflito. Emoções que nunca experimentara antes estavam fervilhando em seu interior. Era como se uma guerra entre fingimento e honestidade a estivesse dividindo ao meio. Queria dizer a ele como se sentia,

que o amava e que o queria para sempre, mas seu lado prático e sensato não permitiu.

Se ela lhe contasse como se sentia, ele terminaria o caso deles, antes mesmo de começar. Poppy queria pelo menos ter algumas memórias preciosas quando ele se fosse.

– A imprensa provavelmente vai persegui-la por alguns dias – disse ele.

– Tente não deixar que isso a incomode.

– Não deixarei.

Rafe inclinou-se e beijou os lábios.

– Você tem gosto de algodão-doce.

Poppy arqueou a sobrancelha.

– Pensei que você não gostasse de

doce.

Os olhos escuros brilharam quando ele a pressionou de volta contra o colchão.

– Eu gosto agora – declarou ele e cobriu a boca com a sua.

CAPÍTULO DOZE

POPPY ACORDOU para o som de pássaros cantando de madrugada. Estendeu as pernas e sentiu uma contração em seus músculos femininos sensíveis. Rafe tinha sido tão gentil na noite anterior, o que tornara muito mais difícil para que ela mantivesse suas emoções em cheque. Ela ficara deitada nos braços fortes, sentindo-se saciada, todavia, estranhamente insatisfeita. Eles estavam muito perto fisicamente, entretanto, era como se um abismo de

diferenças os separasse.

O mundo de Rafe era tão distinto do seu. Ele possuía dinheiro para comprar o que quisesse, onde quisesse, quando quisesse. Poderia viajar ao redor do mundo, sem precisar parar e contar as moedas. Tinha casos passageiros que não lhe deixavam marcas. Provavelmente nem se lembrava dos nomes delas depois de algumas semanas do encontro.

Rafe se lembraria dela depois que o relacionamento deles acabasse? Quanto tempo ele levaria para esquecer seu nome ou suas feições? Quanto tempo antes que outra mulher lhe despertasse o

interesse?

Poppy virou a cabeça e o olhou, deitado ao seu lado. Ele estava sobre as costas, um dos braços relaxado em volta de seus ombros, o outro pendurado sobre a extremidade da cama. A respiração era profunda, o corpo estava relaxado, entretanto, havia uma leve ruga entre os olhos, como se a mente dele estivesse refletindo sobre alguma questão complicada.

Antes que se desse conta, Poppy ergueu uma mão e alisou-lhe a pequena ruga com a ponta do dedo.

Olhos escuros se abriram e encontraram os seus. Sorrindo, Rafe

capturou-lhe o dedo e colocou-o na boca, mordiscando-o gentilmente, os olhos prendendo os dela com uma intensidade que fez Poppy tremer.

– É melhor parar de me olhar assim.

– Como eu estou olhando para você?

– Como se quisesse que eu a pressionasse contra a cama e fizesse amor apaixonado com você.

Poppy sentiu uma fricção de deleite percorrer sua pele.

– Por que eu não deveria olhá-lo assim?

Ele a rolou sobre as costas e entrelaçou as pernas de ambos.

– Porque eu não quero deixá-la

dolorida.

Ela fitou os olhos escuros e sentiu um aperto no coração. Como podia não amar aquele homem? Ele tão gentil, entretanto tão ardente e atencioso. Como ela conseguiria resistir aos sentimentos que estavam florescendo em seu interior?

Ele era tudo que Poppy sempre quisera num parceiro.

Desde o primeiro instante em que suas bocas haviam se conectado, ela sentira uma mudança sísmica em seu corpo. Como alguém mais poderia satisfazê-la, algum dia? Ela sempre os compararia com Rafe. O toque de Rafe

era como mágica. Os beijos dele eram hipnóticos, e a posse era cativante e cataclísmica. Poppy jamais seria a mesma, agora que compartilhara essa intimidade incrível com ele. Rafe tocara em alguma coisa profunda em seu interior que falava a sua essência.

Ela acariciou-lhe o rosto.

– Quando você entrou na casa de chá pela primeira vez, achei que fosse a pessoa mais arrogante e insensível que eu já tivesse conhecido.

– E agora?

Ela deu um sorriso que continha uma ponta de reprovação.

– Você ainda é arrogante.

Rafe deu de ombros.

– Está na minha natureza.

– Eu entendi isso. – Ela trilhounhe o lábio inferior com a ponta de um dedo. – Seus irmãos são igualmente arrogantes?

– Raoul menos, Remy mais – replicou ele, olhando para a boca de Poppy. – Suponho que eu fico em algum lugar no meio.

Poppy sentiu a ereção contra sua barriga, e seu coração disparou quando ela viu a intenção nos olhos escuros. Seu corpo tremeu de forma involuntária no momento em que Rafe abaixou a cabeça e cobriu a boca num beijo que acordou cada instinto feminino seu. Ela

correspondeu ao beijo com o mesmo ardor enquanto se movia contra ele, incentivando-o a completar a dança erótica que ele começara.

Rafe afastou-se do beijo e foi em busca de seus seios, circulando com a língua quente um bico sensível de cada vez. Poppy sentiu o desejo percorrendo seu corpo inteiro e se instalando entre suas pernas.

Ele desceu para sua barriga, numa trilha de beijos molhados, demorando-se sobre seu umbigo, mergulhando a ponta da língua na pequena cavidade, antes de descer para onde ela pulsava com desejo febril.

Poppy gemeu ao sentir a respiração quente de Rafe como uma carícia, então o toque no seu ponto mais sensível a fez arquear os quadris. Ele provocou-a, massageou-a, brincou com seu sexo, usando dedos e língua, até que ela agarrou-se à cama para se ancorar contra a avalanche de sensações que convulsionaram seu corpo inteiro, deixando-a flácida e exausta, depois.

Rafe alisou a extensão da coxa enquanto lhe prendia o olhar.

— Você é tão incrivelmente responsiva.

Ela o fitou. Sentia-se perplexa pelo jeito que ele a excitava. Seu corpo

vibrava da cabeça aos pés, suas terminações nervosas dançavam em deleite pelo que tinham experimentado sob o toque dele.

– Eu quero lhe dar prazer – murmurou ela, timidamente o alcançando.

Rafe arfou quando ela curvou os dedos ao redor de sua extensão. Ela viu o brilho de prazer nos olhos quase pretos, sentiu-o enrijecer ainda mais enquanto o manuseava com movimentos rítmicos. Deslizou o polegar sobre a ponta úmida e observou-o lutando por controle. Decidindo ser ainda mais ousada, Poppy deu um olhar ardente e deslizou pelo corpo dele, respirando

sobre o membro viril primeiro, oferecendo um vislumbre do que estava prestes a vir.

Ele segurou as laterais de sua cabeça.

– Se você não estiver se sentindo confortável fazendo isso... – Rafe gemeu alto quando a língua dela o encontrou. – Pelo menos, deixe-me colocar um preservativo.

Poppy afastou-se para lhe permitir achar o preservativo, então tirou o pequeno envelope da mão dele e fez o resto do trabalho, deslizando o látex sobre o pênis. A bonita masculinidade roubou o fôlego. Ele estava tão rijo de desejo. Ela podia sentir o sangue de

Rafe pulsando contra seus dedos.

Abaixou a cabeça novamente, lambendo-o primeiro, deixando-o sentir o calor de sua língua através da fina barreira do preservativo. Tornou-se mais audaciosa conforme sua confiança aumentava, tomando-o dentro da boca, provocando-o com diferentes graus de pressão, para ver o que ele preferia. Rafe deu todo o encorajamento que ela precisava, com gemidos de prazer enquanto a tensão se construía dentro dele.

Aquilo era muito mais prazeroso do que Poppy imaginara. O poder feminino que exercia sobre ele a excitava e a

encantava. Seus lábios e boca registraram cada movimento sutil enquanto ele se encaminhava para o momento da liberação. A respiração de Rafe tornou-se mais rápida e irregular, as mãos fortes segurando sua cabeça com um desespero que encheu Poppy de deleite. Ela sentiu a explosão final cataclísmica, e os pelos de sua nuca se arrepiaram diante do poder monumental da resposta de Rafe a ela.

Ele afastou-se e lidou com o preservativo, a respiração ofegante rasgando o silêncio.

– Foi... bom? – perguntou Poppy.

Ele segurou-lhe uma das faces na

mão, o olhar terno.

– Você foi maravilhosa. Perfeita.

– Eu estou atrasada em relação a isso – disse ela. – Chloe falou que eu precisaria fazer muito, muito sexo para alcançar outras garotas da minha idade.

O sorriso desapareceu dos olhos escuros e ele abaixou a mão de seu rosto quando saiu da cama.

– Isso não é uma competição, Poppy. – Ele vestiu a calça e fechou o zíper de maneira quase violenta. – Não existe prêmio para a pessoa que dormiu com mais parceiros.

Poppy observou quando ele vestiu a camisa, os movimentos parecendo

tenso, quase zangado.

– Você sabe quantas amantes teve?

Ele franziu o cenho.

– Parei de contar muito tempo atrás.

– Alguma mulher já deixou uma impressão duradoura em você?

Rafe suspirou e começou a procurar os sapatos.

– Ninguém que venha a minha mente no momento.

Nem mesmo eu? Uma onda de tristeza a envolveu. Poppy queria que ele a visse de maneira diferente. Não queria ser apenas mais uma, sem nome, que passara pela cama dele. Queria ser *importante* para Rafe.

Queria que ele a amasse.

Era tolice sua ter esperança que ele se apaixonasse por ela, apesar das diferenças muito reais em seus passados? A compatibilidade física dos dois era inquestionável, mesmo considerando sua experiência limitada. Ela sentia uma conexão muito mais profunda, uma que talvez Rafe não estivesse pronto para admitir, mas que existia, de qualquer forma. Tal conexão não estivera lá desde o começo? Desde o momento de parar o relógio, quando os olhos deles tinham se encontrado pela primeira vez, assim que ele atravessara a soleira de sua casa de chá. Aquele

único momento no tempo mudara tudo. Ela pensara estar diante de seu pior inimigo, mas ele acabara se tornando o amor de sua vida.

O primeiro beijo deles, o jeito que suas bocas tinham comunicado uma necessidade diferente de tudo que ela já sentira antes; uma vez que a boca de Rafe encontrara a sua, Poppy soubera que nunca seria a mesma. Como poderia ser? Ele lhe despertara sensações e respostas que ela nem soubera possuir.

A primeira vez que eles haviam se amado, ela experimentara mais do que uma união física. Era como se Rafe tivesse tocado sua alma.

Independentemente de quantas vezes ela fizesse amor com outros parceiros, jamais esqueceria o toque terno de Rafe e a paixão explosiva que eles criavam juntos.

Rafe passaria a pensar nela da mesma maneira?

Poppy virou as pernas sobre a beira da cama, encolhendo-se quando músculos internos sensíveis protestaram diante do movimento.

Rafe estava ao seu lado num instante.

– Você está bem?

– Estou bem.

Ele deslizou uma mão gentil pela extensão de seu braço desnudo,

circulando o pulso com os dedos.

Poppy fitou os olhos preocupados, seu amor por ele comprimindo seu coração. Como conseguiria ter um mero caso com Rafe? Ela queria o pacote inteiro. Nunca ficaria satisfeita com algumas semanas ao seu lado.

Ela o queria para sempre.

Abaixou o olhar, de modo que ele não visse seus sentimentos.

– Eu ficarei bem..

Rafe roçou-lhe o rosto com o dorso da mão.

– Quando foi a última vez que você tirou folga do trabalho?

– Faz um tempo. – Ela pensou por um

momento. – Não desde que eu voltei para cuidar de minha avó.

– Chloe pode cuidar da casa de chá por alguns dias?

Poppy encontrou o olhar novamente.

– Quantos dias?

– Quatro ou cinco. Talvez pudéssemos estender para uma semana. Eu teria de checar minha agenda.

– Para onde está pensando em ir?

– Paris.

O coração de Poppy se encheu de esperança. *A cidade do amor...*

– Tenho uma reunião lá no começo da próxima semana – disse ele. – Mas depois poderíamos passar alguns dias

fazendo passeios turísticos. Quando voltarmos, sua casa estará consertada.

Aquilo significava que o caso deles terminaria quando voltassem? Esse era o jeito de Rafe de extinguir seu desejo por ela, sem a deixar assumir um papel mais permanente em sua vida?

Poppy mordiscou o lábio, pensativamente. *Poderia fazer isso?* Sair de sua vida normal e rotineira e passar alguns dias no mundo exótico dos ricos e privilegiados?

– Eu teria de falar com Chloe, primeiro.

– Informe-me esta noite. – Ele roçou a boca com um beijo breve. – Preciso ir.

Um paisagista virá aqui esta manhã para discutir sobre os jardins. Quero esboçar mais algumas plantas antes que ele chegue.

Poppy franziu a testa.

– Que tipo de ideias você tem em mente?

– Eu quero me livrar do jardim silvestre. Está muito irregular e caótico. Quero mais estrutura e formalidade, o que combinará com o hotel que tenho em mente.

– Mas o jardim silvestre é uma das coisas mais lindas de Dalrymple – protestou ela. – Como você pode pensar em mudar isso?

Ele lhe deu o tipo de olhar que um pai dá a uma criança que não distingue o certo do errado.

– Como você pode pensar em deixá-lo como está? O jardim está cheio de ervas daninhas e plantas indefinidas.

– Aquelas ervas daninhas e plantas indefinidas estão lá por centenas de anos – argumentou Poppy. – Você não pode simplesmente arrancar tudo.

– Eu posso e o farei – disse Rafe com um brilho de desafio no olhar. – Isso se chama posse e progresso.

Poppy fechou as mãos.

– Chama-se violação e mau gosto.

Ele sorriu.

– Você acha que eu tenho mau gosto?

– Você tem péssimo gosto.

Rafe arqueou uma sobrancelha.

– Em mulheres?

Ela deu de ombros.

– Acho que você poderia aumentar um pouco seus padrões. A última amante que teve estava claramente atrás de dinheiro e notoriedade. Era óbvio que ela não gostava de você como pessoa; gostava apenas de seu dinheiro.

Foi a vez de Rafe dar de ombros.

– Ela foi somente outra mulher que passou pela minha vida.

– Como eu?

Ele prendeu o olhar por um momento.

– Eu não lhe fiz promessas, Poppy.

– Não – murmurou ela com expressão desafiadora. – E não estou lhe fazendo nenhuma.

Ele deu um sorriso que não alcançou os olhos.

– Informe-me o que você decidiu sobre Paris. Eu pedirei que minha secretária faça os arranjos.

Poppy deu um suspiro trêmulo, depois que ele saiu. Cometeria o maior erro de sua vida se fosse para Paris com ele? Ou seria um erro maior ainda negar a si mesma alguns dias preciosos com Rafe, antes que ele terminasse o caso deles?

RAFE TENTOU dar toda sua atenção ao

paisagista, mas sua mente continuava voltando para Poppy. Ela estivera tão linda naquela manhã, depois de passar a noite em seus braços. Ele a observara dormir por algumas horas após o ato de amor. Ela se curvara contra ele como uma gatinha, a pele sedosa e sensual contra a sua.

Um arrepio percorria sua coluna cada vez que Rafe lembrava-se de como ela ficara tenra após sua posse. Quando ele descartara o primeiro preservativo, vira uma mancha de sangue ali. Não imaginara que ficaria tão tocado pela experiência de compartilhar a primeira vez de Poppy com ela. Mas aquela

intimidade o fizera perceber como sua vida sexual se tornara fútil e previsível ao longo dos anos. Seus encontros eram pouco mais do que transações físicas de prazer mútuo. Não havia sentimento atado, nenhuma sensação de que a vida não seria a mesma se esta pessoa nunca mais voltasse para sua cama...

– E aqui, poderíamos colocar uma fonte de água. – O paisagista apontou para o meio do jardim silvestre. – Poderíamos pavimentar a área com arenito.

Rafe sacudiu-se mentalmente.

– Certo... vou pensar sobre isso, então lhe dou um retorno.

– Dei uma olhada no labirinto – disse o paisagista. – Restaurá-lo será um trabalho grande. O lugar tem sido negligenciado há anos, pela aparência dele. E a tempestade do outro dia não ajudou as coisas. Será preciso replantar em alguns lugares...

– Eu não me importo com as despesas – interrompeu Rafe. – Faça o que precisa ser feito.

– Cachorros engraçadinhos. – O paisagista abaixou-se e emitiu sons para chamar Chutney, Pickles e Relish, que vinham seguindo Rafe como escravos devotos desde que ele saíra da mansão naquela manhã. – Minha esposa tem um

casal de poodles. Nunca pensei que fosse me apaixonar por um cão peludo, mas eles conquistam seu coração, não é?

– Eles não são meus – respondeu Rafe. – Cuidado com o cinza e branco. Ele vai mordê-lo se você chegar muito perto.

Pickles imediatamente se abrigou atrás da perna esquerda de Rafe, espiando com seus olhos redondos. O homem acariciou Chutney e Relish, então endireitou o corpo.

– Eu o contato para passar o orçamento da reforma no labirinto em um ou dois dias – disse ele. – Mande lembranças minhas a Poppy.

Rafe franziu o cenho.

– Você a conhece?

– Minha mãe e a avó de Poppy eram melhores amigas. Ela é muito querida, não é? Tem um coração de ouro. Faz muito pelo povo do vilarejo. Quando minha esposa fez a cesariana dos nossos gêmeos, Poppy aparecia todos os dias com uma refeição quente. Até mesmo levava roupa suja para casa e trazia lavada e passada. – Ele deu uma piscadela de homem para homem para Rafe. – Ela será uma esposa fabulosa para um sujeito de sorte, algum dia.

Rafe curvou a boca num sorriso tenso.

– Tenho certeza de que sim.

CAPÍTULO TREZE

— PARIS... — CHLOE deu um suspiro nostálgico. — Você percebe que está vivendo o sonho de toda garota? Ser levada para a cidade do amor por um bilionário maravilhoso.

Poppy mordiscou o lábio e pôs algumas fatias de torta de morango numa travessa florida, para a vitrine de doces.

— É mais uma viagem de negócios para Rafe. Eu só o acompanharei para lhe prover entretenimento.

— Não acredito nisso — disse Chloe. —

Ele está se apaixonando por você. Logo a pedirá em casamento. E que melhor lugar para um pedido de casamento do que Paris?

– Ele não vai me pedir em casamento – respondeu Poppy, com o coração pesado. – Assim que a semana em Paris terminar, Rafe me dispensará com uma joia, como prêmio de consolação. Aposto que nem escolherá pessoalmente. Pedirá que uma de suas secretárias faça isso.

Chloe inclinou a cabeça de lado e estudou-a.

– Você está realmente apaixonada por ele, não é?

Poppy suspirou.

– Quando Rafe entrou na casa de chá, naquele primeiro dia, pensei que ele fosse o maior imbecil do mundo. O que só prova que não se pode confiar numa primeira impressão. Por baixo do homem duro e frio de negócios, ele é uma pessoa muito amável.

– Então, qual é o problema?

– Ele não gosta de mim... ou, pelo menos, não do jeito que eu gosto dele.

– Qual é a pressa? – murmurou Chloe.

– Vocês se conhecem há duas semanas. Dê tempo.

– Mas e se não for a mim que ele quer? – Poppy finalmente vociferou o

medo que a vinha perseguindo desde que eles tinham feito amor. – E se ele tiver se envolvido comigo para me convencer a lhe vender a dower house?

Chloe franziu a testa.

– Você acha mesmo que Rafe seria baixo a esse ponto?

– Não sei... Veja o que Oliver fez. Não percebi o que aconteceria. Talvez eu atraia o tipo de homem que acha que pode puxar o tapete de baixo de meus pés.

– Você é ingênua – concordou Chloe.
– Mas viva um dia de cada vez. Aprecie o que está em oferta enquanto está em oferta. É tudo que você pode fazer.

– VOCÊ VIAJA para *todos os lugares* num avião particular? – perguntou Poppy na segunda-feira seguinte, quando eles estavam prestes a sair de Londres.

– Detesto esperar em aeroportos – replicou ele. – É uma perda de tempo tão grande.

Ela fez uma careta.

– Deve saber que, agora que você colocou os cachorros naquele hotelzinho de luxo, eles nunca mais ficarão felizes em outro lugar. Provavelmente torcerão os narizes diante das cumbucas de alumínio quando voltarem. Eu terei de comprar vasilhas de prata ou ouro.

Ele sorriu, lindamente.

– Não vejo por que eles não podem se divertir, assim como nós.

Poppy não tinha dúvida de que iria se divertir durante a viagem. As últimas noites com Rafe haviam deixado seu corpo formigando com deleite. Esta manhã, ele se juntara a ela sob o chuveiro, deixando-a tremendo em êxtase. Somente fixar aqueles olhos escuros agora, os quais continham uma promessa sensual, fez seu coração disparar.

Havia um comissário de bordo no avião, que lhes serviu champanhe e canapés, antes de fechar a porta da cabine e lhes dar privacidade.

Poppy deu um gole do champanhe.

– Seus irmãos têm aviões particulares ou vocês compartilham este?

– Cada um tem o seu. Meu avô tem dois.

Ela o estudou por um momento.

– Você alguma vez pensou em como sua vida seria se tivesse nascido em outra família? Uma sem rios de dinheiro para queimar?

Ele uniu as sobrancelhas.

– Eu não *queimo* dinheiro por queimar, Poppy.

Ela brincou com a borda da taça.

– Talvez não, mas aposto que você nunca precisou se preocupar sobre de

onde viria sua próxima refeição.

– Sei que quem olha de fora pensa que pessoas com muita riqueza têm a vida fácil, mas ter dinheiro traz seus próprios problemas – disse ele. – Aquele que você mencionou no dia em que nos conhecemos, por exemplo.

Poppy tentou lembrar, sem sucesso.

– O que eu disse?

– Que eu provavelmente me deitava na cama de noite, imaginando se pessoas gostavam de mim por quem eu sou ou somente por causa de meu dinheiro.

Poppy mordeu o lábio.

– Talvez eu não devesse ter dito isso. Eu nem o conhecia, então. Fiz

suposições horríveis ao seu respeito.

Rafe deslizou um dedo pelo dorso da mão dela, que descansava no braço da poltrona entre eles.

– Também fiz algumas não muito precisas sobre você.

Poppy encontrou-lhe o olhar.

– Quero que saiba que gosto de você, mas não por seu dinheiro. Poderíamos ter vindo para Paris de carro, de trem ou de ônibus, e eu não teria me importado nem um pouco.

Ele sorriu enquanto lhe traçava a face com a ponta do dedo.

– Você é muito doce, Poppy Silverton.

– Imagino que o que você realmente quer dizer é que eu sou muito ingênua.

Rafe franziu o cenho.

– Por que acha isso?

Poppy deu um olhar direto.

– Como sei se esta viagem para Paris não é parte de seu plano para que eu abra mão da dower house?

– Você realmente acha isso possível?

– Você não pode negar que ainda quer a casa.

– É claro que eu ainda a quero. Mas isso não tem nada a ver com nosso caso amoroso.

Poppy queria acreditar nele. *Ansiava* por acreditar. Mas como poderia estar

tão certa? Rafe estava tão determinado a obter a dower house, desde o primeiro dia. E não era do tipo que desistia de um objetivo.

– Não vou vender minha casa, Rafe. Não importa em quantos aviões particulares você me levar, ou quanto champanhe me der para beber. Não vou vender minha casa para você, ou para alguém mais.

Ele desafivelou o cinto de segurança e levantou-se, passando uma mão pelo cabelo num gesto de frustração.

– Você realmente acha que eu desceria tão baixo? Que tipo de homem pensa que eu sou?

– Um muito determinado. Furtivo, teimoso e duro, ou assim a imprensa nos levou a acreditar.

Rafe deu uma risada cética.

– E você aceita isso como a um evangelho?

– Eu quero acreditar que seus motivos são honrosos – disse Poppy. – Mas como posso ter certeza de que você me quer por mim?

Ele aproximou-se e ergueu-lhe o queixo, de modo que os olhos deles se encontrassem.

– Eu não vou negar que quero a dower house. Não posso prosseguir com meus planos de desenvolvimento para a

mansão, sem a sua casa. Mas o que existe entre nós é algo separado.

Era? Realmente era?

Rafe desafivelou o cinto dela e puxou-a sobre os pés.

– Quero *você, ma chérie*. Eu a quis desde o primeiro momento em que a vi.

Mas por quanto tempo? As palavras zombaram dela dentro de sua cabeça. O registro dos relacionamentos de Rafe não alimentava suas esperanças de casamento, bebês e final feliz. Era a romântica incurável em Poppy que esperava ser aquela que o mudaria.

Quantas mulheres tinham sido queimadas pelo mesmo sonho ilusório?

Poppy reprimiu os pensamentos e sorriu enquanto começava a desatar o nó da gravata dele.

– Então... quão privado é este seu avião?

Os olhos escuros brilharam quando ele a puxou contra si.

– Muito – respondeu Rafe e abaixou a boca para a sua.

O APARTAMENTO de Rafe parecia mais um palacete do que um apartamento. Era uma propriedade luxuosa de seis dormitórios, não longe do Hotel Ritz, com vista para o Jardim das Tulherias. Era definitivamente o ponto alto da cidade. Para Poppy, que sempre viajara

com um orçamento apertado, aquela era uma experiência impressionante. Era impossível não sentir um pouquinho de inveja da riqueza que Rafe tinha ao seu alcance.

Rafe organizou jantar no Moulin Rouge, em Montmartre, e Poppy encantou-se ao assistir ao famoso show can de Paris. Depois do show, ele levou-a para outro lugar com música ao vivo e dança.

– Mas eu não sei dançar – protestou Poppy quando ele pegou-a pela mão, a fim de conduzi-la à pista de dança.

– Apenas me siga – disse ele puxando-a para mais perto.

No começo, foi difícil não pensar em todos olhando e vendo-a tropeçar nos próprios pés, mas, após um tempo, ela começou a relaxar enquanto Rafe a conduzia no ritmo de uma música lenta e romântica.

– Viu? – sussurrou ele contra seu cabelo. – Você leva jeito.

– Você é um ótimo professor.

Os olhos quase pretos brilharam.

– Você aprende rápido, *ma petite*.

Ela moveu-se contra ele e tremeu em deleite ao sentir a ereção masculina.

– Suponho que devo aproveitar o máximo do meu tempo limitado sob seus ensinamentos.

O brilho desapareceu dos olhos de Rafe.

– É melhor irmos embora – disse ele, abaixando os braços e soltando-a. – Está ficando tarde e tenho uma reunião cedo, amanhã.

Poppy criticou-se mentalmente por ter estragado uma noite perfeita. Para que tivera de lembrá-lo de que o relacionamento deles era temporário? Por que não conseguia se satisfazer com o que tinha, em vez de querer o que não tinha? Ademais, não podia exigir tanto dele quando eles se conheciam há tão pouco tempo.

O problema era que ela sabia que ele

era “o homem da sua vida”. Soubera disso na primeira vez que Rafe a beijara. Não podia se imaginar com outra pessoa. Não queria outra pessoa.

Uma vez que eles estavam na rua, Poppy tocou-lhe o braço.

– Rafe, sinto muito. Fui uma tola.

Ele pegou-lhe a mão e apertou-a gentilmente.

– Entendo que você queira se sentir mais segura, *mon coeur*. Vamos viver um dia de cada vez, certo? Tenho muitas coisas na cabeça no momento, com meu trabalho.

– Desculpe-me... eu não percebi – murmurou ela. – Sua reunião de amanhã

está preocupando você?

Rafe enganchou-lhe o braço no seu enquanto eles andavam de volta para o carro.

– Há sempre preocupações quando você é responsável por empregos e carreiras de outras pessoas. A reunião de amanhã é com um de meus contadores baseados aqui. Por um tempo, eu estou desconfiado que ele anda roubando, de vez em quando. Mandeí fazer uma auditoria. Os resultados, os quais não parecem bons, serão colocados na mesa amanhã.

– Ah, não, isso é horrível – exclamou Poppy.

– Sim. – Ele deu um breve olhar, antes de virar a cabeça, resignado. – Não estou ansioso por isso. Ele tem uma esposa e uma família. Trabalha para mim desde que eu me formei na faculdade. É difícil não se sentir traído.

– Não existe sentimento pior, existe? – comentou Poppy. – Descobrir que alguém em quem você confiava o explorou.

Ele parou de andar e virou-se para olhá-la.

– Foi isso que aconteceu com seu namorado?

Poppy fez uma careta.

– Detesto pensar nele como meu

namorado, agora. Graças a Deus, não dormi com ele. Eu estaria me sentindo ainda mais tola.

Ele pôs um cacho atrás da orelha dela, parecendo pensativo.

– Eu estava falando com Howard Compton sobre você, outro dia.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Eu não sabia que vocês tinham ficado amigos.

Rafe deu um sorriso encabulado.

– Passo lá de vez em quando para um trago, como diz ele. Não suporto uísque, mas não tive coragem de dizer isso a Howard. Gosto da companhia. Ele é um homem bom. Não se parece nem um

pouco com meu avô, provavelmente o motivo de eu gostar tanto dele.

– O que você disse a ele sobre mim?

– Conteí sobre o plano de negócios que tracei para você, aquele que eu lhe mostrei outra noite.

Poppy mordeu o lábio. Na verdade, ela não seguira muito aquilo e desconfiava de que Rafe soubesse disso.

– Você precisa aprender a dizer não, *ma petite* – disse ele. – Vai afundar se não aprender a se defender. Pessoas vão respeitá-la por isso.

– Eu vou tentar.

Ele passou um braço ao redor de seus ombros, e, puxando para si, beijou o

topo da cabeça.

– Boa garota.

DE VOLTA no seu apartamento, Rafe saiu do banheiro e encontrou Poppy tirando fotos dos móveis Art Déco com seu celular.

– Se você gosta tanto deles, eu lhe comprarei alguns – disse ele.

Ela virou-se, enrubescendo como uma criança pega com a mão no pote de cookies.

– É um apartamento adorável. Você tem um gosto maravilhoso.

Rafe aproximou-se, tirou o telefone da mão e jogou-o sobre a cama.

– Quero suas mãos livres pelos

próximos longos momentos.

– Ah, verdade? – Poppy deu um sorriso brilhante. – O que tem em mente?

Ele soltou-lhe o cabelo e observou-os cascadearem sobre os ombros delgados. A fragrância de madressilva neles penetrou suas narinas. Entrelaçou uma mão nas mechas sedosas, adorando a sensação contra seus dedos. Então, beijou a boca, provando a doçura de Poppy, perdendo-se nos lábios suaves e na doce resposta dela.

O corpo feminino moveu-se contra o seu de maneira incrivelmente feminina, encaixando-se na sua forma como se ela

tivesse sido feita para ele. Rafe segurou as costas com uma das mãos e pressionou-a contra seu sexo. Seu desejo por ela era tão intenso que apagava qualquer outro pensamento de sua cabeça.

Poppy emitiu um gemido baixinho quando ele abriu uma das mãos sobre seu seio. Ele adorava o jeito que aqueles seios perfeitos cabiam em suas mãos, adorava a pele sedosa, tão sensível ao seu toque.

– Você está usando muitas roupas – sussurrou ele contra a boca de Poppy.

– Você também. – Ela puxou a camisa para fora da calça e deslizou a pequena

palma por seu peito.

Uma onda de luxúria quase o fez perder o controle. Rafe achou o zíper atrás do vestido e abriu-o, deixando-o deslizar para o chão. Poppy saiu do círculo do tecido, ainda o beijando e com as mãos ao redor de seu pescoço.

Rafe acariciou as costas, habilmente abrindo o sutiã no processo. Ele removeu a calcinha de renda, deslizando as mãos para o traseiro arredondado, provocando as dobras femininas com toques leves. Sentiu a umidade, seu sexo pulsando quando ele a encontrou pronta.

Poppy abriu o cinto e o zíper da calça com propósito feroz. Ele arfou quando

ela finalmente o descobriu. O toque dela era enlouquecedor, deixando seu corpo em chamas. Quando ela começou a massageá-lo num ritmo ousado, Rafe pensou que iria se desgraçar.

Afastou-lhe a mão de si e respirou fundo.

– Não tão rápido, *ma belle*.

– Eu quero você. – Os olhos cor de café prenderam os seus enquanto ela andava com ele, impulsionando-o para trás, até que Rafe não tivesse mais para onde ir, exceto cair deitado na cama, levando-a consigo.

O corpo delgado cobria o seu enquanto ela lhe segurava ambas as

mãos acima da cabeça dele.

– O que você está fazendo? – perguntou Rafe.

– Estou amarrando você.

Rafe riu quando ela enrolou sua gravata ao redor dos pulsos dele e ancorou-a à coluna da cama. Poppy realmente achava que aquele pedaço de seda fina iria contê-lo? Ele deixou-a brincar, mas logo se libertaria. Era ele quem estava no controle ali, não ela.

Poppy deslizou mais para baixo no seu corpo, as coxas delgadas prendendo as suas, o ardor nos olhos fazendo o sangue de Rafe ferver. Ela reuniu o cabelo na mão, jogou-os sobre o ombro

e abaixou a cabeça.

Rafe tremeu quando lábios quentes o tocaram. *Sem preservativo*. Ele testou o aperto na gravata, mas estava surpreendentemente...

apavorantemente... firme.

O deslize da língua longa, quente e molhada quase o levou ao clímax.

Ele lutou com as amarras.

– Por que não solta?

Ela ergueu os olhos de sua ereção dolorosamente grande.

– É isso que você ganha por insistir numa marca de grife. Devia ter se contentado com uma gravata barata.

Rafe gemeu quando ela continuou

provocando-o com a língua. Tentou contar de trás para a frente; pensou em diversos métodos para se distrair, mas nada adiantou. Ele estava perdendo o controle. Sentia-se flutuando. Perdeu todo o senso de si mesmo no momento em que mergulhou num esquecimento que superava qualquer coisa que já tinha sentido antes.

Ela deu um sorriso travesso e desamarrou-lhe os pulsos.

– Então, como foi a sensação de perder o controle por uma vez?

– Incrível. – Rafe inseriu um dedo dentro dela e observou o rosto bonito se contorcer de prazer. Ela pressionou-se

contra ele, incentivando-o, incitando-o. Ele retirou o dedo e virou-a, posicionando-a de costas sobre si. Pressionou-se contra ela, deixando-a sentir sua ereção rígida de trás. Poppy contorceu-se com sensualidade, procurando-o com um movimento dos quadris. Rafe quase não conseguiu se impedir de penetrá-la sem proteção. – Espere – disse, detendo-a com uma mão num dos quadris delgados. – Eu preciso de um preservativo.

Uma vez protegido, ele voltou para ela, deslizando as mãos por suas laterais delgadas.

– Você está confortável com isso? –

perguntou ele contra sua nuca.

Ela murmurou um som em concordância e contorceu-se contra ele.

Rafe penetrou-a lentamente, tentando se controlar, quando tudo que queria era explodir dentro do calor feminino. Poppy o incentivou com gemidos baixinho de prazer, e ele começou a se mover, aumentando o ritmo e a profundidade aos poucos. Ela estava com ele o tempo inteiro, aceitando-o, correspondendo com tamanha voracidade que quase o fez perder o controle de novo.

Rafe deslizou uma mão entre as pernas delgadas para lhe dar aquela

fricção extra, e, dentro de segundos, ela estava se convulsionando ao seu redor, os gritos de prazer e as contrações do corpo delicado impulsionando sua própria liberação espetacular. Ele esvaziou-se, tremendo inteiro, em seguida.

Ele não queria sair dali e quebrar aquela conexão íntima. Sentiu sua ereção murchando, mas sabia que não levaria muito tempo para despertá-la novamente. Seu desejo por Poppy era sempre crescente, em vez de estar diminuindo. No geral, neste estágio do relacionamento, ele começava a ficar entediado. Mas com Poppy, cada vez era

completamente diferente, mais excitante, mais satisfatório... mais *viciante*.

O comentário irrefletido dela sobre aproveitar o máximo do tempo ao seu lado o irritara. Ele não estava pronto para assumir qualquer compromisso, sem refletir muito antes. Escolher uma parceira de vida era algo muito sério. Tantos casamentos fracassavam porque as pessoas tinham sido levadas pela luxúria, em vez de bom senso.

Rafe era um planejador, um estrategista, não um tolo impulsivo. Não estava à mercê de sua libido.

Pelo menos, não até que fosse amarrado.

Todavia, sua conversa com Raoul o fizera pensar. Ele não queria acabar como seu avô, tendo de pagar por companhia em sua velhice. A ideia de uma esposa que seria amante, amiga e confidente era atraente. Assim como a ideia de filhos. Naquela mesma noite, eles haviam passado por um casal empurrando um carrinho de bebê. Rafe vira o olhar desejoso que Poppy dera para o bebê dentro e imaginara como ela ficaria linda grávida...

O que você está pensando? Conhece-a por quanto tempo... duas semanas?

Ele tinha de parar com isso. Talvez tivesse sido um erro levá-la a Paris, que

não era chamada de cidade do amor por nada.

Amor.

Uma palavra na qual ele não gostava muito de pensar.

Rafe afastou-se de Poppy e livrou-se do preservativo. Ela virou-se e o fitou com aquela expressão recatada que ele achava incrivelmente carinhosa. Ela fizera o papel de sedutora com tanta eficiência, mas, no fundo, sempre seria uma garota antiquada. Rafe sentiu uma pontada em seu interior quando ela pegou o vestido e usou-o como um escudo contra a nudez.

– Você não precisa se esconder de

mim, Poppy.

Ela mordeu o lábio.

– Eu sei. É que não posso evitar pensar que talvez você esteja me comparando com todas as outras mulheres que compartilharam sua cama.

A ironia era que Rafe mal podia lembrar os nomes de tais mulheres, muito menos de seus rostos ou corpos. Ele aproximou-se e segurou o rosto nas mãos.

– Você é a mulher mais linda com quem já estive... não apenas fisicamente, mas também como pessoa. E isso é muito mais importante.

– Você realmente pensa assim?

Ele deu um beijo demorado na boca.

– Eu realmente penso assim.

CAPÍTULO CATORZE

POPPY ESTAVA aguardando do lado de fora do prédio onde Rafe tivera sua reunião quando ele saiu. Ele esperara que ela fosse às compras naquela manhã. Dera um cartão de crédito para usar, e Poppy o guardara na bolsa sem protestar, mas ele vira os bonitos lábios se contraírem, como se ela estivesse fazendo uma concessão. Uma reação completamente diferente daquela das mulheres que ele conhecia, que mal conteriam sua excitação diante da

mesma oferta. Era uma mudança revigorante pensar que Poppy não contava com sua generosidade como algo garantido.

Ela aproximou-se e pegou-lhe as mãos.

– Você está bem?

– Preciso de um drinque.

– Essa nem sempre é a melhor solução.

Rafe suspirou.

– Eu sei. Eu me detesto neste momento. Acabo de demitir um homem que tem uma esposa e três filhos pequenos.

Poppy deu um olhar compassivo.

– Não havia alternativa?

Ele estudou o rosto. Ela era tão inocente.

– Ele é viciado em jogo. Roubou-me uma grande quantidade de euros. Isso vem acontecendo há alguns anos. Eu deveria denunciá-lo à polícia.

A testa de Poppy se franziu de leve em preocupação.

– Mas você não vai fazer isso, vai?

Ele deu outro suspiro cansado.

– Não.

– Existem programas, sabe? Para ajudar viciados em jogo – murmurou ela. – Por que não patrocina um para ele? Poderia lhe oferecer um acordo.

Ele tem de fazer o programa enquanto você sustenta a esposa e filhos dele, ou irá para a cadeia.

Rafe segurou-a pelos ombros e puxou-a para si, pressionando um beijo rápido em sua boca.

– Você é absolutamente brilhante, sabia?

Ela lhe deu um sorriso tímido.

– Eu não iria tão longe.

Rafe pegou seu celular e abriu-o.

– Dê-me cinco minutos. Assim que eu resolver isso, teremos uma noite memorável.

A NOITE acabou sendo realmente memorável, mas por todas as razões

erradas. Eles estavam sentados num restaurante chique quando o celular de Rafe tocou. Ele deu um olhar apologético e tirou-o do bolso da camisa.

A expressão dele tornou-se arrasada diante de seus olhos. O coração de Poppy disparou em pânico.

– Ele vai sobreviver?

Poppy sentiu seu estômago se contrair de medo. A vida de quem estava correndo perigo? O rosto de Rafe estava branco de choque.

– Eu chegarei aí o mais depressa que puder. – Ele terminou a ligação e olhou-a. – Meu irmão Raoul sofreu um

acidente enquanto esquiava em Lake Como. Há suspeitas de danos na coluna.

– Ah, não...

– Eu tenho de ir vê-lo. – Ele levantou-se tão rapidamente que o tampo de vidro da mesa balançou. – Lamento sobre esta semana. Preciso interrompê-la. Pedirei que minha secretária de Paris organize seu voo para casa.

– Não posso ir com você? – pediu Poppy quando eles saíram do restaurante. – Você precisará de apoio e eu poderei...

– Não – interrompeu ele ríspido. – Quero que você volte para casa. Lidarei com isso, sozinho.

– Mas certamente seria melhor se você...

Rafe a olhou.

– Não ouviu o que acabei de dizer? Eu não quero você comigo. Isso é sobre minha família. A responsabilidade é minha, não sua.

– Sei que você está arrasado, Rafe, mas...

– Mas o quê? – perguntou ele. – Você sabia que seria assim, Poppy. Eu nunca disse que nosso relacionamento seria para sempre. Cada um de nós tem sua própria vida, e a minha está muito ruim no momento.

Poppy foi inundada de desespero

durante o trajeto de táxi para o hotel. O que aquilo significava? Que estava tudo acabado entre eles? Ela não era corajosa o bastante para perguntar. Permaneceu em silêncio, sentindo a tensão dele no ar, combinada com a sua própria, num nó que parecia apertar seu coração.

Quando chegaram ao hotel, Rafe mal pausou para pegar seu passaporte e trocar de roupa. Poppy sentia-se impotente. Queria tocá-lo, confortá-lo, mas era como se uma fortaleza invisível tivesse se formado ao redor dele.

– Há algo que eu possa fazer? – perguntou ela quando não pôde suportar

mais tempo.

Ele ergueu os olhos do celular, depois de enviar outra mensagem de texto.

– O quê? – A pergunta foi feita em tom ríspido, como se ele tivesse esquecido quem Poppy era e por que ela estava lá.

Poppy sentiu seu coração se contrair novamente.

– Há alguma coisa que eu possa fazer por você enquanto estiver fora?

– Não. – Ele guardou o telefone no bolso, o semblante ainda mais fechado.

– Não há nada. Preciso fazer isso sozinho. – Respirando fundo, acrescentou: – Acabou, Poppy.

– *Acabou?* – Ela o fitou, sentindo-se entorpecida. – Você não está falando sério, está?

O olhar de Rafe foi ainda mais distante.

– Ouça, eu tenho de ir. Meu irmão precisa de mim. Pedirei que Margaret lhe envie um presente para compensar este fim abrupto do nosso caso.

Poppy ergueu mais a coluna.

– Por favor, não se incomode.

Ele pegou o paletó.

– Eu entrarei em contato sobre a dower house. Espero que possamos chegar a um acordo.

– Eu não vou mudar de ideia.

Ele deu um olhar determinado.

– Nem eu.

Depois que ele saiu e fechou a porta, Poppy se perguntou se Rafe estava falando sobre ela, sobre a dower house ou sobre ambos.

ERA TERRÍVEL ver seu irmão mais novo na unidade de terapia intensiva, atado a máquinas e sondas intravenosas. O estômago de Rafe estava tão comprimido que ele mal conseguia respirar. Remy estava de pé ao lado da cama de Raoul, com uma expressão confusa no rosto, que lembrou Rafe do dia em que eles tinham recebido a notícia da morte dos pais. O peso da

responsabilidade na época havia sido como chumbo nos ombros de um menino de dez anos. Naquele momento, ele entendera que precisava ter controle... que, com sete anos e quase nove, seus irmãos eram muito pequenos para entender o que acontecera e o impacto que aquilo teria em suas vidas. Rafe tivera de assumir o controle e fazê-los sentir que alguém estava cuidando deles.

Sentia-se igual agora.

– Ele não vai morrer – disse Rafe, sem acreditar nisso, realmente. Era seu papel tranquilizar, manter controle. Apoiar seus irmãos e manter a família unida, independentemente da tragédia

que os abatesse.

Remy engoliu em seco.

– E se ele não puder mais andar?

– Nem pense nisso – respondeu Rafe.

Ele já pensara na possibilidade... no impacto que aquilo teria sobre Raoul, que era o mais fisicamente ativo dos irmãos. Seu irmão preferiria morrer a passar a vida preso a uma cadeira de rodas. Se isso acontecesse, o trabalho de Rafe seria dar esperança ao irmão, assegurando que ele voltaria a andar algum dia.

Olhou para seu irmão deitado ali, parecendo tão pálido e quebrado. Olhou para aquelas pernas longas e fortes,

agora sem vida numa cama de hospital. Como Raoul suportaria nunca mais sentir o chão sob seus pés, a areia entre seus dedos... as pernas sensuais de uma amante entrelaçadas nas suas?

Era dolorosamente irônico que, apenas dias atrás, Raoul contara a Rafe, enquanto eles tomavam uma cerveja, sobre seu desejo de se casar. Qual era a chance de isso acontecer agora? E se ele não funcionasse mais? Os médicos haviam sido muito cautelosos em suas palavras até agora. Talvez, ainda não soubessem, até que mais exames fossem feitos. Danos na coluna podiam ser desde leves até muito sérios.

– Teremos de avisar *Nonno* – disse Remy, tirando Rafe de seus pensamentos.

– Sim. – Rafe endireitou o corpo e pegou seu telefone. – Ele não será de grande ajuda, todavia. Vai apenas culpar Raoul por ser viciado em adrenalina. Você era provavelmente muito pequeno para lembrar o que ele falou quando nossos pais morreram. Mas eu nunca esquecerei.

– Eu lembro... – A fisionomia de Remy era triste. – Você sabia que Raoul estava pensando em ficar noivo de Clarissa Moncrief? Acho que ele ia pedi-la em casamento enquanto eles

estavam nesta viagem para o lago.

Um nó se formou no estômago de Rafe. Ele vira Clarissa de relance na sala de espera, mais cedo. Ela fugira para o toalete feminino, em vez de lhe falar. Aquilo não predizia coisas boas, em sua opinião. Ela ficaria ao lado de Raoul se as coisas não saíssem conforme o planejado?

Ele não pôde evitar pensar em Poppy, em como ela oferecera ir com ele, para apoiá-lo. Rafe a dispensara, porque era isso que sempre fazia quando necessitava de foco.

Sentia a falta dela.

Era difícil admitir isso, mas sentia.

Sentia a falta de Poppy em centenas de maneiras diferentes... do sorriso dela, da risada deliciosa, do aroma único, do gosto doce.

Mas teria de se acostumar com esse sentimento de saudade. Não poderia levá-la para a Itália quando isso estivesse resolvido. Havia sido loucura pensar num futuro com Poppy, ou num futuro com qualquer pessoa, no momento. Ele tinha ainda mais responsabilidades sobre seus ombros agora. Como poderia pensar em se casar quando Raoul estava naquele estado? Seria muito egoísmo de sua parte anunciar um noivado enquanto seu irmão

estava numa cama de hospital.

Mas você a ama, seu idiota.

Espere aí. Seu autocontrole interrompeu. Que tolo se apaixonaria tão rapidamente? Aquilo era luxúria, nada mais.

Ele nunca deveria ter se envolvido num caso com Poppy, para começar. Estivera cego pela luxúria, que afetara seu julgamento. Não era característica sua agir tão impulsivamente, e agora precisava lidar com as consequências. Ela encontraria outra pessoa, alguém que tinha mais a ver com o mundo de um lar com lareira, crianças e cachorros.

Mas o mínimo que ele podia fazer era

ir vê-la e conversar sobre a dower house, uma vez que Raoul estivesse estabilizado.

Este era o plano, o objetivo.

Agora, ele tinha de focar.

– EU SEI que você me pediu que nunca mais mencionasse o nome dele – murmurou Chloe, algumas semanas depois. – Mas você soube como está o irmão de Rafe? Não apareceu nada da imprensa desde a primeira reportagem do acidente.

Poppy deu um suspiro doloroso.

– Eu liguei para a secretária dele algumas vezes. Ainda há incerteza sobre a mobilidade de Raoul. Ele sente um

pouco as pernas, o que, pelo menos, é um sinal positivo. Poderia ser muito pior.

– Deus, a vida é realmente terrível, às vezes – disse Chloe. – Rafe vai voltar para a mansão? A secretária dele falou alguma coisa sobre isso?

– Ela disse que Rafe voltaria em duas ou três semanas, para pegar as coisas dele.

– Não desista de Rafe ainda – aconselhou Chloe. – Às vezes, ocorrências trágicas fazem as pessoas avaliarem suas vidas. Talvez, ele a queira ao seu lado enquanto ajuda os irmãos a superarem isso.

Poppy gostaria de que tivesse a confiança de Chloe, mas sabia que Rafe era um lobo solitário quando se tratava de lidar com dificuldades. Ele precisara de muito esforço para lhe contar sobre o contador que o roubara. Contara ainda menos sobre sua infância, mas ela suspeitava que a de Rafe fora solitária, carregando muita responsabilidade para um menino de 10 anos quando os pais haviam falecido. Aquilo deixara sua marca, fazendo com que agora ele quisesse cuidar de tudo sozinho.

Não era por isso que ele a dispensara?

Sentia-se responsável pela família.

Não estava acostumado a compartilhar aquilo com ninguém.

Trabalhava de maneira punitiva, a fim de manter os negócios da família no topo. Ela sentia que a motivação de Rafe não era tanto sobre um desejo de ser bem-sucedido, porém mais sobre compensar o vazio que sentia pelo fato de ter ficado órfão tão cedo.

Era esperar demais que um dia ele visse que não tinha de fazer aquilo sozinho? Que poderia dividir a carga com alguém que se importava com ele e com sua felicidade?

É claro que era.

Ela não deveria continuar com esse

jeito idealista de ver um final feliz em tudo. A vida às vezes era difícil, e Poppy precisava ser dura para lidar com isso.

Era hora de endurecer.

CAPÍTULO QUINZE

RAFFE DIRIGIU para a mansão três semanas depois. Sua cabeça latejava; estava cansado por não ter dormido propriamente desde que descobrira sobre o acidente de seu irmão. Raoul estava muito melhor fisicamente... a concussão que ele sofrera tinha passado, e o braço direito quebrado já estava quase bom... mas era óbvio que ele estava tendo dificuldades de aceitar seu dano na coluna. Raoul fizera uma cirurgia para descomprimir a espinha

dorsal, mas os médicos ainda estavam um pouco cautelosos sobre quão boa seria a recuperação geral dele.

Quando Rafe saíra da unidade de reabilitação particular para onde Raoul havia sido transferido, seu irmão estivera sentado em sua cadeira, olhando cegamente pela janela. Ele mal falara uma palavra desde que deixara o hospital. Testemunhar aquilo era devastador. Rafe não suportava ver seu irmão vibrante tão triste e apático naquela cadeira.

Rafe culpava Clarissa Moncrief. Raoul a pedira em casamento na noite anterior ao acidente, e ela prontamente

aceitara. Rafe não acreditava nem por um segundo que ela amasse Raoul ou que Raoul a amasse, mas essa não era a questão. Clarissa terminara o relacionamento com total desrespeito pelos sentimentos dele.

Rafe estava determinado a tirar Raoul do estado depressivo de autopiedade. Estava no processo de procurar uma especialista sobre quem lera num artigo on-line, uma jovem inglesa chamada Lily Archer, que trabalhara com a filha de um sheik rico que tinha sofrido um acidente enquanto cavalgava. Halimah Al-Balawi tivera uma recuperação tão impressionante que desafiara o

prognóstico dos médicos. Rafe estava determinado a contratar os serviços da srta. Archer, independentemente de quanto custasse ou de quanta resistência seu irmão colocasse. Raoul podia ser teimoso quando as coisas não eram como ele queria, mas Rafe tinha a intuição de que Lily Archer era a pessoa certa para curá-lo.

Mas antes que Rafe voltasse para estar com Raoul, precisava resolver outra coisa. Não tivera notícias de Poppy, mas então, não esperara ter. Ele deixara as coisas bem claras para ela. Mas o incomodava o fato de poder ter lidado melhor com as coisas. Fechara-se

assim que soubera do acidente de seu irmão. Era assim que lidava com crises, fechando todas as distrações e concentrando-se na tarefa em mãos.

Todavia, ver como Clarissa saíra da vida de seu irmão de maneira tão fria o fizera pensar. Rafe não gostara do que vira quando examinara a si mesmo. Como Poppy se sentira por ter sido dispensada daquela maneira? Como ele podia ter feito aquilo com ela?

As luzes estavam acesas na dower house quando ele estacionou o carro. Ele viu Poppy se movendo ao redor da cozinha quando pegou o caminho para a porta dos fundos. Ela usava o avental

florido, e o cabelo estava preso no topo da cabeça, enquanto ela carregava uma bandeja para o forno.

Os cachorros deviam tê-lo ouvido, porque começaram a latir, e Poppy imediatamente enrijeceu, colocou a bandeja sobre a bancada e virou-se para vê-lo através do vidro perto da porta dos fundos, o rosto empalidecendo, antes que ela parecesse se recompor. Ela removeu as luvas de forno e foi abrir a porta.

– Sim?

Rafe sabia que merecia uma recepção fria, mas esta não era a Poppy que ele conhecia.

– Oi. Eu vi sua luz acesa.

– Eu acendo a luz depois que escurece – replicou ela. – É caro, mas estou cobrindo todas as minhas despesas, agora que estou seguindo seu plano de negócios. Sem mais distribuições gratuitas. Sem mais crédito. Sem mais ser explorada. Eu gostaria de ter feito isso mais cedo.

Rafe deu um sorriso fraco.

– Bom para você.

Ela era como uma estranha, uma estranha fria e distante que não sorria, cujos olhos cor de café não se iluminaram quando ela o viu. Até mesmo os cachorros pareciam sentir a mudança,

pois não estavam competindo pela atenção de Rafe, mas parados a distância, olhando-o zangados. Pickles parecia dizer: “Eu sabia que não podia confiar em você.”

– Eu deveria ter ligado para lhe avisar que estava vindo – disse Rafe.

– Para quê? Para que eu pudesse estender o tapete vermelho para você?

Ele franziu o cenho.

– Não, eu só queria explicar por que fui embora de Paris daquele jeito.

– Não precisa explicar. Entendi perfeitamente, Rafe. Você não precisava mais de mim. Queria estar sozinho para que pudesse se concentrar no seu irmão.

Como ele está?

– Saiu do hospital. Pretendo levá-lo para casa na Normandia quando receber alta do centro de reabilitação.

– Não saiu nada na imprensa.

– Não, estamos tentando manter as coisas em segredo. Mas não tenho certeza quanto tempo isso vai durar.

Silêncio se seguiu.

Rafe não podia acreditar como aquilo era difícil. Sentia-se desequilibrado, desorientado. Poppy estava tão inalcançável, tão contida que parecia haver uma parede invisível ao redor dela.

– Eu tomei uma decisão – disse

Poppy. – Você pode comprar a dower house. Eu não a quero mais. Ela nunca deveria ter sido separada da mansão. Uma pertence à outra.

Rafe piscou para se reorientar.

– Quanto você quer?

– Vinte e cinco por cento acima do valor do mercado.

Ele exalou o ar, lentamente.

– Você sabe negociar.

– Tive um ótimo professor.

Rafe estudou as feições, procurando por algum sinal de rachadura na nova armadura, mas não encontrou nenhum. Foi tomado por uma tristeza profunda. Ela realmente tivera um ótimo professor.

Ele fizera aquilo com ela.

– Eu pedirei que minha secretária cuide da papelada.

– Certo.

Outro silêncio se seguiu.

– Algo mais? – O tom de Poppy era impaciente.

– Não. – Ele forçou um sorriso. – É isso, então.

Ela não retornou o sorriso. Nem mesmo esperou que ele tivesse se virado para ir em direção ao carro, antes que fechasse a porta.

Rafe olhou para o painel de madeira por um momento. Brincou com a ideia de bater e recomeçar, mas dispensou o

pensamento.

Era melhor assim. Tinha conseguido o que queria: ela ia vender a dower house.

Objetivo.

Foco.

Vender.

O irônico era que esta vitória, agora que ele conseguira, não tinha o gosto tão doce.

— CONSEGUIU ENCONTRAR a fisioterapeuta Lily Archer? — perguntou Rafe para sua secretária quando voltou para Londres depois de ter levado Raoul para seu palacete na Normandia.

— Sim, mas aparentemente ela não trabalha com clientes do sexo masculino

– replicou Margaret.

Rafe suspirou em irritação.

– Então, faça-a mudar de ideia. Eu não me importo com quanto vai custar.

– Como está Raoul?

– No mesmo. – Ele passou uma mão pelo cabelo. – Não come. Quase não toma líquidos. Apenas fica sentado, deprimido o tempo inteiro.

– Um pouco como você, então.

As sobrancelhas de Rafe se arquearam.

– O que isso significa?

Margaret deu um olhar sábio.

– Você me lembra um dos meus filhos, para quem é tudo ou nada. Ele

não sabe fazer concessões. Não precisa ser uma coisa ou outra, Rafe. Você pode ajudar Raoul e ser feliz em sua vida amorosa.

– Eu não tenho uma vida amorosa. – Ele andou para a janela e olhou para o tempo sombrio do lado de fora.

– Você sente a falta dela, não é?

Rafe virou-se para encará-la.

– Talvez você precise dar outra olhada na descrição de seu trabalho. Pelo que eu me recordo, não diz nada sobre fazer comentários da minha vida particular.

– Você é um bom chefe, Rafe, e um homem bom – continuou Margaret. – O

que fez por Armand, seu contador em Paris, é prova disso.

– Aquilo foi ideia de Poppy, não minha. – Rafe enfiou as mãos nos bolsos. – Eu ia mandá-lo para apodrecer na prisão.

– Não, você não ia – discordou Margaret. – Teria encontrado uma maneira de ajudá-lo. Assim como ajuda muitas pessoas. Como a fundação que criou para crianças que perderam os pais. Engraçado como a imprensa gosta de reportar com quem você dorme, mas nunca reportam as coisas boas que você faz.

Rafe virou-se para a janela, mais uma

vez. Não podia suportar o pensamento de dormir com qualquer mulher que não fosse Poppy. Sua necessidade por ela lhe causava dor. Nem era somente do sexo que sentia falta.

Sentia falta do sorriso de Poppy, do jeito que os olhos castanhos se iluminavam toda vez que ela o fitava. O modo que o toque suave dela aliviava a solidão em seu interior. A maneira que ela se entregava a ele com total confiança.

Mas ele destruíra as coisas que mais amava sobre Poppy. Ela não o olhava mais do mesmo jeito. Não queria tocá-lo. Não confiava nele.

Ele poderia reconquistar a confiança dela? Fazê-la sorrir? Seria capaz de causar brilho nos olhos cor de café quando entrasse num cômodo?

– Você quer que eu envie alguma joia a srta. Silverton? – perguntou Margaret.

– Rubis, safiras ou talvez pérolas?

Rafe virou-se para encará-la.

– Não, eu farei isso pessoalmente.

Margaret arqueou as sobrancelhas.

– Tem certeza?

– Absoluta.

Rafe nunca tivera tanta certeza de qualquer coisa em sua vida. Foi como se uma cortina de pedra tivesse se erguido em seu cérebro.

— Cancele todos os meus compromissos — disse ele. — Eu vou viajar.

— Precisa que eu reserve um quarto de hotel?

— Não, eu ficarei na mansão.

— Mas pensei que você fosse vendê-la. — Ela virou-se para olhá-lo quando ele pegou o paletó. — Você me pediu que contatasse o corretor de imóveis, a fim de colocá-la de novo no mercado.

— Vender a mansão? Está louca? — Ele pegou as chaves da mesa. — Eu vou morar lá.

POPPY ESTAVA esvaziando a vitrine de doces no fim do dia, quando o sino de

vento tocou. Um arrepio percorreu sua pele e seu coração começou a galopar. Ela virou-se lentamente, a respiração presa na garganta. Rafe estava parado lá, tão lindo como sempre, mesmo se parecendo cansado. Havia sombras sob os olhos escuros e o rosto estava mais magro.

Ela adotou sua expressão profissional.

– Gostaria de um café?

– Na verdade, eu gostaria de uma xícara de chá.

Ela piscou.

– Chá?

Ele deu um sorriso irônico.

– O café do hospital era horrível. Era pior ainda no centro de reabilitação. Eu tive de recorrer ao chá e me acostumei, após um tempo. Agora, não posso passar um dia sem uma ou duas xícaras de chá.

– Nunca pensei que fosse ver este dia
– confessou Poppy com leveza forçada.
– Suponho que você não quer um pedaço de bolo?

– Você tem bolo de manteiga?

– Bolo de manteiga?

– De preferência, cru.

Ela piscou, novamente.

– *Cru?*

Ele sorriu, mas havia tristeza no sorriso.

– Minha mãe costumava fazer bolos para nós. Não queria que crescêssemos comendo bolachas e com empregadas fazendo tudo para nós. Meu bolo favorito era de manteiga com baunilha. Ela sempre me deixava lambe a vasilha. No dia anterior que ela e meu pai morreram, ela me deu uma colher cheia de massa de bolo.

Poppy piscou, mas, desta vez, para conter as lágrimas.

– Ah, Rafe...

– Suponho que seria uma coisa nova ter um bolo de casamento cru – murmurou ele. – Você acha que alguém já fez isso antes?

Tristeza inundou o coração de Poppy.

– Você vai se casar?

Os olhos quase pretos reluziram.

– Espero que muito em breve.

Ela engoliu um nó na garganta. Não o olhou, de modo que ele não visse o desapontamento nos seus olhos.

– Quem é a garota sortuda?

Rafe pegou as mãos nas suas.

– É isso que eu amo sobre você, Poppy. Nunca conta com nada como garantido. Você é modesta, graciosa e incrivelmente doce, e não suporto o pensamento de passar outro dia sem você.

Os olhos dela se arregalaram.

– Você me ama?

– Acho que me apaixonei por você no primeiro dia em que entrei aqui e encontrei seus lindos olhos. Adorei seu jeito irritadiço, o fato de não ser nem um pouco intimidada por mim. Você estava preparada para lutar por aquilo que acreditava. Todavia, o que admiro ainda mais em você é o fato de colocar suas necessidades de lado por outros. A forma como percebeu que a mansão e a dower house pertenciam uma à outra. Fui muito teimoso para enxergar isso, mas, embora você quisesse manter a casa, viu o bem maior em abrir mão da mesma.

– Não acredito no que estou ouvindo...

Rafe sorriu, puxando-a para mais perto.

– Case-se comigo, *ma petite*. Por favor?

O sorriso com covinhas que Poppy deu foi a coisa mais linda que ele já vira.

– Sim.

Era inacreditável como uma única palavra tinha o poder de fazê-lo tão feliz.

– Tenho algo para você – murmurou ele, tirando uma caixinha de veludo do bolso do paletó. – Mande fazer

especialmente para lhe dar.

Poppy prendeu a respiração enquanto abria a caixa para revelar um diamante de princesa que brilhava muito.

– É tão maravilhoso...

Rafe tirou o anel da caixa e deslizou-o no dedo dela, segurando a mão na sua.

– Diamantes são para sempre, *ma chérie*. Eu não me contento com nada menos de você. Espero que entenda isso. E quero filhos. Pelo menos, dois.

O sorriso de Poppy fez os olhos cor de café dançarem.

– Eu amo você.

Ele a abraçou mais forte.

– Eu a amo tanto. Não sei como não

percebi isso antes. Devo ter magoado tanto você, deixando-a em Paris daquela forma... e depois quando fui vê-la na dower house. Fiquei tão chocado com a mudança em você. Achei que eu a tinha perdido para sempre, que eu a tinha mudado para sempre.

Poppy descansou a cabeça contra o peito dele. Pertencer a alguém que a amava era o sentimento mais divino do mundo. Ela sentia o amor no toque de Rafe, no olhar dele, nos braços fortes e protetores.

— Foi tão difícil ser fria. Fiquei surpresa por você não perceber que eu estava fingindo uma dureza que não

sentia. Mas você está aqui agora, e isso é tudo que importa.

Ele ergueu-lhe o rosto para dar um beijo apaixonado na boca.

– O que você acha de morar na mansão?

O rosto de Poppy se iluminou com felicidade.

– Você fala sério?

Rafe sorriu.

– Seria um lar perfeito para uma família, não acha?

Ela jogou os braços ao redor dele e o abraçou com força.

– Esse seria um sonho se tornando realidade.

MESTRE DA VIRTUDE

MIRANDA LEE

– Tudo pronto para partir, Violet? – perguntou seu pai da cozinha.

– Quase! – gritou ela em resposta, aliviada pelo fato de que ainda faltava um ano para o próximo Natal. Não via a hora de voltar para sua vida normal em Sydney.

Sabia que havia amado o Natal em algum momento de sua vida, pensou

enquanto dava uma última olhada para seu quarto. Em algum momento, também tinha amado aquele lugar. Mas isso fora quando ela estava com 12 anos, um ano inteiro antes da puberdade atingi-la e seu mundo despreocupado de menininha mudar para sempre.

Depois disso, seu quarto se tornou uma prisão. Admitia que era uma cela muito bonita, com paredes rosa, televisão e DVD; mas uma prisão ainda assim.

– Hora de ir, Violet! – disse seu pai, dessa vez da porta aberta do quarto dela. – Você não quer perder seu voo.

Deus, não quero mesmo, pensou ela

estremecendo enquanto colocava a bolsa no ombro e pegava a pequena mala. Quatro dias em casa eram mais do que o suficiente. Não eram apenas as memórias evocadas, mas todo o interrogatório sem fim de sua família bem-intencionada ao redor da mesa, no dia de Natal. Como estava o trabalho? Ela estava escrevendo? E sua vida amorosa?

Ah, sim, a conversa sempre envolvia sua vida amorosa. Ou a falta dela.

Naquele ano, quando Violet disse que não estava namorando, Gavin, seu irmão maravilhosamente discreto, perguntou se era lésbica. Felizmente, foi criticado por

todos os outros, em especial por seu cunhado, Steve, que se casara com sua irmã, Vanessa, e era um ótimo sujeito. Todo mundo riu quando ele disse que se Violet era lésbica, ele, então, era gay. O que era bem improvável, já que era um trabalhador da construção civil, grande e musculoso, com uma mulher, dois filhos e uma motocicleta cara.

O assunto foi abandonado depois disso, graças aos céus. Mas no dia seguinte, quando ela e Vanessa ficaram sozinhas na cozinha, sua irmã a observou por um tempo antes de dizer:

– Sei que você não é gay, Vi. Mas não é virgem ainda, é?

Violet mentiu, claro, alegando que perdera sua virgindade quando estava na universidade. Vanessa não pareceu totalmente convencida, mas esqueceu o assunto, pelo que Violet se sentira muito grata.

Elas nunca foram muito próximas; nunca tinham confiado uma na outra como fazem algumas irmãs. Vanessa era oito anos mais velha, e jamais dividiram os mesmos interesses.

Ainda assim, parecia incrível que qualquer pessoa de sua família pensasse que ela acharia fácil se relacionar com o sexo oposto. Anos de sofrimento devido à acne arruinaram sua adolescência,

transformando sua personalidade, antes alegre e atirada, em tímida e introvertida. O ensino médio tinha sido uma tortura. Não era apenas o irmão que fazia piadas sobre as acnes dela. Violet fora provocada e agredida tantas vezes que chegava em casa chorando quase todos os dias.

Sua mãe, angustiada, comprara cada produto conhecido pela humanidade para corrigir o problema, mas nada parecia funcionar. Ela não fora levada ao médico, porque o pai insistia que aquilo melhoraria com o tempo. Mas não melhorou com o passar dos anos, não até uma conselheira da escola

levasse Violet ao próprio médico poucos meses antes de sua formatura.

A médica ginecologista prescrevera uma loção antibiótica e receitara a Violet um tipo de pílula anticoncepcional que era famosa pela correção do desequilíbrio hormonal, o causador de sua acne. As feias espinhas vermelhas foram desaparecendo de forma gradual, mas infelizmente buscar conforto na comida deixara Violet com dois problemas que a deprimiam. As cicatrizes e a obesidade.

**077 – DESAFIANDO
O DESEJO – KELLY
HUNTER**

MODERN SEXY

Tudo o que Ruby Maguire quer de um homem é honestidade, e isso é exatamente o que Damon West não pode lhe dar. O caso deles deveria durar apenas uma semana, mas algo diz a Damon que se afastar de Ruby será uma missão impossível...

**356 – CONQUISTA ESPECIAL –
EMMA DARCY**

Lucy Flippence é um peixe fora d'água no mundo luxuoso do magnata Michael Finn. Em sua cama, porém, ela se encaixa perfeitamente. Mesmo sabendo que ele não se prende a nenhuma mulher, Lucy ignora seus sentimentos e se deixa envolver. Mas um segredo pode antecipar o prazo de validade desse já breve *affair*.

357 – TUDO POR VINGANÇA – CATHY WILLIAMS

Para ajudar sua família, Lucy Robins precisa da ajuda de Gabriel Diaz. O problema é que ela o rejeitou no passado, e, desde então, ele espera pela oportunidade de se vingar!

358 – NAS MÃOS DO DESTINO – CAITLIN CREWS

Alicia Teller tem uma aventura de uma noite com um sexy desconhecido. Mas qual não é sua surpresa quando descobre que ele é ninguém menos que Nikolai Korovin, seu novo chefe!

360 – MESTRE DA VIRTUDE – MIRANDA LEE

Violet acha que já viveu nas sombras por muito tempo e está decidida a se tornar uma nova mulher. E não há ninguém melhor para guiá-la nessa jornada do que o atraente Leo Wolfe.

361 – JAMAIS SUBESTIME O DESEJO – MELANIE MILBURNE

Após um acidente que o deixa em uma cadeira de rodas, Raoul Caffarelli é posto sob os cuidados da fisioterapeuta Lily Archer. Com a paixão crescente

entre os dois, será ela capaz de manter a promessa de não se envolver com nenhum homem de novo?

362 – CORAÇÃO FORJADO – MAISEY YATES

Zafar Nejem, Sua Majestade de Al Sabah, resgata Analise Christensen de sequestradores beduínos. Mas ela está noiva do líder do reino vizinho, e a paixão abrasadora entre os dois poderá causar uma guerra...

363 – JAMAIS ARRISQUE O AMOR – MELANIE MILBURNE

Angelique Marchand vai atrás de Remy Caffarelli no Oriente Médio para

resgatar uma herança de família. Mas seus planos vão por água abaixo quando os dois são obrigados a se casar, e o playboy decide se aproveitar da situação para beneficiar seus negócios!

364 – PROCESSO DE SEDUÇÃO – LUCY MONROE

Audrey Miller se candidata ao emprego de babá dos sobrinhos do atraente Vincenzo Tomasi. Mas ela não sabe que o milionário espera encontrar na candidata ideal uma esposa! Audrey conseguirá enfrentar este processo seletivo inacreditável?

365 – SABOR DO PROIBIDO –

CAROLE MORTIMER

A talentosa confeitadeira Grace Blake sempre foi muito centrada e educada, mas Cesar Navarro, seu novo chefe, parece ter o poder de tirá-la do sério! Apesar de saber que não deve se envolver com seus funcionários, ele está muito tentado a provar os sabores de Grace...

366 – MUDANÇA DE PLANOS – LYNN RAYE HARRIS

Holly e Drago tiveram uma noite de paixão apenas, que acabou com ele dispensando-a na manhã seguinte. Um ano depois, eles se reencontram. Mas agora Holly tem um segredo, e quando

Drago descobrir, sua ira só não será maior que seu desejo...



ROMANCES SENSUAIS

NOVO

LANÇAMENTO!

BLACKOUT

Jennifer LaBrecque

[clique aqui e leia o 1º capítulo!](#)

LANÇAMENTO



H HARLEQUIN®
TM
www.harlequinbooks.com.br

Siga nossas redes sociais, conheça nossos

lançamentos e participe de nossas promoções em
tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)

[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

PUBLICADO SOB ACORDO COM
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a
reprodução, o armazenamento ou a
transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou
mortas é mera coincidência.

Título original: NEVER SAY NO TO A
CAFFARELLI

Copyright © 2013 by Melanie Milburne
Originalmente publicado em 2013 por Mills &
Boon Modern Romance

Projeto gráfico de capa:
Nucleo i designers associados

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Arquivo ePub produzido pela Ranna Studio

ISBN: 978-85-398-1204-2

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Contato:

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Teaser

Querida leitora

Rosto

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Próximos lançamentos

Créditos